

ODEBRECHT

Nº 139 ANO XXXVI NOV/DEZ 2008

INFORMA

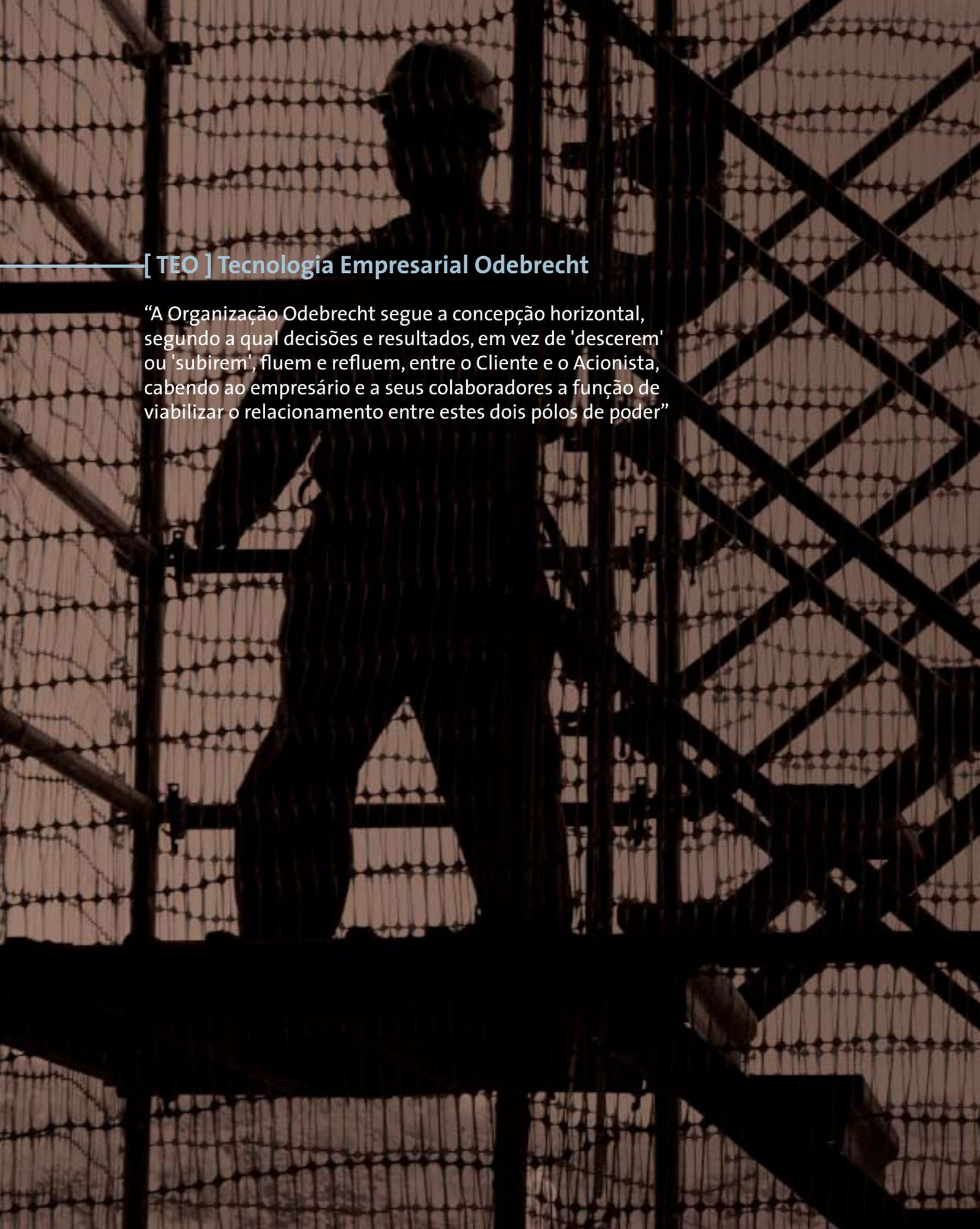
ESTÁDIOS

A ENGENHARIA GARANTE
A FESTA DO ESPORTE NO BRASIL E
NOS ESTADOS UNIDOS

PROJETO DE OSCAR NIEMEYER EM
EXECUÇÃO EM BELO HORIZONTE

EMISSÁRIO SUBMARINO DE POLIETILENO
BATE RECORDE DE EXTENSÃO

ETH DESENVOLVE NOVAS VARIEDADES
DE CANA-DE-AÇÚCAR

A person wearing a dark, textured jumpsuit is standing on a metal structure, possibly a scaffolding or a climbing frame. The background is a safety net with a diamond pattern. The lighting is dim, creating a silhouette effect on the person and the structure.

[TEO] Tecnologia Empresarial Odebrecht

“A Organização Odebrecht segue a concepção horizontal, segundo a qual decisões e resultados, em vez de 'descerem' ou 'subirem', fluem e refluem, entre o Cliente e o Acionista, cabendo ao empresário e a seus colaboradores a função de viabilizar o relacionamento entre estes dois pólos de poder”

Caro leitor,

Nos mais diferentes pontos do planeta, em contextos políticos, sociais, econômicos e religiosos distintos, as pessoas vão para as praças esportivas torcer, jogar, apreciar, celebrar a vida. Quanto maior o evento, mais mobilização, mais sentimento de pertencer a um grupo e a uma nação – a paixão pelo esporte refletindo a paixão pelo país. Foi assim em 2007, no Rio de Janeiro, por exemplo, quando da realização dos Jogos Pan-Americanos, e por certo assim também será em 2014, ano em que o Brasil sediará a Copa do Mundo de futebol.

A Odebrecht, com sua experiência na construção de instalações esportivas, contribuiu de maneira decisiva para que o Rio de Janeiro concretizasse o sonho de sediar os Jogos Pan-Americanos ao construir o Estádio Olímpico João Havelange e reformar o Complexo do Maracanã. Em 2008, a empresa deu prosseguimento à sua atuação nesse setor e entregou à Universidade Internacional da Flórida seu novo estádio de futebol americano, com capacidade para 18 mil espectadores e já preparado para uma ampliação que o deixará em condições de receber 45 mil pessoas. Foi a realização de um sonho para a maior universidade pública do sul da Flórida e um motivo a mais de orgulho e motivação para seus alunos.

Orgulho é o que também sentem os moradores de Iquitos, a maior cidade da Amazônia peruana. Um amplo projeto de abastecimento de água potável está tornando mais fáceis as condições de trabalho e evitando problemas de saúde no município. Algo semelhante ocorre nas cidades fluminenses de Nova Iguaçu, Macaé e Rio das Ostras, que passam por obras de reurbanização responsáveis pela introdução de soluções de infra-estrutura que, entre outros benefícios, colocarão um fim a enchentes e alagamentos que há muito tempo atormentam comunidades desses municípios. Já no litoral sul de São Paulo, a instalação de um emissário submarino recordista sul-americano em extensão, feito de polietileno, significará um ponto final à poluição de praias da região.

Para os integrantes da Odebrecht, participar de realizações como essas, que proporcionam às pessoas mais qualidade de vida, mais orgulho do lugar onde vivem, trabalham e estudam, causa satisfação e dá a certeza de que seu espírito de servir surtiu os efeitos esperados. O desenvolvimento desse espírito é uma das bases da Tecnologia Empresarial Odebrecht – TEO, cujo primeiro documento de referência completa 40 anos em 2008. É o livro *De Que Necessitamos?*, escrito pelo fundador Norberto Odebrecht em 1968. Em homenagem à data, Marcelo Odebrecht, Vice-Presidente da Odebrecht S.A., escreve um artigo nesta edição em que reitera: “Cabe a nós internalizarmos a TEO e praticá-la em todos os âmbitos, porque, assim, podemos assegurar a Sobrevivência, o Crescimento e a Perpetuidade da Organização Odebrecht”.

“A base para que tudo funcione é o apoio dos mais experientes aos mais novos, em todos os níveis.”

Fábio Gonçalves (OI-138) – 2008



“A qualidade serve como apoio para se obter diferencial de competitividade, tendo sempre como orientação a satisfação do cliente.”

Luiz Eduardo Ematné (OI-70) – 1995

“A TEO e a plena integração à cultura local constituem a nossa maior diferenciação. No fim do dia o cliente quer decisões rápidas, de preferência na frente de serviço, quer pessoas com poder para tomá-las do lado dos contratistas, quer uma equipe motivada, consciente, para fazer o que é certo, no prazo, com qualidade, e recompensada pelos resultados gerados. A TEO permite tudo isso.”

Alessandro Dias Gomes (OI-127) – 2006

“Uma das vantagens comparativas de estar atuando em mais de 20 países é que a Odebrecht dispõe de uma rede de negócios, que lhe permite executar empreendimentos desde a equação financeira até a manutenção, após a entrega.”

Renato Baiardi (OI-81) – 1997

“O trabalho de formação de integrantes venezuelanos evitou que tivéssemos de trazer pessoas do Brasil, e isto é uma prioridade para nós. A Linha 4 do Metrô de Caracas nos expôs totalmente na Venezuela e o que as pessoas viram foi uma empresa com a cara venezuelana e a cultura da Odebrecht.”

José Cláudio Daltro (OI-126) – 2006

“O modelo de gestão da Odebrecht gera muitas oportunidades. A descentralização abre espaços para o desenvolvimento do indivíduo. Há uma política de valorização, de estímulo, de desafio às pessoas.”

Paulo Lacerda (OI-56) – 1993

“Uma das atividades mais integradoras é fazer o máximo de esforço para a comunicação, empenhando-se em aprender o melhor possível a língua local, a ponto de escrever no idioma do país.”

Fernando Reis (OI-134) – 2008

REFLEXÕES DE INTEGRANTES, EX-INTEGRANTES, PARCEIROS E CLIENTES DA ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT, REGISTRADAS EM REPORTAGENS DE ODEBRECHT INFORMA.

>> Veja em odebrechtonline.com.br <<

- > VÍDEOS: ETH investe na formação de operadores industriais e novos parceiros // Projeto Onda Limpa utiliza as maiores tubulações de polietileno do Brasil na construção de emissário submarino
- > EDIÇÃO IMPRESSA: Leia a íntegra da edição nº 139 (novembro/dezembro de 2008)
- > EDIÇÕES ANTERIORES E EDIÇÕES ESPECIAIS: Arquivos em PDF e online desde a edição nº 113 (maio/junho de 2004)
- > SITES ESPECIAIS: Acesse arquivos do Relatório Anual da Odebrecht S.A. desde 2002, da Reunião Anual da Organização Odebrecht desde 2002 e de publicações especiais (60 anos da Organização Odebrecht, 40 anos da Fundação Odebrecht e 10 anos da Odeprev)
- > PARCEIRO-REPÓRTER: Consulte as orientações e mande um vídeo sobre seu negócio
- > Nos meses de setembro e outubro de 2008 o site da *Odebrecht Informa Online* recebeu 62.357 visitas. Fonte: Locaweb

RESPONSÁVEL POR COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL NA ODEBRECHT S.A.
Márcio Polidoro

RESPONSÁVEL POR PROGRAMAS EDITORIAIS NA ODEBRECHT S.A.
Karolina Gutiez

COORDENADORES NAS ÁREAS DE NEGÓCIOS
Marco Antônio Antunes Pereira
ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO E INVESTIMENTOS EM INFRA-ESTRUTURA

Nelson Letaif
QUÍMICA E PETROQUÍMICA

Miucha Andrade
AÇÚCAR E ÁLCOOL

COORDENADORA NA FUNDAÇÃO ODEBRECHT
Marta Castro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Versal Editores

EDITOR
José Enrique Barreiro

EDITOR EXECUTIVO
Cláudio Lovato Filho

EDITORA DE FOTOGRAFIA
Holanda Cavalcanti

ARTE | PRODUÇÃO GRÁFICA
Rogério Nunes

INFOGRAFIA
Adilson Secco

PRÉ-IMPRESSÃO | IMPRESSÃO
Pancrom

Editada também em inglês e espanhol. Publicação para divulgação interna da Organização Odebrecht. Editada pela Odebrecht S.A. Tiragem: 21.000 exemplares

REDAÇÃO
Rio de Janeiro:
(21) 2239-1778 e 2239-4023
São Paulo:
(11) 3030-9466 e 3030-9467

versal@versal.com.br

Agradecemos a todos que colaboraram para a realização desta edição.



- 2** PENSAMENTOS
- 9** PERFIL
- 20** FILOSOFIA EMPRESARIAL
- 32** ÚLTIMA GERAÇÃO
- 63** LIVRO
- 73** REGISTRO
- 4** TRANSPORTES
Concluída via expressa exclusiva para ônibus, um destaque do projeto Transporte Moderno de Salvador
- 10** LOGÍSTICA
O apoio fundamental da OLEx para a atuação das equipes da Odebrecht mundo afora
- 15** INFRA-ESTRUTURA
Cidades fluminenses de Nova Iguaçu, Macaé e Rio das Ostras se renovam com obras de urbanização
- 22** PETROQUÍMICA
Grupo Jacto utiliza polietileno na fabricação dos implementos agrícolas que exporta para mais de 100 países
- 26** Sorvetes da Nestlé e discos multimídia da Videolar chegam ao mercado com novas embalagens
- 30** Unificação da identidade visual simboliza o fechamento do processo de integração entre Braskem e Ipiranga
- 34** EDIFICAÇÕES
Em execução em Belo Horizonte, Centro Administrativo de Minas Gerais tem projeto de Oscar Niemeyer
- 40** AÇÚCAR E ÁLCOOL
Na Estação Experimental da Unidade Eldorado da ETH, a busca meticulosa pela cana-de-açúcar mais competitiva
- 44** DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS
ETH Bionergia investe na formação de equipes para atuar em seus três pólos produtivos
- 48** ESPORTES
Universidade Internacional da Flórida, em Miami, inaugura seu estádio de futebol, a casa dos Golden Panthers
- 56** PERU
Obra de abastecimento de água transforma a realidade de Iquitos, a maior cidade da Amazônia peruana
- 64** SANEAMENTO
Feito de polietileno, emissário submarino no litoral sul de São Paulo é recordista em extensão
- 82** CULTURA
“Mapas e Rios: a Produção Cartográfica de Theodoro Sampaio” é o projeto vencedor do Prêmio Clarival do Prado Valladares
- 86** DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
Programa capacita jovens do Baixo Sul da Bahia a divulgarem ações realizadas em suas comunidades

NOSSA CAPA



Evento de inauguração do novo estádio da Universidade Internacional da Flórida (Florida International University – FIU), em Miami.
Foto de Américo Vermelho.

Um mergulho para ordenar o trânsito

Projeto Transporte Moderno de Salvador supera etapa importante com a inauguração de uma via expressa para ônibus

TEXTO Rogério Menezes FOTOS Adriano Ribeiro





[A via expressa para ônibus: elemento crucial para a solução dos problemas de trânsito na região da Avenida Paralela]

O MOVIMENTO DE HOMENS E MÁQUINAS EM AÇÃO É FRENÉTICO NO CANTEIRO DE obras às margens da Avenida Paralela, em torno da qual está o epicentro da região de tráfego mais intenso de Salvador. Os engenheiros e operários se referem ao setor em que ora atuam como “Área do Mergulho” ou apenas “Mergulho”. Estamos em outubro de 2008 e ocorrem ali as ações de intervenção viária e urbana para o redirecionamento do tráfego da Avenida Luiz Viana Filho (como a Paralela é menos conhecida), no sentido Aeroporto-Centro. Trata-se da continuidade da construção do Sistema Iguatemi-Paralela-Orla, uma das etapas mais importantes do TMS – Transporte Moderno de Salvador.

Iniciativa da Prefeitura de Salvador e executado pela Construtora Norberto Odebrecht (CNO), esse projeto teve, em agosto, uma de suas etapas mais importantes inaugurada: a via expressa para ônibus, com 1,5 km de extensão ligando os viadutos Nelson Daiha e Luiz Eduardo Magalhães, uma passarela para pedestres com 250 m de extensão sobre a Avenida Tancredo Neves e a complementação da marginal a esta avenida.

No centro desse sistema viário, no centro desse ir-e-vir acelerado de trabalhadores e máquinas, está o mestre-de-obras pernambucano Mário Francisco Gomes. Mais conhecido como Mário Ipojuca, 69 anos, 43 de Odebrecht, ele proclama – entre caminhadas curtas, mas velozes, e rápidas conversas com as dezenas de operários que comanda e com os engenheiros que sempre buscam suas opiniões: “A gente aqui funciona como uma equipe de futebol bem-treinada. Um por todos, e todos por um”.

Admitido pela empresa em 1965, quando leu em Recife, Pernambuco, um anúncio procurando “carpina” (carpinteiro) para participar da construção de uma ponte sobre o Rio Ipojuca (daí o apelido que carrega desde então), Mário desembarcou em Salvador em 1973. Logo em seguida, nas proximidades de uma Avenida Paralela que apenas começava a se configurar, participou da construção de duas importantes obras: o novo Terminal Rodoviário de Salvador, inaugurado em 1974, e o Shopping Center Iguatemi, aberto ao público em 1975, ambos situados nessa outrora erma região de Salvador. Ele conta: “Isso aqui tudo era mata. Lembro bem: no lugar onde hoje é o Iguatemi existia apenas uma plaquinha enferrujada anunciando que ali se construiria um dia a nova sede do Esporte Clube Bahia”.

James Lingerfelt, 62 anos, atualmente consultor de administração contratual da CNO, ex-integrante da empresa, volta ainda mais no túnel do tempo. Nos anos 1950, ainda garoto, trocou Jaguaquara, no sudoeste baiano, por Salvador, e recorda esse passado distante na sala que ocupa no escritório da empresa na Avenida Tancredo Neves: “Quando me mudei para Salvador, a cidade se resumia ao centro histórico. Essa região que hoje ocupamos era apenas verdejante Mata Atlântica pontuada por pequenas fazendas. Exatamente neste lugar em que estamos funcionava o Jôquei Clube de Salvador, até pelo menos os anos 70”.



Celeiro de jovens talentos

Vários jovens engenheiros e administradores que, ao longo das obras do TMS, ingressaram na empresa como estagiários ou profissionais recém-formados, se desenvolveram profissionalmente e cresceram na Organização. O Diretor de Contrato Henrique de Melo Paixão chama o TMS de “Celeiro de Jovens Talentos”: “É uma escola onde a educação se dá pelo trabalho”.

No momento, 10 formandos de engenharia e administração e engenheiros e administradores recém-formados atuam no TMS. Augusto César Ribeiro Lima Filho, 24 anos, é um deles. Recém-graduado em julho de 2008, em Engenharia Civil pela Universidade Federal da Bahia (ele atua no projeto como estagiário desde o ano passado), e foi contratado como engenheiro no início de setembro. Ele comprova, com ar de felicidade: “O TMS está sendo uma grande escola para mim, e a cada dia aprendo mais”.

Mário Ipojuca, mestre de jovens engenheiros como Augusto e, também, de outros bem mais experientes, se diz orgulhoso por participar de obras que ajudam a melhorar o cotidiano da população de Salvador. Apesar de só ter cursado até a quarta série do “antigo curso primário”, revela mais orgulho ainda por ajudar a transmitir tudo o que aprendeu na CNO aos mais jovens. “Sou brabo, faço questão de transmitir a todos a idéia de que tudo deve ser feito da maneira mais perfeita possível.”

Apesar de já poder ter se aposentado, Mário continua trabalhando de segunda a sábado (e, por não trabalhar nesse dia, segue odiando os domingos). Ele declara: “Adoro o que faço. Sou homem realizado, mas não quero parar de trabalhar nunca”. E revela a receita: “O bom mestre-de-obras tem que trabalhar duro, ter conhecimento do que faz, personalidade forte e, principalmente, demonstrar respeito por todos aqueles que comanda”.

UMA SENSAÇÃO ESTRANHA

Um salto para 1988. Mário Ipojuca, depois de longa temporada fora da capital baiana, atuando em obras da CNO em Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Espírito Santo, desce do ônibus no Terminal Rodoviário de Salvador, que ajudara a construir na década anterior. Ao perceber que, nesse ínterim, a região se expandira de maneira “galopante”, quase não reconhece mais o lugar no qual trabalhara anos antes, e obriga-se a concluir, meio zozzo com a nova paisagem urbana que acabava de flagrar: “Devo ter pegado o ônibus errado e descido em outra cidade”.

Mário Ipojuca descera mesmo em Salvador, mais exatamente no que então começava a se configurar como o intrincado complexo viário Iguatemi-Paralela, que, em ritmo de (pouca) ordem e (muito) progresso, cresceria ainda mais espetacularmente nos 20 anos seguintes, no mesmo passo, aliás, da explosão populacional da capital baiana (segundo o IBGE, em 1981 a população da região soteropolitana era de 1,772 milhão; atualmente, esse número, segundo as últimas estimativas, ultrapassaria 3,2 milhões).

Em 2008, de acordo com informações da Superintendência de Engenharia de Tráfego (SET), órgão gestor do trânsito em Salvador, dos 700 mil automóveis que existirão na cidade no fim deste ano cerca de um terço (ou seja, mais de 200 mil) circulará diariamente nessa região da cidade outrora bucólica e idílica. Marcelo Corrêa, engenheiro civil e assessor técnico da SET há 10

anos, joga os dados na mesa: “Enquanto o volume de tráfego no resto da cidade cresce numa média de 5% a 6% ao ano, o tráfego em torno da Avenida Paralela cresce 11%”.

Nesses cerca de 30 anos em que a população de Salvador quase duplicou, tornando-a a terceira cidade mais populosa do país, muita coisa importante aconteceu. Por exemplo: aos apenas quatro grandes canais de escoamento de tráfego existentes até os anos 1960 (as Avenidas Contorno, Sete de Setembro, Vasco da Gama e a famosa Baixa dos Sapateiros, imortalizada pela canção de Ary Barroso), somaram-se muitos outros a partir dos anos 1970. James Lingerfelt, testemunha ocular dessas transformações viárias, recorda: “A partir da década de 1970, deram-se as grandes mudanças no traçado viário da cidade. Primeiro foi construído o Túnel Américo Simas e, posteriormente, foram implantadas as chamadas avenidas-de-vale, unindo bairros que, embora próximos, não tinham ligação viária entre si. Surgiram então as avenidas Bonocô, Vale do Nazaré, Vale do Canela, Garibaldi, Antonio Carlos Magalhães e Paralela, que abriram novos espaços para o crescimento da cidade”.

FIM DOS ANOS 80: SURGE O TMS

Foi no bojo da explosão desse crescimento do volume de tráfego na cidade que surgiu, no fim dos anos 1980, o TMS – Transporte Moderno de Salvador, conjunto de projetos conveniados entre a Prefeitura de Salvador, o Governo Estadual e o Governo Federal, por meio do Ministério das Cidades e do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Em torno desse plano, estabeleceram-se objetivos, todos prementes: redução de acidentes de trânsito e de congestionamentos; mais segurança e conforto para usuários; aumento da velocidade operacional dos transportes coletivos; e diminuição dos efeitos da poluição visual e auditiva.

A mais recente obra desse projeto, a via exclusiva de ônibus da Avenida Paralela, proporcionou aumento significativo da velocidade média do transporte



[Mário Ipojuca: "A gente aqui funciona como uma equipe de futebol bem-treinada"]

coletivo na região e, conseqüentemente, mais conforto e rapidez para a população que usa esse tipo de serviço público. Na CNO desde 2001, formado pela Universidade Politécnic de Pernambuco, e Diretor de Contrato do TMS desde 2007, Henrique de Melo Paixão, pernambucano de 29 anos que trocou Recife por Salvador, é categórico: “É a etapa fundamental na busca de solução para o transporte de massa em Salvador na região da ligação Iguatemi-Paralela”.

O arquiteto e engenheiro Paulo Marcos Santiago Bastos, analista de Serviços Urbanos da Prefeitura de Salvador desde o início dos anos 1990, constantemente vinculado às intervenções viárias da CNO, confirma: “Obras como essa atestam que, se o TMS não tivesse sido criado, o trânsito da cidade estaria hoje absolutamente impraticável”.

O uso da tecnologia na construção da nova via expressa para ônibus levou em consideração o que poderá acontecer nessa região da cidade em médio prazo. Henrique Paixão afirma: “Como existe a possibilidade de a via ser usada no futuro como escoamento de vagões de metrô, já foi toda dimensionada para suportar cargas de veículos ferro-

O TMS em números

- 3 vias exclusivas de transporte público
- 4 estações de integração
- 9 viadutos (entre eles o Dona Canô, o Raul Seixas e o Chico Mendes).
- 13 passarelas de pedestres
- 5 obras de macro-drenagem
- 9 intervenções no sistema viário
- 1 túnel



Fora do eixo Paralela-Iguatemi, mas também dentro do projeto Transporte Moderno de Salvador (TMS), a CNO realiza uma obra que esteve paralisada durante cinco anos: a Ligação Viária Largo Dois Leões-Água de Meninos, que ajudará a desafogar o congestionado trânsito entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Mais: quando a obra estiver totalmente concluída, em julho de 2009, se tornará a principal via de escoamento da produção industrial baiana em direção à zona portuária de Salvador. Em parceria com a Prefeitura de Salvador, o Governo do Estado da Bahia e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

(BNDES), a obra inclui a construção de um túnel de 190 m de extensão (que teve um pequeno trecho inicial já escavado) e um viaduto com 298 m.

A retomada da obra, que está localizada numa região densamente povoada, implicou trabalho de conscientização e de envolvimento da comunidade. Henrique de Mello Paixão, Diretor de Contrato do TMS, ressalta: "Procuramos desde o primeiro momento informar aos moradores sobre o que seria feito no local. Nosso ponto de partida foi uma reunião no canteiro de obras com 200 pessoas que moram na região".

viários, e suas inclinações e seus raios de pista já foram previstos no sentido de atender a eventual demanda".

MUDANÇA DE ROTINA

Enquanto esse futuro não vem, as modificações para a melhoria do fluxo de tráfego na região e, por tabela, da melhoria da qualidade de vida de quem circula por ali parecem flagrantes. Paulo Marcos Bastos, morador do bairro da Pituba, localizado a cerca de 4 km do canteiro de obras da CNO, onde trabalha, é preciso quanto às melhorias que as obras trouxeram para quem trafega pela região: "Em 1995, eu levava, de carro, cerca de oito minutos de casa para o trabalho. Hoje levo 20. Mas tenho certeza de que, se essas obras não tivessem sido realizadas, levaria bem mais tempo, talvez mais de meia hora".

Marcelo Corrêa é ainda mais contundente: "A via expressa para ônibus inaugurada em agosto está ajudando muito a amenizar o cotidiano de quem vive e trabalha nessa área de Salvador. Graças à obra, o passageiro que utiliza transporte coletivo poderá sair um pouco mais tarde de casa e, conseqüentemente, chegar mais cedo ao voltar. E isso não é pouco".

O fato de as obras se localizarem às margens de um dos maiores nós do trânsito de Salvador poderia atrapalhar o fluxo e provocar grandes engarrafamentos e acidentes. Mas raramente provoca. Henrique Paixão explica por quê: "Nossa maior preocupação é com a segurança da população e dos nossos trabalhadores, e, também, com proporcionar o menor transtorno possível aos pedestres e aos motoristas que transitam na região".

Fascínio pelas descobertas

José Henrique Steckelberg mergulhou na realidade dos vários países onde viveu

TEXTO **Marcus Neves** FOTO **Holanda Cavalcanti**

José Henrique Steckelberg tem 66 anos de idade, 42 deles dedicados à Organização Odebrecht. Dos muitos lugares nos quais trabalhou, guarda lembranças de experiências que marcaram sua vida. José Henrique não apenas morou nesses lugares. Mais do que isso, integrou-se a eles e conheceu sua realidade.

Ele começou em 1966 na Tenenge (empresa que em 1986 seria incorporada à Organização Odebrecht), logo depois que saiu da Faculdade de Engenharia Mecânica e Elétrica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). José Henrique garante que o que guarda de mais valioso até hoje são os ensinamentos recebidos dos pais, Henrique e Maria Abadia – ele com apenas três anos de escola primária; e ela, semi-alfabetizada.

“Minha mãe, mesmo sem saber muito, alfabetizou os três primeiros filhos, que alfabetizaram os outros quatro. Todos nós, quando começamos na escola primária, já sabíamos ler e escrever. Infelizmente ela se foi ainda nova, aos 44 anos, vítima da doença de Chagas, mas nos deixou um legado de irreverência e alegria infantil”, diz José Henrique.

Do pai ele recebeu os princípios que contribuíram para forjar o ser humano e o profissional em que se transformou. “Meu pai ensinou a mim e aos meus irmãos que trabalhar é a missão do homem na Terra, e que o conhecimento é o único tesouro que você pode compartilhar com outras pessoas sem que isso signifique ficar mais pobre.”

O primeiro desafio de José Henrique, naquele longínquo 1966, foi participar da construção da Usina Hidrelétrica de Jupia, no Rio Paraná, na divisa entre São Paulo e Mato Grosso. Lá permaneceu por cinco anos. Depois, foi para terras fluminenses, onde viveu por outros cinco anos, atuando em diversos contratos na Refinaria Duque de Caxias (Reduc), em Duque de Caxias, da Petrobras. Na sequência, vieram o trabalho na Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), em Araucária (PR), Refinaria Henrique Lage (Revap), em São José dos Campos (SP), e o retorno ao Paraná, para atuar na construção das plataformas de exploração *offshore* Namorado II e Cherne, tudo isso em sete anos.

De 1983 a 1989, José Henrique trabalhou em São Pau-



[José Henrique: o tesouro do conhecimento]

lo, na área de propostas da Tenenge. Nesse período, fez várias viagens à Europa e aos Estados Unidos para tentar fechar contratos de tecnologia com empresas estrangeiras da área de óleo e gás, a fim de oferecer melhores serviços à Petrobras. Em 1989, partiu para Concepción, no Chile, onde participou da construção da unidade fabril da Celulosa Arauco y Constitución. “Foram dois anos de aproximação com uma nova cultura, o que representou uma excelente experiência pessoal e profissional”, diz. “Foi um período muito especial para mim.”

Do Chile, José Henrique seguiu para Portugal, onde atuou por um ano na construção de dois módulos de processamento para plataformas da Elf-Angola. A partir de 1992, fez diversas viagens ao México, para a apresentação de propostas à Pemex – Petróleos Mexicanos e à Comisión Federal de Electricidad, o que representou permanências que variaram de poucos meses a até um ano na capital mexicana. “Aprendi muito sobre a história do país e a cultura asteca”, relembra.

Trabalhando hoje com orçamentos e propostas na Odebrecht Óleo e Gás, José Henrique diz que, ao longo desses anos na Organização, consolidou a crença pessoal de que nada é mais importante do que o espírito de servir. “É a maneira natural de obter a satisfação do cliente”, afirma. “E como ‘cliente’ me refiro à empresa que contrata nosso serviço, ao meu líder, ao líder de meu líder e a todos os que compõem a linha de empresariamento da Organização Odebrecht.”

Casado há 38 anos com Regina, José Henrique Steckelberg tem três filhos, um dos quais, Alexandre, profissional da área de informática, também atua na Organização Odebrecht. Os outros dois, Guilherme e José Henrique Filho, são formados, respectivamente, em Odontologia e Tecnologia da Informação. ◉



[Armazém da Odebrecht no Terminal de Cargas do Porto do Rio: 900 contêineres embarcados por mês]

Para que tudo esteja no lugar certo, na hora certa

Da identificação de fornecedores à entrega de suprimentos, equipes da OLEx oferecem apoio qualificado às obras da Odebrecht no exterior

TEXTO **Thereza Martins** FOTOS **A. Moskow**

QUINTA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO. PASSA UM POUCO DO MEIO dia. O movimento diminuiu bastante no Terminal de Cargas do porto do Rio de Janeiro, ou Terminal Santo Cristo, como é mais conhecido. Nos armazéns da Odebrecht, equipes se revezam para o almoço. Os que ali permanecem começam a carregar um contêiner que seguirá para Angola, destino de quase 80% dos 900 contêineres embarcados mensalmente para abastecer as obras da empresa em vários países.

Pelos 10 mil m² dos dois armazéns alugados no Santo Cristo estão dispostos os volumes que serão exportados. São diferentes tipos de materiais para construção civil, embalados e separados por obra. De simples caixas de pregos, parafusos e ferramentas a máquinas de solda, tubos para emissários, cabos de aço, máquinas, equipamentos, tratores e tudo o que não se encontra para comprar no mercado local, como ocorre em Angola. Para empreendimentos em outros países, as exportações atendem a necessidades pontuais, num ritmo não tão intenso.

No terminal carioca trabalham mais de 200 profissionais, entre efetivos e prestadores de serviços. Eles recebem os suprimentos entregues pelos fornecedores, conferem, separam, embalam, preparam os documentos necessários para exportação e deixam tudo pronto para o transporte até o porto ou aeroporto, a última etapa do processo em terras brasileiras. Operação idêntica é realizada também no terminal de Santos, em São Paulo. À frente dessa organização, está a Odebrecht Logística e Exportação (OLEx), estrutura que apóia, a partir do Brasil, os contratos internacionais da Odebrecht.

A OLEx atua como uma extensão de cada contrato internacional da Odebrecht, buscando as melhores condições comerciais para atender à demanda. “Identificamos,

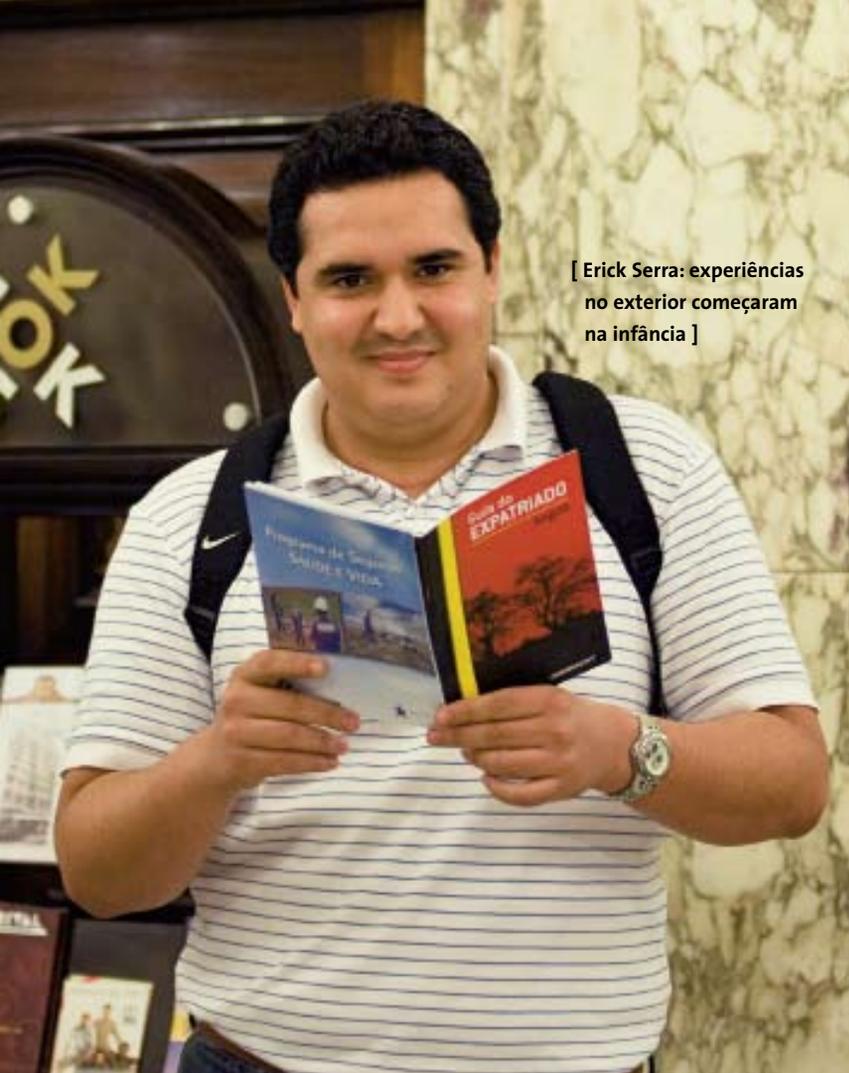
avaliamos e qualificamos fornecedores e mercados, preparamos as propostas de compra e venda, planejamos as entregas e o transporte”, informa José Valentin Alvarez, Responsável pela OLEx.

Instalada no Centro Empresarial Botafogo, no Rio de Janeiro, a OLEx dá suporte legal, financeiro, logístico e administrativo às obras no exterior e às pessoas que nelas trabalham. A semente do que hoje é a OLEx foi plantada em 1979, quando começaram as exportações para projetos da Odebrecht no Peru e no Chile. Com o passar dos anos e a ampliação dos negócios, havia pelo menos cinco áreas de apoio para obras fora do país. “Eram serviços que poderiam ser reunidos em uma só estrutura”, diz José Valentin. E assim foi feito. Em 1995, deu-se a unificação e surgiu a Base de Apoio Internacional (BAI), aperfeiçoada, 10 anos depois, com a criação da OLEx.

A multiplicação de projetos no exterior se reflete na estrutura da OLEx. Cresce o número de profissionais contratados (mais de 200, no momento) e, também, a diversidade de serviços prestados. Em Angola, onde hoje está o maior número de contratos a serem atendidos, há cerca de 40 obras para suprir – rodovias, vias urbanas, condomínios, projetos agroindustriais, hidrelétrica, saneamento, rede de supermercados e outras. Depois de quase 30 anos de guerra civil, terminada em abril de 2002, o país está sendo reerguido em ritmo acelerado. A Odebrecht é uma das dezenas de organizações que participam do processo.

SUPERMERCADOS EM ANGOLA

Nesse contexto, surgem desafios e oportunidades de aprendizagem. O projeto Nosso Super é um bom exemplo. Ele inclui, além da construção da única rede



[Erick Serra: experiências no exterior começaram na infância]

angolana de supermercados, o abastecimento de 31 lojas e dois centros de distribuição nas 18 províncias do país (o equivalente aos estados brasileiros). Coube aos profissionais da OLEx selecionar e qualificar fornecedores de gêneros alimentícios, produtos de higiene pessoal e produtos de limpeza, entre outros artigos de varejo. Uma experiência totalmente nova para a empresa, que rendeu boas histórias de parceria.

O critério para a escolha de fornecedores do varejo é o mesmo utilizado em outros segmentos: melhor combinação de custo, prazo e qualidade. Para a compra de detergente, sabão, desinfetante e produtos da linha pessoal foi escolhida a Indústria de Sabão Mauá, do Rio de Janeiro, uma empresa familiar, com bastante experiência no mercado nacional, mas que nunca havia exportado.

Os trâmites iniciais foram superados mais rapidamente com a parceria da OLEx. “Tivemos total apoio na busca e composição do melhor mix de produtos para atender às necessidades de um mercado diferente daquele a que estávamos habituados”, relata Fernando Pereira

Cerqueira, sócio-diretor da companhia. “Também contamos com orientação para providenciar a documentação alfandegária. Angola nos deu visibilidade e acesso a outros mercados na África. Dessa maneira, a exportação entrou para o currículo do Sabão Mauá.”

Para suprir a demanda por pescados, outro item vendido ao Nosso Super, a OLEx havia selecionado um fornecedor na China, tradicional exportador de tilápia, mas ainda buscava melhorias para o cliente, tanto no produto quanto no atendimento. Começaram as negociações com a Coopemar – Cooperativa Mista de Marisqueiros, Pescadores e Aqüicultores do Baixo Sul da Bahia, projeto apoiado pela Fundação Odebrecht em parceria com outras instituições e órgãos públicos. As negociações incluíam alinhamento de preços aos praticados pelo mercado internacional e fornecimento da tilápia em filé, ou seja, beneficiada.

A primeira exportação da Coopemar para Angola, com beneficiamento feito pela empresa pernambucana Netuno Alimentos, ocorreu este ano, em abril. “Foram quase 20 t de tilápia estuarina, o que corresponde a dois meses de produção da cooperativa”, informa Marcos Diniz, Responsável por Parcerias Sociais da Fundação Odebrecht. “O objetivo agora é aumentar a produção do pescado para construir a nossa própria unidade de processamento, o que vai reduzir o custo final do produto e aumentar a nossa competitividade.”

A segunda exportação da Coopemar para Angola já está sendo preparada e comemorada pelos participantes do Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Baixo Sul da Bahia (DIS Baixo Sul), do qual o projeto de criação de tilápias faz parte. “Esta é uma oportunidade de ampliar a nossa produção, envolver novas famílias no projeto e melhorar a renda da comunidade de criadores”, diz Leonardo Moura, Coordenador da Cadeia Produtiva de Aqüicultura do Baixo Sul. “A meta é ganhar escala de produção para fechar novos negócios, tanto no mercado local como fora do país. Esse é o caminho para atingirmos a auto-suficiência.”

OPORTUNIDADES PARA CRESCER

Erick de Moraes Serra nasceu em Minas Gerais, é administrador de empresas, solteiro, viveu e estudou

fora do país desde criança. Waldinei Marcolino de Souza também é mineiro, mas mora em Mongaguá, no litoral sul de São Paulo, com mulher e três filhos adolescentes. Ele tem experiência como operador-motorista de espargidor, veículo utilizado em obras de auto-estradas. Érick e Waldinei não se conheciam até 3 de outubro, a primeira sexta-feira do mês. Seu primeiro encontro foi em um salão do Hotel OK, na Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro, vizinho dos Arcos da Lapa e do Teatro Municipal. Como eles, ali estavam outras 60 pessoas vindas dos mais diferentes pontos do Brasil, com profissões e histórias de vida diferentes.

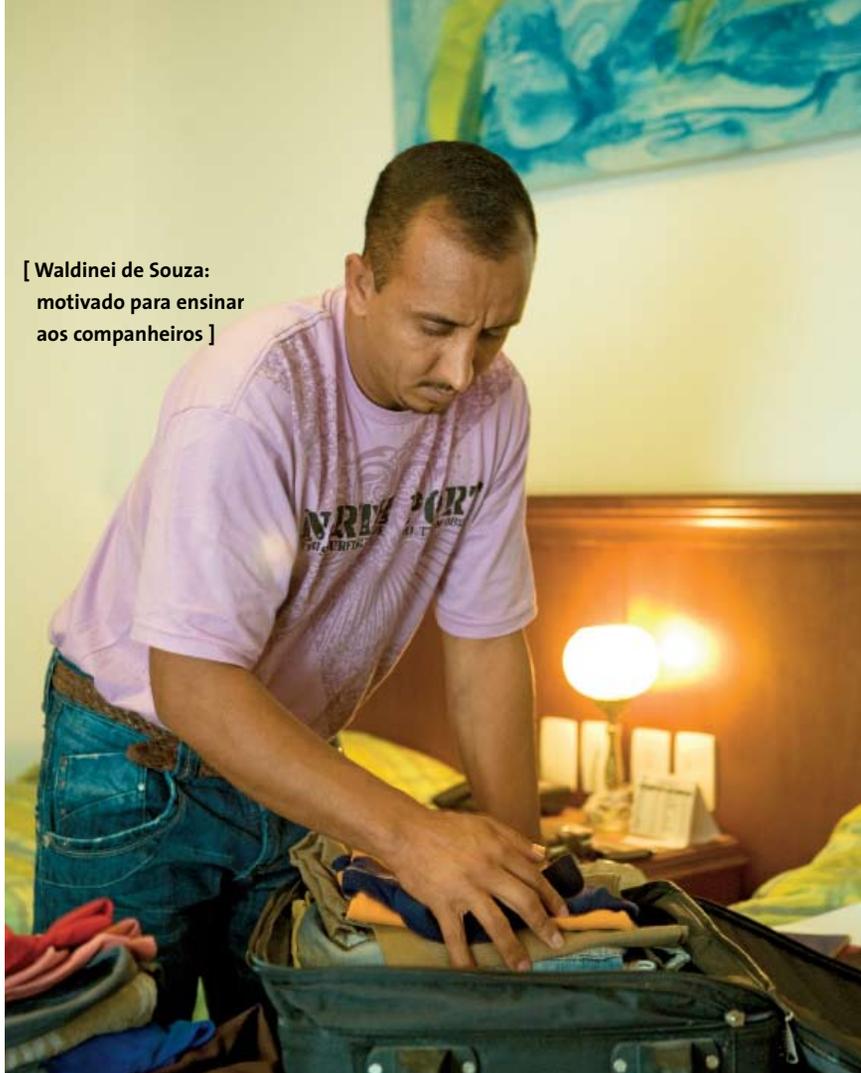
Eles foram reunidos no Hotel OK pela equipe de Administração e Pessoas da OLEX para ouvir uma palestra sobre Angola, onde hoje trabalham. Essa é mais uma das responsabilidades da OLEX: recrutar, selecionar, providenciar exames médicos e apoiar em tudo o que for preciso os expatriados, ou seja, os profissionais que atuam em obras internacionais da Odebrecht. Mas apenas os integrantes que seguem para Angola participam de palestras e recebem orientação em grupo. A presença de quase 3,6 mil profissionais brasileiros naquele país (no total são cerca de 4.500 integrantes em obras espalhadas pelo mundo) justifica a ação diferenciada.

Cuidar de um número tão grande de pessoas alocadas em todos os continentes é uma tarefa e tanto. Ela envolve também a inserção dos integrantes e seus familiares nos planos de saúde e outros benefícios oferecidos, emissão de passaportes, vistos, passagens e traslados.

“A rotina é a mesma para todos os contratos internacionais da Odebrecht, mas quando os projetos em Angola começaram a aumentar sentimos necessidade de montar uma estrutura de apoio personalizada para os integrantes com destino àquele país”, informa Mônica Torbey Pereira, Responsável por Administração e Pessoas da OLEX.

Ela explica que o processo de recrutamento e seleção é feito a distância, basicamente por telefone. O primeiro contato presencial acontece no momento da avaliação médica, ainda nos estados de origem dos candidatos; e o segundo, já no Rio de Janeiro, para assinatura do contrato e embarque. “Contratamos pessoas em todas as regiões do Brasil e elas só embarcam para o Rio de

[Waldinei de Souza:
motivado para ensinar
aos companheiros]



Janeiro às vésperas de pegar o avião para Angola. Antes disso, porém, sempre às sextas-feiras, fazemos os encontros no Hotel OK, onde todos ficam hospedados”, diz Mônica.

A reunião começa com uma palestra da psicóloga Maria Imaculada Fleury e da assistente social Andreia Fernandes Araújo. O tema básico é a vida em Angola, sua história, seu povo, as diferenças culturais em relação ao Brasil, as semelhanças, os cuidados que os expatriados devem ter com saúde e alimentação, o relacionamento com os futuros colegas angolanos e a obra de reconstrução do país. Angola esteve sob colonização portuguesa de 1482 a 1975, atravessou quase três décadas de guerra civil após a luta pela independência e só a partir de abril de 2002 conheceu tempos de paz.

“Reforçamos a importância da integração entre as equipes, da camaradagem e do papel de líderes e multiplicadores de conhecimentos que os brasileiros assumirão com os colegas angolanos”, explica Maria Imaculada. Do Brasil, partem engenheiros, administradores, operadores de máquinas, motoristas, pintores, soldados,



[A psicóloga Maria Imaculada Fleury: a vida em Angola, diferenças e semelhanças culturais]



- Integrantes (efetivos): 223, em agosto de 2008; em 2007, eram 170 integrantes.
- Exportações: de janeiro a agosto de 2008, 113 mil itens; em 2007, 118 mil itens.
- Exportação de serviços em 2007: US\$ 817 milhões.
- Maior volume de exportações para: Angola, Argentina, Venezuela, República Dominicana, Panamá, Bolívia, Peru, Estados Unidos, Líbia.
- O número de expatriados brasileiros em dezembro de 2007 era de 2.014 e, em agosto de 2008, 4.326.
- Entre janeiro e agosto de 2008 foram mobilizados para o exterior, com o apoio da OLEX, 2.373 brasileiros.

carpinteiros, pedreiros, pessoal da área administrativa e outros profissionais. “As equipes angolanas, porém, são até 10 vezes maiores (a Odebrecht emprega 30 mil profissionais em Angola) e a convivência diária permitirá uma troca de experiências que vai enriquecer a todos”, enfatiza Maria Imaculada.

DESTINO: LUANDA

Sábado, 4 de outubro, quase uma hora da tarde. Momento de partir. No saguão do Hotel OK, o grupo de 60 novos integrantes da Odebrecht aguarda as vans nas quais serão transportados até o Aeroporto Internacional Maestro Antônio Carlos Jobim – Galeão. Lá, são orientados por uma equipe de apoio da OLEX, enquanto recebem seus passaportes e se alinham em frente ao balcão da TAAG, as Linhas Aéreas de Angola.

Érick de Moraes Serra, que sempre atuou na área administrativa de hotéis, embarca feliz porque pela primeira vez vai trabalhar em uma obra de engenharia. Ele foi contratado para o projeto de saneamento em Luanda, a capital angolana. “Tenho certeza de que essa vai ser uma grande oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Espero fazer novos amigos, aprender com eles e ensinar o que sei.”

Waldinei Marcolino de Souza é marinheiro de segunda viagem. Já esteve em Luanda por um período de nove meses, trabalhando em outra empresa. Pela Odebrecht, participará da construção de estradas na capital do país. “Espero contribuir ensinando o meu ofício aos colegas angolanos.”

Érick e Waldinei partiram esperando novas oportunidades, melhor remuneração, crescimento profissional e experiência de vida. ○

Obras cidadãs

Projetos de infra-estrutura em Nova Iguaçu, Macaé e Rio das Ostras, no estado do Rio de Janeiro, mudam a vida de diversas comunidades

TEXTO **Marcus Neves** FOTOS **Elisa Ramos**

“AQUI, CHUVA É SINÔNIMO DE ENCHENTE E LAMA. PARA sair de casa, somos obrigados a encarar água pelo meio da canela”, diz George Ferreira Roberto, 59 anos, fundador do Grupo Espírita Represa, situado no número 474 da Rua Caminho do Manhoso, em Nova Iguaçu. Considerada durante décadas uma cidade-dormitório, Nova Iguaçu é o maior município da Baixada Fluminense, na região metropolitana do Rio de Janeiro, com 830,6 mil habitantes. A cidade vive uma fase de crescimento econômico, com aumento nos investimentos públicos — sobretudo com recursos federais, como os do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) — e privados, estes representados por lançamentos imobiliários voltados para uma classe média ascendente. Apesar disso, Nova Iguaçu ainda apresenta níveis baixos em alguns indicadores sociais e um perfil urbano que revela um crescimento visivelmente sem planejamento nas últimas décadas.

George Roberto relata que as enchentes, recorrentes na época das chuvas, são um grave problema para os frequentadores da instituição que dirige, pela dificuldade de acesso. O Grupo Espírita Represa, fundado há 16 anos, presta atendimento a quase duas centenas de crianças e adolescentes com necessidades especiais ou em situação de risco.

Para solucionar problemas como esse, o município deu início a obras de reurbanização, que prevêem a implantação de redes de macrodrenagem pluvial, a fim de eliminar de modo definitivo as enchentes e alagamentos. “Esperamos muito tempo por essas obras e sua realização está exigindo de nós um pouco mais de paciência, porque a rua foi completamente interditada para veículos. Mas esse transtorno adicional é bem-vindo, por causa do benefício final que todos nós, moradores, teremos com o fim dos alagamentos”, assinala George Roberto. Sua rua



[George Roberto:
"Esperamos muito
tempo por essas obras"]



foi rasgada de ponta a ponta para a implantação de galerias da rede de macrodrenagem pluvial.

Os serviços incluem ainda reforma de calçadas, pavimentação de vias, iluminação pública e sinalização. Mas não é só. Há também a construção de 628 unidades habitacionais e a urbanização desse loteamento, além da construção de um hospital de pronto atendimento e do prolongamento da Via Light (RJ-081) em 4,5 km. O contrato para a realização dessas obras foi conquistado pelo consórcio liderado pela Construtora Norberto Odebrecht e integrado pelas empresas Carioca Engenharia e Construtora Mello Azevedo. Os trabalhos foram iniciados em julho e têm a conclusão prevista para fevereiro de 2009.

Segundo Leandro Andrade Azevedo, da Odebrecht, Diretor dos Contratos de Nova Iguaçu, Macaé e Rio das Ostras, as obras de macrodrenagem, pavimentação e urbanização vão beneficiar cerca de 30% da população da cidade. “Os serviços estão concentrados em bairros próximos ao Centro, como Califórnia, Vila Nova, Prata, Jardim Tropical e Rancho Novo. Além desses há obras previstas também em Jardim Pernambuco e melhorias no Palhada. Já na Estrada de Iguaçu, faremos um trecho com drenagem, pavimentação e urbanização, e um outro apenas com pavimentação e urbanização”, explica. No bairro

Cobrex serão construídas as casas populares e realizado o trabalho de urbanização do loteamento. Nessa tarefa foi proposta à Prefeitura de Nova Iguaçu a adoção de uma tecnologia de construção inovadora desenvolvida pela Braskem: a utilização de paredes de PVC com o interior preenchido de concreto.

O Prefeito Lindberg Farias não esconde a alegria por contar com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal para investir em obras no município: “Nova Iguaçu é a terceira cidade do Brasil com mais obras do PAC. Só está atrás de São Paulo e Rio de Janeiro”, acentua, anunciando ainda que o setor privado está investindo R\$ 2 bilhões em empreendimentos imobiliários para a classe média no município. “Com esses investimentos e as obras do PAC, Nova Iguaçu vive um significativo processo de melhorias, que vai recuperar o orgulho dos cidadãos de viver em uma cidade com melhor qualidade de vida”, diz, sem esconder o próprio.

INDÚSTRIA DO PETRÓLEO

Conhecida como a “Dallas brasileira”, Macaé, no Norte Fluminense, a 192 km do Rio de Janeiro, tal como a cidade texana tem como principal alicerce de sua economia a indústria de petróleo e gás. A cidade é a principal base de apoio às atividades de exploração e produção

offshore na Bacia de Campos, o que transforma o município em um dos que mais contribuem para a geração de riquezas no Estado do Rio de Janeiro. A população é de 170 mil habitantes.

A pujança econômica do município, porém, não se reflete na situação vivida pela população quanto ao saneamento básico. Assim como Nova Iguaçu, bairros inteiros ficam alagados nos dias de chuva, afetando seriamente o ire-vir dos moradores. Entretanto, diferentemente do município da Baixada Fluminense, em Macaé alguns desses bairros – como Sol y Mar, Visconde de Araújo e Campo do Oeste – ficam abaixo do nível do mar, o que constitui forte agravante.

Maria Lúcia Fernandes, que mora há 23 anos na Rua Quartzos, 193, no bairro Sol y Mar, reclama: quando chove um pouco mais forte, a água sobe mais de 50 cm na rua. “O lugar é ótimo para se morar, a única coisa ruim é a gente ficar completamente ilhado devido às enchentes. É tão grave, que as pessoas precisam de barco para se locomover depois da chuva”, diz a dona de casa.

Com o objetivo de corrigir esse problema, a Odebrecht, em consórcio com a Construtora Zadar, implantará o sistema de esgotamento sanitário e macrodrenagem em diversos logradouros do município. São 150 km de redes de esgotos, 15 mil ligações prediais domiciliares, 5,9 km de interceptores e 15 estações elevatórias de esgotos, além de uma estação elevatória e 4 km de canais de macrodrenagem pluvial. “Nossa esperança é essas obras acabarem com o suplício que as enchentes representam para quem mora aqui”, arremata Maria Lúcia.

A opinião da dona de casa é compartilhada por Vanderlei de Assis Vargas, dono da oficina mecânica situada ao lado de sua casa. “A perspectiva de chuva, para mim, é como um pesadelo. Já tive muitos prejuízos com carros de clientes cujo estofamento foi todo encharcado pela água. Para não falar no estrago causado aos equipamentos. Depois que a água baixa, são no mínimo três dias para fazer a limpeza da oficina. E, para mim, esses dias parado também dão prejuízo.” Em sua opinião, entretanto, as expectativas são as melhores possí-



[Maria Lúcia Fernandes e seu filho Marcelo: término do "suplício das enchentes"]

veis em relação às obras que estão sendo executadas. “É gratificante saber que os impostos que pagamos estão sendo usados na solução de nossos problemas. Afinal, merecemos isso”, salienta.

Leandro Azevedo explica que a implantação da macrodrenagem irá solucionar de forma definitiva o problema dos alagamentos que ocorrem em várias zonas da cidade na época de chuvas e interferem na vida de quase toda a população. “Além disso, o projeto é da maior importância no que se refere ao saneamento, beneficiando cerca de 80% do município com serviços de esgotamento sanitário”, esclarece.

O investimento, segundo o Prefeito de Macaé, Riverton Mussi, está garantido por recursos próprios do município, que tem o caixa reforçado pelos *royalties* do petróleo. Segundo ele, esse é o maior projeto em infraestrutura já realizado na cidade. “O sonho da população macaense é poder dormir sossegada na estação das chuvas, sem o risco de alagamentos, assim como ter a cidade saneada e com uma rede de esgotos eficiente. E isso está prestes a se tornar realidade”, diz Mussi. As obras em Macaé estão na fase inicial e têm um prazo contratual de 48 meses.

A PRIMEIRA PPP PARA SANEAMENTO

Com a economia fortemente apoiada no setor terciário, mais precisamente na atividade turística, Rio das Ostras foi a cidade que registrou as mais significativas taxas de crescimento no Estado do Rio de Janeiro nos últimos sete anos. O município tem hoje 74,7 mil habitantes, o que representa um aumento de 63% em relação aos 46 mil registrados em 2004, quando foram iniciadas as obras da primeira etapa do programa de saneamento básico do município. No verão, essa população praticamente dobra, com a chegada dos milhares de turistas que todos os anos buscam suas praias paradisíacas.

No entanto, quem sofria com os problemas de falta de saneamento e drenagem pluvial eram os moradores permanentes. André Barreto mora e trabalha há cinco anos no bairro Jardim Miramar. Sua casa ocupa o segundo pavimento do imóvel que abriga, no térreo, a sua loja de material de construção – Eletro-hidráulica Miramar –, às margens da rodovia Amaral Peixoto (RJ-106). “Até pouco

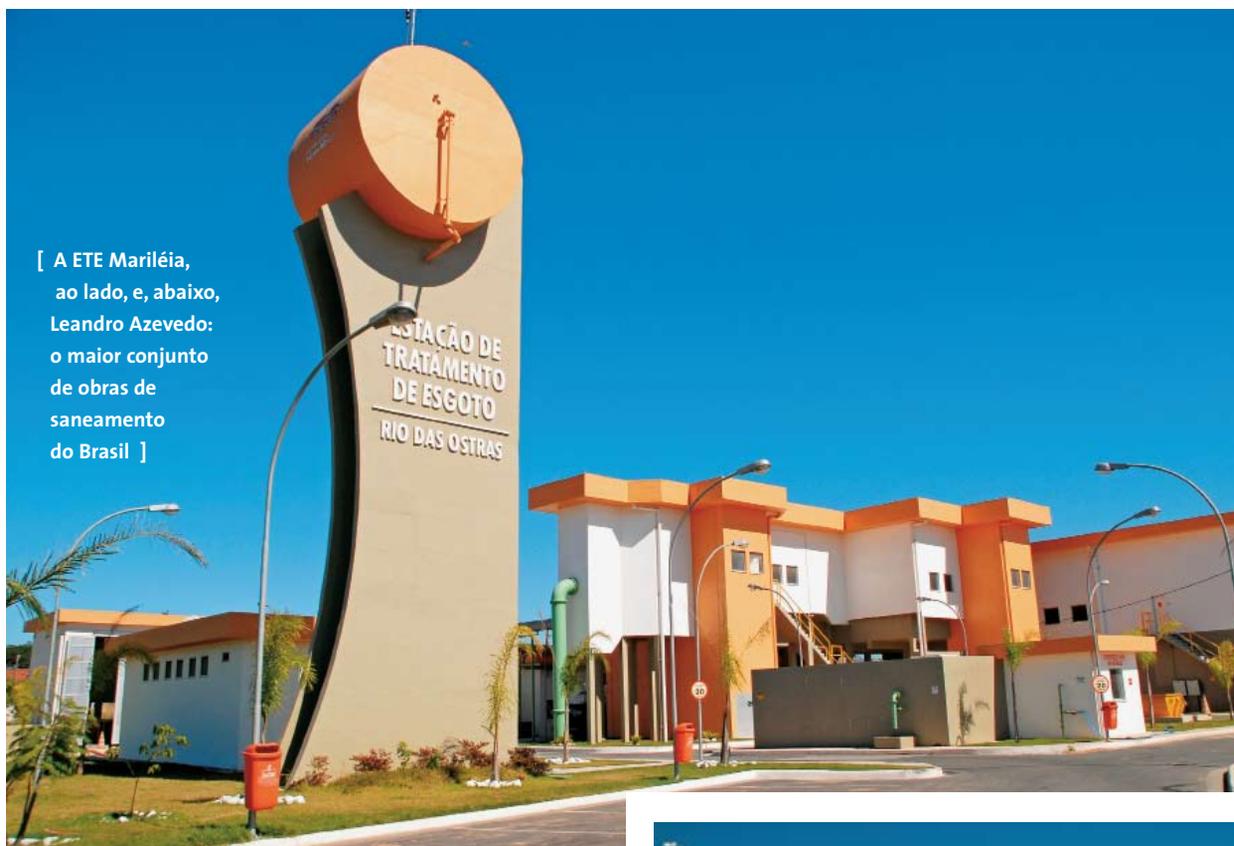
tempo, de asfaltado havia só o leito da rodovia. As pistas laterais, como esta que passa aqui na frente da loja, eram de terra batida. Quando chovia tudo virava um imenso lamaçal. De tal modo que as pessoas eram obrigadas a andar com sacos de plástico nos pés, para não se sujar de lama. Agora, depois que foi feita a pavimentação e a drenagem, a situação é outra. Ganhamos muito em qualidade de vida”, afirma.

Moradores no número 145 – casa 2 da Rua Vinícius de Moraes, no Jardim Campomar, a cerca de 2 km da loja de André, Carla e Carlos Frederico Moura residem no local há dois anos, tempo que têm de casamento. Eles contam que quando se mudaram para lá os problemas eram constantes.

“Se chovia, era um lamaçal que impedia a passagem, pois os carros atolavam. E quando não chovia, era uma poeira que me obrigava a varrer a casa três ou quatro vezes por dia, ou seja, um suplício”, diz Carla. Seu marido perdeu a conta das ocasiões em que ajudou a desatolar carros que ficavam retidos no lamaçal: “Acontecia toda vez que chovia um pouco mais forte. Nem sempre conseguíamos tirar os carros sem a ajuda do caminhão de um senhor que morava aqui perto. O pior era quando ele não estava em casa”, conta Carlos Frederico. O casal agora está satisfeito com a pavimentação da rua em que moram e acredita que terminaram os dias de preocupação ao menor sinal de chuva.

Em Rio das Ostras, as obras de saneamento estão na etapa final de ampliação do sistema de esgotamento sanitário do município. A primeira parte, iniciada em 2004, incluiu 306 km de rede coletora, 21 estações elevatórias, uma estação de tratamento de esgotos no bairro Jardim Mariléia (ETE Mariléia), 2,2 km de emissário terrestre e 3,9 km de emissário submarino de polietileno de alta densidade (PEAD), e foi concluída em 2007.

Os serviços em curso, com conclusão prevista para o fim de 2008, abrangem, na parte de esgotamento sanitário, a ampliação da ETE Mariléia, implantação de 58 km de rede coletora, 30 km de ramais de ligação e 8,5 km de coletor tronco, sendo 5,4 km a céu aberto, possibilitando mais 10,5 mil ligações domiciliares. Na parte de macrodrenagem, são mais 39,4 km de redes, 19 km de ramais de ligação, 2,9 km de galeria de cintura, duas bacias de acu-



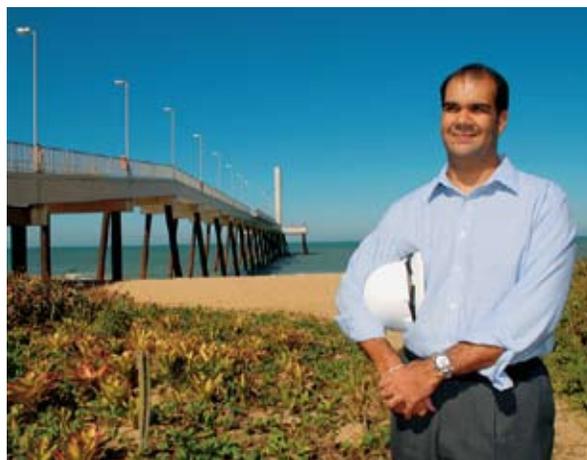
[A ETE Mariléia, ao lado, e, abaixo, Leandro Azevedo: o maior conjunto de obras de saneamento do Brasil]

mulação e duas estações elevatórias de águas pluviais, cada uma com cinco bombas de 1.000 litros/segundo. Está ainda prevista a pavimentação de 282,9 mil m² de vias e 181,4 mil m² de calçadas.

“É o maior conjunto de obras de saneamento realizado no Brasil na atualidade”, diz Leandro Azevedo, acrescentando que a Estação de Tratamento de Esgotos será a primeira Parceria Público-Privada (PPP) para saneamento no Estado do Rio de Janeiro. Por meio dessa parceria, a Odebrecht irá operar a ETE por 15 anos em regime de concessão.

O Prefeito Carlos Augusto Balthazar assinala que o investimento em saneamento básico se justifica por duas razões fundamentais: a primeira é que o único caminho de sucesso para uma cidade com a vocação turística de Rio das Ostras é oferecer qualidade de vida a seus habitantes e visitantes; e a segunda é ainda mais veemente. Para cada R\$ 1,00 investido em saneamento, outros R\$ 4,00 deixam de ser gastos em saúde. “Esse é o mais forte argumento para que os governantes invistam mais e mais em saneamento. O melhor, porém, é constatar a recuperação da auto-estima dos moradores, cada vez mais orgulhosos de sua cidade.”

Isso é confirmado pelo empresário Leonardo Féo, morador da Rua Miracema, no bairro de Jardim Mariléia, para quem o programa de saneamento representa “um



salto em termos de qualidade de vida para quem vive em Rio das Ostras”. Casado e pai de três filhas, diz que não há como ter saudade dos tempos anteriores à implantação da rede de esgotos e do fornecimento de água tratada. Nessa época, a água vinha de poços artesianos e todo o esgoto doméstico desaguava em fossas sépticas. Isso constituía um enorme perigo de contaminação, já que as fossas e os poços ficavam no mesmo terreno, bem próximos uns dos outros. “Sem falar”, ele salienta, “no transtorno que era causado pelo esgotamento das fossas, que exigia a utilização de caminhões de sucção cujo custo era muito alto e que nunca estavam disponíveis quando precisávamos. Agora podemos afirmar que vivemos em uma cidade onde há respeito pelo cidadão, onde minhas filhas vão crescer com saúde e qualidade de vida.” ◉

A Cultura do Servir

MARCELO ODEBRECHT,
VICE-PRESIDENTE DA ODEBRECHT S.A.

Em 1968 era publicado o primeiro livro escrito pelo fundador Norberto Odebrecht: o pequeno volume intitulado De Que Necessitamos?.

Para celebrar os 40 anos dessa publicação – que correspondem aos 40 anos da Tecnologia Empresarial Odebrecht em sua materialização escrita – Odebrecht Informa convidou Marcelo Odebrecht, Vice-Presidente da Odebrecht S.A., para escrever um artigo sobre o tema.

É raro vermos o fundador de um negócio, em geral um executor pragmático, ter a competência e a disciplina para conceituar. A Odebrecht teve esse privilégio. Toda a filosofia empresarial que move a nossa Organização foi materializada em livros, ainda na sua primeira geração.

O primeiro deles, *De Que Necessitamos?*, foi publicado há exatos 40 anos, quando a conquista de novos Clientes se tornou fundamental para a perpetuidade dos negócios. Nele, meu avô Norberto buscou sistematizar uma disciplina mental e uma ação prática voltadas para o sucesso.

Em 1944, quando foi fundada, a Construtora Norberto Odebrecht já nascia com a “elite de mestres-de-obras”, o “ativo que não aparecia nos balanços”, herda do da Emílio Odebrecht & Cia., empresa do meu bisavô que não resistiu à crise econômica provocada no Brasil pela Segunda Guerra Mundial. Na relação com aqueles mestres, que foram os nossos primeiros empresários-parceiros, nasciam as bases da Delegação Planejada e da Partilha dos Resultados.

O tempo passou, cresceram os desafios e surgiu a necessidade de se formar a próxima geração. Com a evolução da empresa, meu avô já não conseguia contato permanente com todos os seus mestres. Entre a “velha guarda”, ele havia conquistado muita intimidade. Apenas um gesto seu bastava para que aqueles homens diferenciados soubessem o que deveria ser feito. Com a nova geração, distribuída por diversos pontos do Brasil, as dificuldades de se comunicar com base apenas na pala-

vra falada foram surgindo. Foi quando ele teve a idéia de colocar algumas notas no papel. Olhando o momento atual, de crescimento exponencial da nossa Organização, quando precisamos acelerar como nunca a integração de pessoas, não posso deixar de comemorar esta sábia idéia. E agradecer que meu avô tenha tido o dom e a disciplina para colocá-la em prática.

Assim, *De Que Necessitamos?* surgiu com o objetivo de oferecer uma referência empresarial para Líderes e Liderados e para a comunicação entre eles. Meu avô já tinha clareza da importância de instrumentalizar nossos líderes para a relação com seus liderados e a prática da educação pelo trabalho.

Junto com esse primeiro ensaio, surgiram as primeiras reflexões sobre a importância de se materializar a Cultura da Organização Odebrecht.

De todos os livros que sintetizam as Concepções Filosóficas da Tecnologia Empresarial Odebrecht – TEO, o mais conhecido é, certamente, *Sobreviver, Crescer e Perpetuar*, lançado há 25 anos, e que é o aperfeiçoamento de tudo. Em setembro de 2007, meu pai Emílio chamou a atenção para o fato de que, das 507 páginas dessa publicação, a palavra Líder está em 226. É na relação do Líder com seu Liderado que essa obra ganha vida, e a TEO, cores.

Quem lê esses dois livros, lançados há 40 e 25 anos, percebe a extrema atualidade do seu conteúdo.

Àqueles que estão ingressando na Odebrecht, um conselho: adotem *Sobreviver, Crescer e Perpetuar* como seu guia. Nele estão os Princípios Fundamentais, os Concei-

[Livros escritos por
Norberto Odebrecht]



tos Essenciais e os Critérios Gerais e Operacionais que movem nossa Organização. Nele estão as diretrizes para o sucesso de cada um, de todos e do Todo.

A TEO transpira espírito de servir, desperta o desejo de fazer acontecer e o prazer pelo que é o certo. Esses valores e limites, que se aprendem na família, se aperfeiçoam na escola e se fortalecem na empresa.

Uns falam em filosofia empresarial, outros em cultura organizacional; mas, para os Integrantes da Organização Odebrecht que praticam realmente a TEO esta é uma filosofia de vida, centrada no trabalho e na educação. É preciso valorizá-la e praticá-la.

Toda instituição deveria expor sua filosofia em livro. Com uma filosofia empresarial internalizada e externalizada, os Clientes passam a ter um referencial para cobrar. Isso é sinal de disciplina, que gera o respei-

to. E, como explica meu avô, “a prática da disciplina e do respeito solidifica a cultura de confiança entre Parceiros e seu produto é a sociedade de confiança que a todos beneficia”.

Com a confiança, podemos praticar a liberdade com responsabilidade, um dos mandamentos da Tecnologia Empresarial Odebrecht, que espera dos seus Líderes e Liderados a prática do espírito de abertura – para influenciar e ser influenciado –, do espírito de equipe e do espírito de servir, visando a que todos possam evoluir para o desenvolvimento do espírito do tempo.

Cabe a todos nós internalizarmos a TEO e praticá-la em todos os âmbitos, porque, assim, podemos assegurar a Sobrevivência, o Crescimento e a Perpetuidade da Organização Odebrecht. ◉

Os bons ventos do agronegócio

Com clientes em mais de 100 países, grupo brasileiro Jacto fabrica máquinas e implementos para a agricultura, utilizando polietileno fornecido pela Braskem

TEXTO Simone Goldberg FOTOS Dario de Freitas

O AGRONEGÓCIO GEROU EXPORTAÇÕES QUE SOMARAM US\$ 55,3 bilhões de janeiro a setembro de 2008. É um aumento de 29,2% em relação ao mesmo período do ano passado. A expectativa é de que a safra de grãos 2008/2009 seja recorde, apesar da crise econômica mundial, podendo chegar a 144,5 milhões de toneladas, segundo previsões preliminares da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Na safra anterior, o volume colhido foi de 143,8 milhões de toneladas. São números que indicam crescimento significativo da atividade.

O grupo brasileiro Jacto, fabricante de máquinas e implementos para a agricultura e parceiro da Braskem, vem aproveitando os bons ventos do setor. Dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) mostram que as vendas de máquinas agrícolas para a agroindústria e concessionárias no mercado interno subiram 48,4% de janeiro a setembro de 2008 se comparadas aos primeiros nove meses de 2007. Mais números que comprovam o bom momento do agronegócio brasileiro.

“Fabricamos uma gama de produtos e acompanhamos o crescimento da agroindústria”, diz Martin Mundstock, Presidente da Máquinas Agrícolas Jacto, uma das principais empresas do grupo ao lado da Unipac. Mundstock, porém, é cauteloso sobre o *boom* do agronegócio. “Nos anos de 2005 e 2006, o setor teve uma queda vertiginosa. Depois veio uma lenta recuperação, agora em xeque diante dos movimentos financeiros globais”, observa.

Além de vender maquinário para uso nas grandes culturas de exportação brasileira, a Jacto também exporta seus equipamentos para mais de 100 países. Muitas dessas máquinas que cruzam as fronteiras brasileiras têm tanques de combustível e outros componentes plásticos produzidos pela Unipac, uma das empresas do grupo, que utiliza resina da Braskem. A Unipac é uma

transformadora de plástico diversificada. Produz componentes automotivos – como tanques de combustível e reservatórios de defensivos agrícolas – para sua “irmã”, a Máquinas Jacto, vasilhames de vários tamanhos para defensivos, garrafões de leite para o mercado em geral e tanques de combustível para montadoras multinacionais de caminhões e tratores, além de outros itens.

“Processamos cerca de 1,5 mil t de polietileno por mês”, diz Marcos Antônio Ribeiro, Presidente da Unipac. A maior parte do volume de resina fornecido pela Braskem vai para a fabricação de vasilhames de defensivos. O restante é utilizado na produção de peças automotivas, como tanques de combustível. A parceria começou há mais de 30 anos. Na época, a antiga Polialden – uma das empresas que formaram a Braskem – fornecia matéria-prima para o grupo Jacto. Hoje, além da ligação comercial – destaca Paulo Freire, Gerente da Braskem que atende a Unipac – constatou-se uma “convergência de valores e interesses que está levando a uma ampla troca de experiências”. São muitos os pontos de identificação. A Braskem vive um processo de internacionalização com a construção de uma fábrica na Venezuela. O grupo Jacto, com sede em Pompéia (SP), está completando 60 anos em 2008 consolidando sua diversificação e apostando na expansão global: já tem uma montadora de máquinas na Argentina e, em outubro de 2008, a Unipac inaugurou uma unidade na Tailândia para produzir pulverizadores agrícolas costais (equipamentos de uso individual dos trabalhadores para combate de pragas e doenças) visando o mercado de agricultura familiar da região.

Outro exemplo ocorre na área de responsabilidade social empresarial, já que tanto a Organização Odebrecht, controladora da Braskem, quanto o grupo Jacto mantêm fundações voltadas para projetos educacionais e de formação de jovens.



[A partir da esquerda,
Marcos Antônio
Ribeiro, Jiro Nishimura
e Paulo Freire: busca
conjunta pela
inovação]

Há mais pontos em comum, como a busca constante pela inovação, área em que as duas empresas atuam em conjunto no dia-a-dia. “É um cliente parceiro”, ressalta Roberto Bischoff, Responsável pelo Negócio de Polietileno da Braskem, “líder, assim como nós, em tecnologia de produção e de mercado, e que procura crescer junto conosco.” Marco Antônio Ribeiro completa: “Estamos sempre procurando formas de substituir matérias-primas como o metal pelo plástico, que é um material mais versátil, resistente e tem uma melhor relação custo-benefício”.

De cinco anos para cá, os reservatórios de pulverizadores agrícolas das máquinas, que eram de fibra de vidro, vêm sendo trocados por outros, de plástico, feitos pela Unipac. Segundo Ribeiro, o uso cada vez maior do plástico traz vantagens como a redução do peso total de equipamentos pulverizadores motorizados. Isso permite que se carregue mais o pulverizador e ganhe em autonomia, ou seja, que se possa percorrer mais área parando menos para reabastecer.

PULVERIZADOR FEITO DE POLIETILENO

O plástico entrou na história do grupo Jacto em meados dos anos 60, quando os defensivos agrícolas, antes em pó, se tornaram líquidos, provocando corrosão nos reservatórios de metal. Para resolver o problema, a Indústria de Máquinas Agrícolas Jacto, empresa criada em 1948 pelo imigrante japonês Shunji Nishimura, hoje com 98 anos (*veja box*), trouxe para o Brasil uma máquina alemã para fabricar um pulverizador de polietileno. Mais do que isso: foi criado um departamento de plásticos na empresa.

O sucesso foi tanto que cerca de 10 anos depois o departamento se tornou uma companhia, a Unipac. Os números provam que era o caminho certo: nas últimas três décadas, o crescimento médio no volume de produção anual tem sido de 12%. “O setor agrícola vive de ciclos. A Unipac foi criada para dar estabilidade ao grupo, pois é diversificada e não está focada apenas na agricultura”, explica Marcos Antônio Ribeiro.

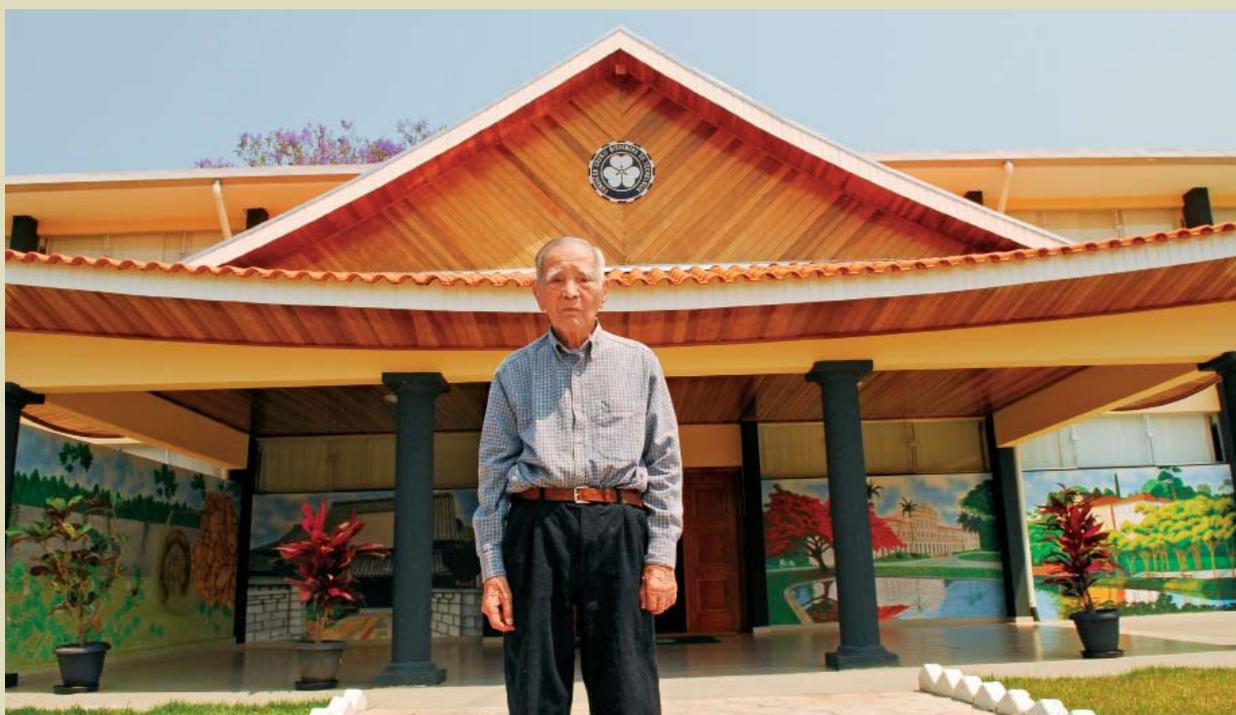
É inegável, entretanto, a contribuição que a empresa dá ao setor agrícola. Todas as máquinas da Jacto têm tanques de combustível plástico, incluindo a famosa K3,

a primeira máquina colhedora de café automotriz do mundo, lançada no fim da década de 1970, e a colhedora de laranjas que chegou ao mercado no começo de 2008.

As duas são a prova da busca permanente pela inovação, uma marca do fundador do grupo Jacto. O desafio de criar a primeira colhedora de café do mundo acabou levando à implantação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Jacto. Lá, são estudados projetos de automação de pulverizadores e de adubadoras de precisão, além de novas tecnologias de colheita para produtos diversos. Existem no portfólio do grupo Jacto dezenas de modelos de equipamentos, entre pulverizadores motorizados, pulverizadores para engate no trator, adubadoras e colhedoras, além de acessórios, voltados para culturas de grãos como café e soja, cana e outros produtos de exportação. Também foram desenvolvidos equipamentos específicos para plantação de frutas. Seus engenheiros e pesquisadores integram um time de mais de 3.500 pessoas. Essa turma está distribuída por 12 fábricas – 11 no interior de São Paulo e mais a da Tailândia –, além da unidade de montagem na Argentina, um escritório comercial nos Estados Unidos, que representa as máquinas Jacto, e um centro de distribuição da Unipac na Europa.

Jacto e Unipac são as maiores empresas do grupo, que inclui ainda uma fabricante de sistemas compactos de tratamento de esgoto, a Mizuno; outra que faz hidrolavadoras de alta pressão, a Jacto Cleaning; a Polycomposite, fabricante de mangueiras flexíveis para irrigação e encanamentos; e a Rodojacto, de transporte.

A recente chegada de Marcos Antônio Ribeiro à presidência da Unipac, em substituição a Jiro Nishimura, um dos sete filhos do fundador da organização, marcou o início de uma fase na gestão do grupo: com essa troca de comando, não há mais membros da família na direção. Jiro Nishimura comenta que seu pai nunca imaginou chegar tão longe. “Não há uma ambição louca para crescer.” E dá a receita para o sucesso empresarial: não se endividar, reinvestir os lucros, ter paixão pelo que faz e procurar sempre novos desafios. A trajetória do grupo Jacto é a prova de que essa fórmula dá muito certo.



[Shunji Nishimura: trajetória no Brasil iniciada em uma fazenda de café]

Um grupo empresarial que começou com um homem e sua enxada

No fim dos anos 1920, o Japão enfrentava sérias dificuldades econômicas. Milhares de japoneses saíram do país, principalmente entre 1924 e 1934, em busca de novas oportunidades em países como o Brasil. Em 1932, o jovem mecânico Shunji Nishimura, então com 22 anos, estava entre eles. O começo de sua vida brasileira foi em uma fazenda de café no interior de São Paulo.

Franzino e pouco acostumado ao ritmo de trabalho com a enxada, grande demais para ele, Nishimura percebia que as coisas não seriam fáceis, mas estava determinado a vencer. Sua criatividade e seu conhecimento técnico o ajudaram a amenizar os dias difíceis na roça: fez uma enxada mais adaptada à sua estatura.

O cotidiano não era fácil e a remuneração pouco estimulava. Deixou a fazenda e foi tentar a vida no Rio de Janeiro, onde trabalhou como garçom.

Conseguiu amearhar algumas economias e, voltando a São Paulo, resolveu estudar português. Trabalhou um tempo na própria escola, depois em uma fábrica como ajudante de torneador e soldador, ganhando o suficiente para se alimentar de pão com banana.

A vida se iluminou quando Nishimura conheceu Chieko, se casou e teve a primeira filha, Mitiko. Depois vieram seis meninos (Takashi, Jiro, Chikao, Shiro, Lincoln e Jorge). Decidido a melhorar de vida e com idéias de inventar na cabeça, tomou um trem com o objetivo de desembarcar apenas no fim da linha: lá seria o local do recomeço. Foi assim que se estabeleceu em Pompéia, cidade de 18 mil habitantes no interior de São Paulo.

Alugou uma casa, buscou a esposa e a filha e colocou uma placa na porta: “Conserta-se tudo”. A oficina foi, aos poucos, conquistando a freguesia. E Nishimu-

ra seguia inventando coisas. Colocou alças em latas, criando canecas. Adaptava motores. Desenvolveu um alambique para destilar mentol, que era um item importante da economia local. Daí para criar, em 1948, a primeira polvilhadeira nacional, na época feita de metal, foi só questão de tempo. Nascia a Indústria de Máquinas Jacto. No ano seguinte Nishimura já estava vendendo 30 pulverizadores por mês. Ele não parou mais de inventar e o negócio, de crescer. Já foi homenageado dezenas de vezes por associações empresariais e autoridades, incluindo o Governo japonês.

Na sede da Fundação Shunji Nishimura, em Pompéia, há salas repletas de presentes recebidos por ele, além de um museu com objetos que contam sua trajetória e a história do grupo Jacto. Hoje, aos 98 anos, ele diz que está “muito satisfeito com o que conseguiu” e que já pode “partir em paz”. ◉

Dois prazeres de roupa nova

Nestlé e Videolar investem no desenvolvimento de novas embalagens para sorvetes e disco multimídia Blu-Ray

TEXTO **Milton Gérson** FOTOS **Dario de Freitas**

Novas embalagens de sorvete estão chegando ao mercado. Com *design* arrojado em formato oval e possibilidade de serem armazenadas no compartimento localizado na porta de qualquer *freezer*, as embalagens da linha Prime de sorvetes da Nestlé, nos sabores Molico e La Frutta (maracujá, abacaxi e limão), produzidas pela Jaguar Plásticos e a Braskem, estarão entre as novidades do próximo verão. Com capacidade para 700 ml de produto, elas foram pensadas para consumidores exigentes e voltadas a um público que recente-

mente virou alvo dos fabricantes: os solteiros e os casais sem filhos.

O projeto, que utiliza as resinas CP 141 e CP 191, se destina a substituir as embalagens de cartão da linha Prime. Aplicadas, respectivamente, na produção dos potes e tampas, as resinas foram certificadas pelo cliente para a fabricação pelo processo In Mould Label, no qual, durante a injeção da embalagem, um robô coloca o rótulo dentro do molde de injeção e o polipropileno é aplicado sobre esse rótulo, fundindo-o à própria embalagem.

Segundo Heitor Silveira Neto Trentin, Engenheiro de Aplicação em Polipropileno da Braskem, responsável pelo desenvolvimento do projeto, a utilização da resina deixa o produto com um acabamento que atende a um dos requisitos da Nestlé, relacionado à pre-

[Luiz Adolfo Bascheira: praticidade e visualização]



servação do meio ambiente: “A decoração através da tecnologia In Mould Label resulta em uma embalagem do tipo monomaterial, o que facilita o processo de reciclagem”, destaca Trentin.

Adilson Arli da Silva Filho, Gerente de Engenharia de Aplicação e Desenvolvimento de Mercado em Polipropileno da Braskem, enfatiza outros aspectos, resultantes da fácil moldagem encontrada na resina, além da sua resistência à umidade e ao impacto. Segundo ele, o plástico apresenta ótima durabilidade, contribuindo para uma melhor conservação do produto tanto no ponto-de-venda quanto na ocasião do consumo, podendo ainda ser reutilizado por longo tempo. “Estamos falando de uma tecnologia sofisticada, ainda pouco utilizada pela indústria transformadora de embalagens, e que garante uma decoração viva, de alta resolução, que não se solta da embalagem e que, com isso, contribui para uma melhor exposição do produto na gôndola, diferenciando-o dos demais”, observa.

PORTFÓLIO DE RESINAS

O volume de produção de embalagens e a quantidade a ser utilizada de resina ainda não estão definidos. “Estima-se uma produção inicial de 1,5 milhão a 3 milhões de unidades/ano, o que daria um incremento de 110 t/ano de produto. É uma embalagem que irá chamar muito a atenção no ponto-de-venda. Para se ter um parâmetro de comparação, as vendas do CP 191 para esse mercado chegam a mais de 350 t/mês, fora os potes de sorvete que são produzidos por termoformagem ou de outras formulações (*grades*): CP 141, Prisma 2910 e outros”, afirma Trentin.

Para desenvolver a nova embalagem, a Braskem colocou à disposição do cliente seu portfólio de resinas desenvolvidas no Centro de Tecnologia e Inovação, onde a Braskem conta com uma equipe altamente especializada, com mais de 170 pesquisadores e técnicos. “As parcerias que desenvolvemos reafirmam um dos nossos principais valores, que é a busca inces-

sante de soluções inovadoras que contribuam para o desenvolvimento tecnológico do setor e, conseqüentemente, para seu crescimento”, diz Rui Chammas, Diretor do Negócio Polipropileno.

Luiz Adolfo Bascheira, Diretor Comercial da Jaguar Plásticos, esclarece que o processo de criação da embalagem para a Nestlé começou em maio de 2007. “Recebemos um *briefing* das necessidades e opções que a Nestlé tinha até aquele momento, e a Jaguar fez um trabalho de aperfeiçoamento, estudo da embalagem e desenvolvimento do produto, visando atender aos requisitos de praticidade, manuseio e visualização”, explica Bascheira.

O polipropileno é muito versátil e, na Jaguar, essa característica é aproveitada ao máximo. “Vários modelos são estudados em um departamento específico, com *softwares* adequados para desenvolvimento de produto, análise do processo técnico e de criação do *design*”, informa Bascheira. Ele ressalta que a Jaguar conta com o suporte constante da Braskem. “A empresa sempre nos apóia no que é necessário, desde a definição da resina até outros detalhes da área técnica, como na análise de compatibilidade entre resina e produto a ser envasado”, exemplifica.

Em 2007, o mercado brasileiro de sorvetes foi de 361 milhões de litros e, para 2008, espera-se um crescimento de 20 milhões de litros. A participação dos potes de polipropileno no mercado, principalmente os de 2 litros, em 2007, foi de 11 mil t/ano. A Braskem fornece 45% do volume de polipropileno destinado a desse mercado. As novas embalagens são destinadas a um segmento de alto valor agregado do mercado de sorvetes que responde por cerca de 1,6 milhão de unidades por ano.

O ENCONTRO DE DOIS PRAZERES

Unindo o prazer do consumo do sorvete a outro que também já conquistou os brasileiros, o de assistir a bons filmes em casa, um novo produto em lançamento no país está se utilizando da tecnologia pro-



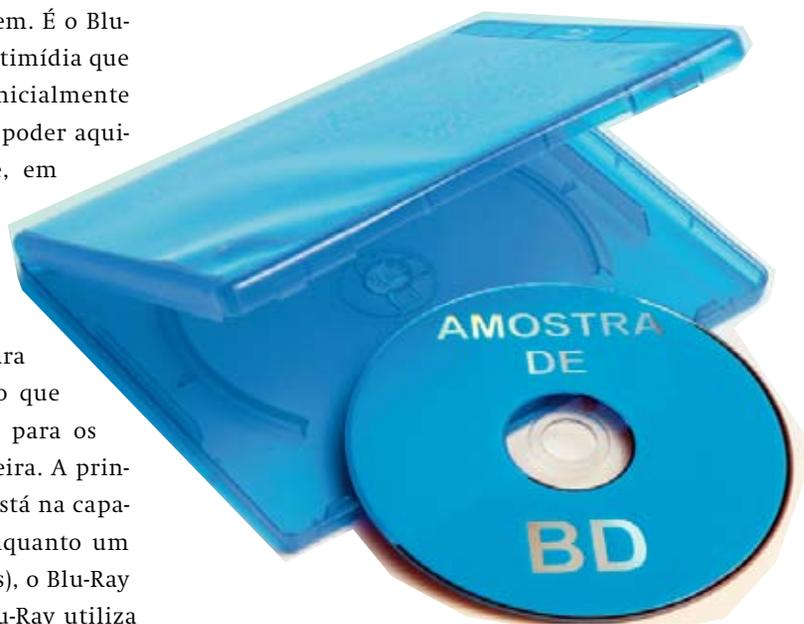
[Jurandir Vieira: matéria-prima com alto desempenho na produção]

porcionada pelo polipropileno da Braskem. É o Blu-Ray, o mais recente formato de disco multimídia que está entrando no mercado interno, inicialmente pela Região Sudeste, em razão do maior poder aquisitivo da população, mas que promete, em curto espaço de tempo, popularizar-se como as demais mídias que a antecederam, o CD e o DVD.

Para reproduzir um disco Blu-Ray é necessário ter um console apropriado para a leitura dessa tecnologia, equipamento que ainda apresenta um custo considerável para os padrões da maioria da população brasileira. A principal diferença entre o Blu-Ray e o DVD está na capacidade de armazenamento de dados. Enquanto um disco de DVD armazena 4,7 GB (gigabytes), o Blu-Ray pode armazenar de 25 GB a 50 GB. O Blu-Ray utiliza um raio *laser* de cor azul-violeta para ler e gravar dados. O comprimento da onda desse *laser* é de 405 nanômetros, enquanto o DVD utiliza um *laser* vermelho de 650 nanômetros de comprimento de onda. Toda essa tecnologia propicia ao Blu-Ray uma reprodução de alta definição com alta qualidade de imagem, embora isto só possa ser de fato percebido em uma TV de LCD (cristal líquido) ou Plasma.

Exatamente por ser destinado, nessa primeira fase, a um público mais exigente, também a embalagem foi pensada de forma a agregar valor ao Blu-Ray. Há cerca de três anos utilizando resinas da Braskem para a fabricação das embalagens de DVD do tipo Amarey, a Videolar, empresa que lidera o mercado de mídias virgens e gravadas, firmou no início de 2008 uma nova parceria com a Braskem para obter um produto diferenciado, sobretudo no que se refere a transparência e brilho da sua embalagem.

Adilson Filho, Gerente de Engenharia de Aplicação de Polipropileno e Desenvolvimento de Mercado da Braskem, diz que o polipropileno clarificado, que dá uma maior transparência à embalagem e que foi homologado pela Videolar, atendeu plenamente às rígidas especificações do cliente. “Ele está de acordo com os padrões internacionais e isso é



importante, porque, como é a resina escolhida para esse tipo de mídia, o crescimento de consumo do produto vai inserir a nossa matéria-prima nesse contexto de expansão do mercado”, projeta Adilson. Ele afirma que nesse momento não há ainda como prever esses percentuais de crescimento. “O certo é que a Videolar pretende produzir, inicialmente, cerca de 420 mil embalagens/mês”, informa.

Também satisfeito com a parceria existente, o Gerente de Produto da Videolar Jurandir Vieira salienta a qualidade da resina fornecida pela Braskem. “O polímero da Braskem é diferenciado em relação aos concorrentes”, diz. Segundo ele, apesar de as embalagens já estarem no mercado, ainda estão sendo feitos alguns testes adicionais para encontrar a melhor forma de aplicação da resina, a fim de ajustar a relação de custo do produto. “A Videolar, por ocasião desse lançamento, estava buscando no mercado um *grade* de matéria-prima que oferecesse alta performance na produção, bem como a qualidade que o produto iria requerer no quesito transparência. Foram testados *grades* de várias marcas e concluiu-se que o mais adequado era o oferecido pela Braskem”, arremata Vieira. ●

Um só time, uma só marca

Adaptação das embalagens de resinas à identidade visual da Braskem é um marco na reta final do processo de integração com a Ipiranga

TEXTO Danielle Espósito FOTOS Eduardo Beleske



[José Marques da Silva, integrante da Unidade PE5, em Triunfo, confere embalagem: coroamento de uma história emblemática para a indústria petroquímica brasileira]

NA ÁREA DE ENSACAMENTO DAS UNIDADES RECÉM-INTEGRADAS PP2 (Polipropileno) e PE5 (Polietileno) da Braskem, no Pólo Petroquímico de Triunfo (RS), o momento é de renovação. Está a todo vapor o trabalho de adaptação das embalagens de resinas à identidade visual da Braskem. Cerca de 56 mil toneladas de polietileno e polipropileno são ensacadas por mês nessas unidades.

“O produto que cruza o portão e segue para o nosso cliente agora tem a identidade da Braskem. Considero esse momento decisivo na história da integração com a Ipiranga, é como se fosse um coroamento”, diz o coordenador de ensacamento da Unidade Poliolefinas da Braskem, egresso da Ipiranga, Jorge Marques da Silva, que acompanhou todo o processo.

As sacarias chegam a empresas como a paulistana Brinquedos Cardoso, que era cliente da Ipiranga desde 1994 e, com a integração, tornou-se cliente da Braskem. O sócio-diretor da empresa, criada há 21 anos, Carlos Alberto Cardoso, afirma que a transição está sendo vivenciada de forma muito natural. “No início fiquei inseguro, sim. Afinal, foram 14 anos de relacionamento sólido com a Ipiranga. Eles já nos conheciam, já haviam entendido nossas necessidades. Mas o dia-a-dia me fez sentir segurança novamente e a relação com os parceiros da Braskem tem sido ótima”, salienta. “À seriedade e à competência com que estávamos acostumados, somaram-se características muito positivas da Braskem, como o dinamismo”, completa Cardoso.

O processo de integração está em curso desde 2007, quando da aquisição pela Braskem, em associação com a Petrobras, dos ativos petroquímicos do Grupo Ipiranga. Em 30 de setembro, foi concluído o processo de incorporação da Ipiranga Petroquímica e as unidades integradas passaram a utilizar a razão social da Braskem; e em 1º de outubro completou-se a implantação do sistema SAP (uma plataforma única de gestão de negócios), que possibilitou a integração completa das operações e dos processos das empresas.

O SAP foi implantado nas unidades recém-integradas por meio do Projeto Fórmula Sul. Marco Antonio Villas-Bôas, líder do projeto, destaca: “Nos processos implantados, que representam cerca de 80% do total, as operações e atividades estão completamente integradas”. A implantação do sistema deverá ser concluída em 2009.

As notas fiscais também foram padronizadas e passaram a ter um *layout* único, assim como o portal da

Braskem na internet, que recebeu a devida adequação de conteúdo e serviços, como o acréscimo de informações técnicas de todos os produtos comercializados anteriormente pela Ipiranga. E os certificados de qualidade que os acompanham passam a ter também a assinatura e o padrão visual da Braskem.

Rosa Maria Polesello, Responsável por Gestão de Atendimento ao Cliente na Braskem, relata que a equipe está trabalhando para aprimorar a qualidade do atendimento. “Por meio de pesquisas de satisfação e, sobretudo, do relacionamento cotidiano da equipe com os nossos clientes, estamos procurando oferecer um atendimento cada vez mais ágil e eficiente.”

PORTFÓLIO MAIS AMPLO

Com a integração das empresas, a Braskem se tornou mais completa também do ponto de vista de produtos. “É difícil o cliente não encontrar o que precisa aqui. Agora temos um portfólio ainda mais amplo e uma grande disponibilidade de resinas”, afirma Paulo de Mattos Coelho, Gerente de Conta da Unidade Poliolefinas. “No dia-a-dia, percebo que nossos clientes nos vêem como uma empresa sólida e líder de um movimento de consolidação do setor, o que fortalece a relação de confiança entre nós e o cliente”, conta.

Cada oportunidade de relacionamento e diálogo é fundamental nessa fase de mudanças. Com o objetivo de conhecer melhor as expectativas dos clientes e, assim, atendê-los cada vez melhor, a Unidade Petroquímicos Básicos promoveu um encontro com um grupo deles. “A iniciativa foi muito eficaz porque aumentamos nossa proximidade dos clientes, pudemos conhecer seus projetos futuros e as oportunidades de negócios”, informa Isabel Figueiredo, Diretora Comercial da Unidade. “Neste momento é crucial ouvi-los”, acrescenta.

O Seminário Técnico, organizado pela Unidade Poliolefinas para seus clientes, em agosto, com a presença de especialistas em economia, tecnologia e inovação e outras áreas de conhecimento que influenciam as atividades do setor plástico, foi outra iniciativa profícua. “O seminário me ajudou a definir os próximos passos da Brinquedos Cardoso”, observa Carlos Alberto Cardoso. “Foi uma oportunidade e tanto. Estamos seguros de que nossa relação de parceria só vai evoluir.” ◉

Frota inteligente

CNO compra caminhões com software de gestão e equipamentos customizados

A Construtora Norberto Odebrecht (CNO) comprou 260 caminhões Scania P 420 8x4 e P 420 6x4 que serão utilizados nas obras do Rodoanel, em São Paulo, e da Hidrelétrica Santo Antônio, em Rondônia, entre outras. Os veículos vêm com sistema de gerenciamento de frota, que proporciona informações e controle em tempo real de performance e produção, independentemente do local ou da obra em que esteja operando. O *software* de gestão foi desenvolvido para atender aos requisitos da Construtora. Desse lote, cerca de 100 caminhões são equipados com caixa automatizada Scania Opticruise, para melhor desempenho, menos consumo de combustível e mais conforto para o

operador. Roberto Leoncini, Diretor de Vendas de Veículos da Scania no Brasil, informa que esse é o maior

número de caminhões vendidos pela montadora a um só cliente em seus 51 anos no Brasil.



Henrique Lorca-Scania

[Caminhão Scania P 420 8x4]

Rio Grande do Sul estimula pesquisa de cana-de-açúcar

Plástico verde da Braskem leva Estado a se mobilizar para melhorar produtividade no campo

Empresários e administradores do Governo do Rio Grande do Sul estavam apreensivos, pois o Estado havia ficado fora do zoneamento da cana-de-açúcar em estudos preliminares do Ministério da Agricultura. A situação foi revertida. "Foi liberado 1,8 milhão de hectares para o plantio da cana-de-açúcar no Estado, e a produção de polímero verde da Braskem poderá ser implantada em sua totalidade", anunciou o Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Alceu Moreira, no seminário Diálogos de Convergência, realizado em Porto Alegre no fim de agosto. Na ocasião, foi criada a Oficina de Soluções, cuja missão é incre-

mentar pesquisas que aumentem a produtividade do cultivo e a qualidade da cana-de-açúcar para produção de biocombustível e plástico verde. A providência soma-se a iniciativas da Braskem, que desenvolve e apóia especialistas para que elaborem projetos científicos e tecnológicos com foco em processo alcoólquímico – de

modo a abrir o leque de produtos feitos com matéria-prima renovável. O movimento foi alvo de debate no 13º Congresso Brasileiro de embalagem, promovido pela Associação Brasileira da Embalagem (Abre), em São Paulo. A conclusão: a palavra de ordem do momento é sustentabilidade. Tanto que, dois anos antes do início da produção em escala industrial do polietileno verde, a Braskem firmou parceria com a Toyota Tsusho, que será sua representante para a venda de resinas de origem vegetal na Ásia e deverá absorver um quarto da capacidade produtiva de 200 mil t/ano de polietileno de alta densidade (PEAD) e polietileno de baixa densidade linear (PEBDL).



Peggy Greb/ARIS

[Espécies melhoradas de cana podem produzir mais açúcar em menos tempo]



IMAGEM – As maçãs que aparecem esbranquiçadas na primeira foto foram pulverizadas com minúsculas bolinhas plásticas carregadas de partículas minerais microscópicas que afastam insetos, aumentam o tamanho e dão colorido mais vivo às frutas. Pesquisadores do Serviço de Pesquisa Agrícola (ARS) dos Estados Unidos também têm usado filmes plásticos aluminizados para cobrir o solo, reduzindo a incidência de doenças e aumentando a incidência de luz nas plantas. Após três anos de testes, eles concluíram que, associadas, as duas tecnologias resultam em aumento de produtividade e eficiência no campo – o que se traduz em maior qualidade e menor preço para o consumidor. As maçãs ficam apetitosas como as que se vê na outra foto. Mais informações em www.ars.usda.gov.

INOVAÇÕES QUE VALEM NOTA

- Líder global em desenvolvimento de sistemas para gestão corporativa (ERP) e de tesouraria, com cerca de 6 milhões de clientes em 60 países, o grupo franco-britânico Sage-XRT www.sage.com está no Brasil desde maio. "Apostamos em um crescimento em torno de 40% para este ano", diz o Diretor-Geral da Sage-XRT Brasil, Thierry Giraud. Uma das razões para o otimismo: seus sistemas de gestão de tesouraria, apontados como os melhores disponíveis no mercado pela revista americana *Global Finance* em 2005, 2006 e 2007, serão implantados pela CNO na Tesouraria central e nos países onde atua, visando à obtenção do máximo proveito na automatização de processos.

- A Braskem está entre as empresas com ações importantes e inovadoras em gestão de compras com reflexos positivos na companhia. O case "Gestão eletrônica com a utilização da ferramenta Edital de Serviços" foi apresentado no V Fórum Nacional de Gestão de Compras e Suprimentos realizado em São Paulo, onde foram discutidos planejamento, tecnologias, formas de superação dos desafios na implementação e resultados obtidos. O evento foi organizado pelo Instituto Brasileiro de Supply Chain, pertencente à Federação Brasileira de Desenvolvimento Corporativo (Febracorp). Segundo

dados da entidade, a área de compras responde por cerca de 50% do faturamento das indústrias.

- Os 3.600 atletas que participaram da Meia Maratona Braskem de Revezamento 2008, em Salvador, tiveram um *chip* preso ao cadarço do tênis. Quando passaram pelos tapetes de largada e chegada, equipados com leitores de sensores, seu tempo foi registrado automaticamente nos computadores da sala da direção técnica da prova, o que garantiu precisão nos resultados. O sistema é semelhante ao que foi utilizado na Maratona das Olimpíadas de Pequim. Veja fotos da competição em www.meiamaratonabraskem.com.br/2008/bahia/fotos.htm.

- Além da metodologia de gerenciamento de projetos do PMI (Project Management Institute) – que define processos, recursos, análise de risco, cronograma de implantação, por exemplo –, a Braskem adotou a solução de PPM (Process Project Management) Clarity, para aumentar a eficiência na condução de projetos e no direcionamento do investimento de capital. A implementação, que levou seis meses, permite a gestão centralizada via *web* de escopo, ciclo de vida e prazo dos projetos, com geração de documentos e formulários eletrônicos.

Novidades na web

- A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) disponibiliza estudos produzidos por diversas instituições do Brasil e do exterior, privadas e governamentais, sobre as atividades da indústria brasileira de cana-de-açúcar. O material está disponível na seção Documentos do site www.unica.com.br.

- O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) oferece na internet uma galeria de imagens em alta resolução das capitais brasileiras e de algumas de países da América do Sul, resultantes do programa CBERS (Satélite Sino-brasileiro de Recursos Terrestres). Também estão disponíveis as primeiras imagens de 27 km de largura com resolução espacial de 2,7 m, produzidas pela Câmera Pancromática de Alta Resolução instalada em caráter experimental no CBERS-2B. O endereço: www3.dgi.inpe.br/pesquisaz2007/galeria/linux_E_galeria/galeriaCD.html.

Serviços públicos com arte

Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Centro Administrativo do Governo de Minas Gerais, em execução na região norte de Belo Horizonte, vai abrigar as secretarias e órgãos estaduais que estão em prédios dispersos pela cidade

TEXTO **Eliana Simonetti** FOTOS **Luciana De Francesco**

O viajante que desembarca no Aeroporto Tancredo Neves, em Confins, na região metropolitana de Belo Horizonte, e segue para o centro da capital mineira, não pode deixar de notar, à sua direita, um formigueiro de gente e de máquinas em movimento incessante numa obra imensa, com prédios de formato incomum. É o Centro Administrativo do Governo de Minas Gerais, localizado no antigo Hipódromo Serra Verde, na região norte da cidade. Projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, é um empreendimento da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais

(Codemig) para abrigar as secretarias e órgãos estaduais que atualmente estão em prédios espalhados pela cidade – muitos deles alugados. “O Centro Administrativo é a maior obra de engenharia civil em execução na América Latina e representa a mais significativa inovação em engenharia, arquitetura e concepção de serviço público do país”, afirma o Governador Aécio Neves. “A dedicação e a eficiência das construtoras e dos trabalhadores têm sido de importância fundamental para a realização de nossos planos.”

As obras do Centro Administrativo foram divididas em três lotes. O consórcio composto pelas construtoras Norberto Odebrecht, OAS e Queiroz Galvão ficou encarregado do lote 2: Secretaria Prédio 1. Em dezembro de 2007, foi instalado o canteiro de obras. Em março de 2008, com a ordem de serviço liberada, tiveram início os trabalhos de fundação – num ritmo acelerado, em turnos diurno e noturno. Em setembro, mil pessoas estavam engajadas no projeto. “Nosso maior desafio, aqui, é a velocidade. São cinco edifícios em um. E tudo terá de estar pronto em 26 meses”, diz Carlos Berardo Zaeyen, Diretor de Contrato.



[O novo Centro Administrativo
vai tomando forma: obra
realizada segundo os
conceitos de desenvolvimento
sustentável]





[Novas instalações do Governo do Estado já atraem a iniciativa privada: comércio e serviços]

“Temos buscado soluções de engenharia para realizar com qualidade, eficiência e no prazo requerido o que nos foi encomendado”, ele acrescenta.

A operação não é simples. Minas Gerais cresce a todo o vapor e há obras por todo o lado. É natural que faltem trabalhadores qualificados. Para contornar o problema, foram firmadas duas parcerias. A primeira delas com o Sistema Nacional de Empregos (Sine) do Ministério do Trabalho, que anuncia as vagas em todo o país e busca pessoas desejosas de trabalhar em Minas Gerais. A segunda, firmada com o Serviço Nacional da Indústria (Senai), capacita pessoas sem formação profissional para trabalharem como carpinteiros e ferreiros – em aulas teóricas ministradas num auditório construído no canteiro de obras, além de aulas práticas. O diferencial: quando se habilitam a participar das aulas, as pessoas são imediatamente contratadas como ajudantes. Se mostram habilitadas, ingressam no quadro de funcionários.

NIEMEYER VISITA A OBRA

Em 21 de setembro, um domingo, o arquiteto Oscar Niemeyer – que tem aversão a aviões – viajou de automóvel do Rio de Janeiro a Belo Horizonte. No dia 23, uma terça-feira ensolarada, foi verificar o andamento das obras do Centro Administrativo. “Este é o projeto que mais tem me estimulado nos últimos tempos. É uma felicidade poder constatar que uma idéia sai do papel e se transforma em realidade. Sobretudo quando isso acontece tão rapidamente. Hoje me sinto plenamente realizado”, disse à *Odebrecht Informa*.

O desenho arquitetônico com a assinatura de Niemeyer já bastaria para que o Centro fosse considera-

do notável, e seu desenho inovador, concretizado em curto espaço de tempo, seria motivo suficiente para comemoração. Mas há mais. A obra é realizada dentro dos conceitos de desenvolvimento sustentável. Os sistemas de iluminação e ar-condicionado são inteligentes, ou seja, adaptam-se automaticamente às condições de tempo e às necessidades de conforto do número de pessoas presentes em cada andar. O esgoto, a vácuo, reduz o consumo de água. E a fachada de vidro duplo proporciona isolamento térmico e acústico. Há tratamento de resíduos, monitoramento da qualidade do ar e preservação das áreas verdes do entorno.

QUALIDADE DE VIDA

Está prevista a criação do Parque Estadual Serra Verde, com área de 105 hectares, um espaço de lazer para as pessoas que vivem nos 15 bairros das redondezas – em sua maioria das classes média baixa e baixa.

A construção do Centro promove, assim, uma reestruturação no plano urbano de Belo Horizonte – cujo crescimento esbarrava nas montanhas de ferro, ao sul –, fomentando o desenvolvimento do chamado Vetor Norte da cidade, caracterizado por expressivo crescimento demográfico e carência de serviços. De acordo com o acompanhamento feito pela Codemig, antes mesmo de concluída, a obra já atrai o interesse da iniciativa privada para a criação de empreendimentos, sobretudo nos setores de comércio e serviços – hotéis, restaurantes, bancos e *shopping centers*, por exemplo –, o que gerará oportunidades de trabalho.

Para os cidadãos, além do surgimento de um novo pólo de lazer, de melhorias urbanas e de perspectivas de

emprego, o Centro Administrativo deverá representar facilidade de acesso, qualidade e agilidade nos serviços públicos, já que todos os organismos estaduais estarão reunidos em um mesmo espaço. A transferência da administração liberará uma série de edifícios, muitos deles históricos (especialmente na Praça da Liberdade), que passarão a sediar cinemas, teatros, centros culturais, salas de exposição e restaurantes, formando um corredor cultural. "Com sua tecnologia e sensibilidade, a Odebrecht está contribuindo para a realização desse sonho", diz Sérgio Neves, Diretor-Superintendente da Odebrecht em Minas Gerais.

Jair Valera, arquiteto da equipe de Oscar Niemeyer que acompanhou recentemente os trabalhos da Odebrecht (por meio da CBPO Engenharia) na construção do Hospital Veterinário e do Centro de Convenções da Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), no Rio de Janeiro, afirma: "É muito bom trabalhar com a Odebrecht. É uma construtora de grande porte, uma garantia de que será feito o melhor possível para pôr de pé nossos projetos".

GESTÃO PÚBLICA

O Centro, ao integrar os diversos organismos e serviços prestados à população, agilizará a logística de processos, documentos e informações e melhorará as condições de trabalho dos servidores e o atendimento ao cidadão. "Desejamos prestar ao cidadão um serviço melhor, com conforto e modernidade e, ao mesmo tempo, estimular o crescimento de uma área que estava praticamente abandonada, melhorando a qualidade de vida de pessoas de baixa renda", destaca Oswaldo Borges da Costa Filho, Presidente da Codemig.

O Governo estima que a mudança propicie uma economia de R\$ 25 milhões anuais aos cofres públicos apenas com os alugueis que deixarão de ser pagos; e que a recuperação do investimento na obra, de cerca de R\$ 948 milhões, ocorra em pouco mais de três anos. "Este é um projeto arrojado, que traduz a grandeza de Minas Gerais e a austeridade que se deve ter ao lidar com



[Oswaldo da Costa Filho: conforto e modernidade para o cidadão]

recursos públicos", salienta o engenheiro José Carlos Sussekind, que cuida dos cálculos estruturais para viabilizar as idéias de Niemeyer.

O Centro Administrativo integra um elenco de ações do Governo de Minas em favor do desenvolvimento. Outros empreendimentos, na cidade de Belo Horizonte e no Estado, estão

transformando a face de Minas Gerais. "Minas passa por um choque de gestão cujos resultados são positivos, mensuráveis e têm sido percebidos por todos. Temos a maior malha rodoviária do país e ela está sendo modernizada. Recuperamos infra-estruturas urbanas. Negociamos com o Governo Federal a expansão das linhas de metrô via Parceria Público-Privada (PPP). O turismo de negócios foi alavancado com a construção de um centro de exposições (o Expominas). Registramos recordes de investimentos de empresas no Estado e a ocupação dos hotéis saltou de 36% para 70% nos últimos cinco anos. Todo esse movimento gera riqueza e aumenta a auto-estima das pessoas", diz Oswaldo da Costa Filho.

PRATICIDADE E INOVAÇÃO

A velocidade da obra e a peculiaridade do projeto de Oscar Niemeyer levaram os engenheiros da CNO a buscar soluções inovadoras, práticas e eficientes que possibilitassem o cumprimento do contrato.

Números do Prédio 1 das Secretarias do Centro Administrativo:

- 116.240 m² de área construída.
- 250 m de extensão e largura de 25 m nas extremidades e de 32 m no eixo central.
- 6.614 m² de área útil por andar.
- 17 pavimentos, sendo 1 subsolo, 1 de pilotis, 13 pavimentos de trabalho, 1 pavimento intermediário e 1 pavimento técnico.
- 217 vagas para veículos na garagem do subsolo.
- 28 elevadores.
- 3 helipontos de emergência.
- 38 mil m³ de concreto e 5 mil t de aço aplicados na obra e 21 mil m de estacas metálicas tubulares cravados.
- 8 mil pessoas de secretarias e órgãos da administração de Minas Gerais trabalharão no prédio.
- 26 meses é o prazo para a construção.

Niemeyer, o arquiteto do imponderável

ÀS VÉSPERAS DE COMPLETAR 101 ANOS DE idade, em 15 de dezembro de 2008, Oscar Niemeyer tem uma trajetória de 70 anos de carreira repleta de desafios à lógica e à tecnologia, com projetos que continuam inovadores mais de 50 anos depois de construídos. Não é sem razão que é um dos nomes mais influentes na arquitetura moderna, pioneiro na exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado. “Gosto de experimentar as possibilidades do material, e o desenvolvimento tecnológico tem me permitido criar, ousar e desafiar cada vez mais o que está estabelecido pela engenharia”, diz. “Ao longo de minha vida, sinto como se tivesse subido degrau a degrau, avançando em direção ao meu sonho de beleza, economicidade e utilidade dos projetos. Existe um mundo ilimitado de possibilidades a explorar.”

Não se engana quem perceber em Niemeyer, de vez em quando, um olhar distraído: ele presta atenção a tudo o que acontece à sua volta. Ouve o que lhe dizem, mesmo em meio a grande balbúrdia, e responde com clareza e objetividade – apertando com firmeza a mão do interlocutor. Com sua voz rouca, fala de tudo com paixão. “Arquitetura é invenção. Deve ser surpreendente e contribuir para melhorar a vida das pessoas”, afirmou, num desses momentos, à *Odebrecht Informa*.

Ele acorda cedo e dorme tarde, para melhor aproveitar a vida, explica. Quando está no Rio, onde mora, trabalha no escritório diariamente, entre as 10 e as 15 horas. Fuma, gosta de uma boa taça de vinho e de manter longas conversas bem-humoradas com amigos sobre os temas mais diversos.



[Oscar Niemeyer com o Governador Aécio Neves no canteiro de obras: "Arquitetura é invenção"]



Niemeyer costuma dizer que Brasília, a capital que projetou a pedido do ex-Presidente Juscelino Kubitschek no fim da década de 1950, nasceu em Belo Horizonte, com a construção, nos anos 1940, do conjunto da Pampulha – que inclui a Igreja de São Francisco (decorada por Cândido Portinari), a Casa do Baile, o Cassino e o Iate Clube, além do lago com 17 km de circunferência.

Em Belo Horizonte, também levam sua assinatura o Edifício Niemeyer, na Praça da Liberdade; o Teatro Municipal; a Biblioteca Pública Luiz de Bessa; a Escola Estadual Governador Milton Campos (Estadual Central); o Conjunto JK, na Praça Raul Soares; o Clube Libanês; o Museu do Homem; a Academia de Letras; o Palácio das Artes; e o Palácio das Mangabeiras. Isso sem falar nas inúmeras obras que Niemeyer plantou em outros municípios mineiros. “Somente com entusiasmo e coragem poderíamos ter feito o que fizemos”, diz.

Nascido no Rio de Janeiro em 1907, Oscar Niemeyer Soares Filho formou-se arquiteto em 1934 pela Escola Nacional de Belas Artes. Já em 1936 integrou a comissão que definiu os planos da sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, sob supervisão do arquiteto suíço Le Corbusier. A partir de então não parou mais – desenhando edifícios, praças, ambientes para as mais diversas finalidades no Brasil e no exterior. No mundo, têm sua marca, de concreto armado em formas sinuosas e de grandes vãos e espaços de convivência, entre muitos outros, a sede da Organização das Nações Unidas em Nova York, a Universidade de Constantine e a mesquita de Argel, na Argélia; a sede da Editora Mondadori, em Milão, na Itália; e o Museu de Arte Moderna de Caracas, na Venezuela.

Recentemente as encomendas aumentaram e estão sendo construídos centros culturais e teatros projetados por Niemeyer no Chile, na Argentina, na Espanha e na Itália. No Brasil, além do Centro Administrativo do Governo de Minas Gerais, em Belo Horizonte, há outras obras em andamento em Natal e em Recife. “Niemeyer é uma das poucas unanimidades do nosso tempo, não apenas pelo extraordinário talento, mas pela dimensão ética que tem imprimido a sua vida. Sua arquitetura é

profundamente humanista. Sabe expressar o silêncio e o protesto, a reflexão e a alegria e, sobretudo, a solidariedade. Foi nas linhas das montanhas de Minas que Oscar se encantou com a imponência das curvas”, disse o Governador mineiro Aécio Neves no dia 23 de setembro, quando o arquiteto visitou as obras do Centro Administrativo.

Há tempos a Odebrecht está ao lado de Niemeyer, concretizando vários de seus projetos no Brasil. É o caso do Sambódromo e dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), construídos nos anos 1980 no Rio de Janeiro. Em 2004, Norberto Odebrecht visitou o escritório do arquiteto para encomendar um projeto para um parque ecológico na Bahia. “Tivemos uma conversa muito agradável e cheguei a ter algumas idéias, mas, por alguma razão de que não consigo me lembrar, as coisas não caminharam como planejamos”, conta Niemeyer.

MÁXIMAS DE NIEMEYER

- “Fazer um projeto que não represente nada de novo, uma repetição do que já existe, não me interessa. Minha preocupação é utilizar a técnica em toda a sua plenitude, buscando dar aos meus projetos a surpresa, o espanto que uma obra de arte requer.”
- “Projetar um conjunto de prédios é sempre estimulante, apesar de complexo, porque as formas têm de compor uma unidade arquitetural.”
- “A gente tem de acreditar que a vida é importante e pode ser melhor. Para isso é preciso haver fantasia, é preciso sonhar. Ou as coisas não acontecem.”
- “A luta por uma sociedade mais justa não pode se perder no tempo.”
- “Cem anos é uma bobagem. O que vale é a vida inteira, cada minuto dela. A solidariedade justifica o curto passeio da vida.”
- “Quando olho para trás vejo que não fiz concessões e segui o bom caminho. Isso me dá uma certa tranquilidade. O trabalho faz milagres.” ◉

Experimentos e mais experimentos

Desenvolvimento de variedade comercialmente competitiva de cana-de-açúcar dura de 10 a 12 anos

TEXTO **Leonardo Maia** FOTOS **Guilherme Afonso**

NO PRINCÍPIO, SÃO 300 MIL SEMENTES DE CANA-DE-AÇÚCAR que viajam acondicionadas da Estação de Floração e Cruzamento da Serra do Ouro, em Alagoas, rumo ao Centro de Ciências Agrárias da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), em Araras, interior de São Paulo. Lá ocorre o processo de sementeira e, depois dele, 40 mil mudas são enviadas para a Estação Experimental da Unidade Eldorado, da ETH Bioenergia, no Mato Grosso do Sul. Este é apenas o começo de um longo processo de seleção natural.

Na primeira fase, chamada de T1, o corte é brusco: após dois anos concorrendo com variedades comerciais, sobressaem-se apenas mil mudas, as mais resistentes e promissoras. Por mais dois anos, na fase T2, questões como perfilhamento (a quantidade de pés de cana-de-açúcar que nascem em 1 m linear), fechamento e resistência a doenças e herbicidas são avaliadas. Sobram apenas cerca de 250 a 300 pés, que apresentam resultados melhores que a média ou iguais a ela. Na fase T3, com mais três anos de testes, os clones que tiverem as melhores médias em três cortes passam para a fase final de experimentação, conhecida como ensaio de competição. Não perca as contas: são apenas 20, no máximo 30 privilegiadas. Após mais um cuida-

doso período de três anos, podem sair uma ou duas novas variedades. Com muita sorte, até três. Mas todo esse esforço pode também se mostrar nulo, resultando em nenhum novo tipo de cana-de-açúcar.

Esse trabalho dura de 10 a 12 anos. O objetivo é que pelo menos uma sementinha daquelas 300 mil que saíram de Alagoas se transforme em uma espécie competitiva comercialmente, com um teor de açúcar mais alto e com uma capacidade maior de tonelada plantada por hectare. Essa atividade tem impacto direto na obtenção de maior produtividade em uma unidade como a Eldorado, da ETH.

“O principal objetivo da nossa estação experimental é encontrar uma variedade adaptada às novas fronteiras, onde fica hoje o Mato Grosso do Sul, pois as variedades que existem aqui são mais adequadas ao Nordeste e a São Paulo. Ter um projeto como este dentro de casa é uma evolução para a região. São clones adaptados a este tipo de solo e clima”, explica Alécio Cantalogo, Gerente Agrícola da Unidade Eldorado.

A existência de um experimento desse gênero – o primeiro no Mato Grosso do Sul – beneficia toda a região. Componente da Rede Interuniversitária para Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro (Ridesa), a



Unidade Eldorado deve disponibilizar suas descobertas para os outros associados, tanto universidades federais como empresas concorrentes. Do mesmo modo, a ETH pode adotar variedades desenvolvidas em outras estações, como é o caso das que vieram de Valparaíso, no interior de São Paulo. Elas já estão em fase final de experimentação e em breve poderão ser utilizadas comercialmente.

Ao desenvolver pesquisas em busca de novas espécies de cana em seu próprio campo agrícola, a ETH sai na frente da concorrência. “Depois de todo o processo, se a nova variedade apresentar um resultado bom, já a teremos num formato comercial, tratada termicamente. Essa é a vantagem de possuir a estação aqui, pois as outras usinas vão precisar esperar o lançamento, enquanto nós já possuiremos 100 a 200 hectares dela”, salienta Alexandre Sulino, que divide com Dorivan Rios Figueiredo a coordenação da Estação Experimental.

A Unidade Eldorado possui 60.500 clones diferentes distribuídos em 45 hectares. A meta é chegar nos próximos anos à marca de 60 hectares em testes. A maior parte está na fase T1, iniciada com 20 mil mudas no ano passado e que ganhou mais 40 mil este ano. Os outros 500 pés estão em fase final de experimentação e são justamente aqueles que vieram de Valparaíso.

CRESCIMENTO VERTICAL

O trabalho pode render frutos também para outras unidades da ETH, como a Alcídia e a Conquista



[José Carlos da Silva, integrante da ETH,
na Estação Experimental: vantagem competitiva]



do Pontal, em São Paulo, e a vizinha Santa Luzia 1, ainda em fase de construção. O otimismo é grande: “A média produtiva que esperamos hoje é acima de 90 t de cana por hectare. Mas como nosso canavial tem apenas três anos de vida, o maior desafio é manter essa média alta nos próximos anos. Nosso objetivo é produzir mais e em menor área. Queremos crescer verticalmente”, observa Alécio Cantalogo.

Para que esse objetivo seja alcançado, é essencial que o programa de experimentação vingue. “Planejamos ter, no mínimo, uma nova variedade daqui a 10 anos, quando nossos primeiros clones encerrarem as fases de testes. Em Alagoas, há cruzamentos que são top de linha no mercado”, esclarece Alexandre Sulino.

CLIMA IDEAL

Antes de chegar ao campo experimental da ETH, no Mato Grosso do Sul, as potenciais novas variedades de cana-de-açúcar foram geradas na Estação de Floração e Cruzamento da Serra do Ouro, nos arredores de Maceió. Sob a orientação de pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), dá-se o cruzamento natural de diferentes tipos de cana, em busca de uma variedade nova, mais resistente e produtiva. Dessa que é a única estação do tipo ligada à Ridesa, saem todas as sementes distribuídas aos associados. O processo de hibridação ocorre entre abril e junho, quando pesquisadores de todas as universidades associadas se mudam para Alagoas.

Mas por que somente em Alagoas? A resposta quem dá é Geraldo Veríssimo, professor da Ufal e coordenador do programa da Serra do Ouro: “Estudos científicos revelaram que existem aqui locais ideais para o profundo florescimento da cana, devido ao clima e ao solo fértil. Estamos na latitude ideal e com uma temperatura perfeita, com mínima de 18 graus e máxima de 32 graus”.

O Centro de Ciências Agrárias da Ufal possui hoje um dos mais importantes bancos de germoplasmas da cana-de-açúcar do mundo, com variedades de países como Austrália, Estados Unidos, Indonésia e Colômbia, e de períodos remotos, como o século 19. A



origem desse trabalho está na década de 1970, época do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). Com a extinção do IAA, as universidades federais herdaram os pesquisadores e as estruturas físicas, não deixando o projeto morrer.

Na Serra do Ouro, são cruzadas espécies conhecidas como República do Brasil (RB), que correspondem a 70% do que é produzido nacionalmente e a 80% do que é plantado na Unidade Eldorado. A expectativa do pesquisador Geraldo Veríssimo é que saiam de três a 10 novas variedades em cada lote de 300 mil que segue por ano para as estações experimentais da Ridesa. Isso após o longo processo seletivo, que dura no mínimo 10 e no máximo, 15 anos.

“A tendência é a geração de novos tipos de cana. Todo ano, temos elevado essa contribuição. Na década de 70, o Brasil produzia menos de 50 t de cana por hectare, e o teor de açúcar por tonelada de cana era de 100 kg. Hoje trabalhamos com uma média de 80 toneladas por hectare e o teor de açúcar passou de 100 kg para 140 kg”, resume Geraldo.

[Evandro: "Aprendo e também transmito um pouco do que sei"]



Um jovem líder na Estação Experimental

O olhar vacila em busca de um ponto fixo, mas a facilidade em articular as palavras é prova de que o sul-matogrossense Evandro Souza Santos sabe que pode chegar longe. Com apenas 20 anos, ele lidera um grupo de 11 ajudantes da Estação Experimental da ETH, parte da equipe de Dorivan Rios Figueiredo e Alexandre Sulino, responsáveis pelo projeto. Chama a atenção o fato de Evandro ser o único jovem num grupo maduro. A idade poderia ser um obstáculo para assumir a posição de líder, mas para este estudante universitário do 3º ano de Administração de Empresas isso é apenas um detalhe.

"Eu me sinto preparado. A ETH é uma empresa que incentiva o crescimento das pessoas, dá treinamento e apoio necessários para o desenvolvimento do trabalho. É um privilégio ter na equipe pessoas com mais experiência, tanto de vida como de trabalho. Aprendo e também transmito um pouco do que sei", afirma Evandro.

A equipe do jovem líder é responsável por montagem, plantio, avaliação dos experimentos e levantamento de falhas, entre outras atividades. Todos os participantes têm a exata noção da importância desse trabalho. "A grande satisfação para nós virá quando encontrarmos um clone que, depois de passar por avaliações que duram anos, se torne uma variedade rica em açúcar e com grande produção por hectare", diz Evandro, que acrescenta: "Meu sonho é terminar a faculdade e fazer um curso de especialização no setor sucroalcooleiro, para um dia chegar à gerência da empresa. Sei que isso não acontece de um dia para o outro, ainda tenho muito que aprender".

Se o caminho a ser percorrido por Evandro ainda é extenso, ele pode mirar o exemplo de Antonio Maria Cardoso Rocha, que, a muitos quilômetros da Unidade Eldorado, também trabalha para alcançar novas e mais resistentes variedades de cana. Pesquisador da Ufal, esse pernambucano radicado em Alagoas é o mais antigo colaborador da Estação de Floração e Cruzamento da Serra do Ouro. Aos 79 anos, Antonio Maria é um contador de histórias nato. Fala com espontaneidade sobre o processo de cruzamento natural da cana-de-açúcar, mas gosta mesmo é de recordar histórias de séculos atrás, que passeiam por localidades ligadas à cana, como Barbados, Austrália, Taiwan e Havaí.

Antonio Maria sorri quando se lembra do dia em que o editor-chefe de uma importante revista norte-americana atolou o carro no caminho para a Serra do Ouro, décadas atrás. Recordar-se perfeitamente do dia em que a Embratel deu um jeito nessa estrada e melhorou o acesso à estação experimental. Só muda de feição quando alguém lhe fala em aposentadoria. "A minha cultura sempre foi a de trabalhar, nunca a cultura da preguiça. Se já tivessem me pedido para parar, eu teria morrido", arremata. ◉

Tempo de crescimento e conquistas

Contratadas pela ETH, pessoas de 17 a 40 anos vêem novas oportunidades se abrirem em suas vidas

TEXTO Denise Ribeiro FOTOS Lia Lubango



[Jorge Insabrald: "Fico imaginando todos nós aqui na usina"]

EXATOS 10 QUARTEIRÕES SEPARAM A SALA DE AULA DA CASA de Jorge Rosa Insabrald, que acaba de se mudar com a família para Nova Alvorada do Sul. A cidade, no interior do Mato Grosso do Sul, parece pronta a espantar a poeira imemorial de suas ruas e a ingressar na era moderna da produção de etanol. Enquanto caminha para casa, Jorge refaz mentalmente o turbilhão em que se transformou sua vida desde que passou na seleção para o curso de Operador Industrial, promovido pela ETH Bionergia.

Instalada há um ano na cidade, a empresa conseguiu reunir para os testes 180 homens e mulheres entre 17 e 40 anos, depois de anunciar a convocação em jornais e estações de rádio da região. “Conheci todos os jovens da redondeza. A seleção foi dura, teve quatro fases”, conta Isabel Silva, a integrante que garimpa talentos para a ETH de Nova Alvorada do Sul e que agora é reconhecida pela moçada no supermercado, na farmácia, na pizzaria.

Como um dos 32 aprovados para o curso de 10 meses, Jorge passa cinco dias da semana recebendo lições de química, matemática, física, legislação e gestão ambiental – entre inúmeras outras disciplinas –, aprendendo a diferenciar processos na fabricação do açúcar e do álcool e a entender o funcionamento integral de uma usina. Uma demanda para tanto.

Determinado a se dedicar integralmente ao curso, Jorge não pensou duas vezes antes de se mudar mais uma vez de cidade, rotina que o acompanha desde a infância. “Meu pai era funcionário de uma empresa de energia, vivia sendo transferido”, explica. O maior incentivo veio de sua mulher, Luciane Souza, 30 anos, que no começo do curso ficou em Dourados, no Mato Grosso do Sul, com os dois filhos, contentando-se em ver o marido só nos fins de semana.

Jorge trabalha desde os 13 anos. Já foi vendedor de frutas e chinelos. “Eu não dava conta de tanta encomenda”, diz, sorridente. Ele também conserta ar-condicionado e é um desbravador. Levou para Mato Grosso do Sul o conceito de customização. As sandálias havaianas que vendia traziam nas tiras bordados tecidos por uma artesã.

DOMÍNIO DE PROCESSOS

De 1995 ao início de 2008, Jorge foi de professor de informática autodidata a técnico de alimentos, versado em

microbiologia e fermentação. As similaridades entre os processos de fabricação de alimentos e de álcool o incentivaram a se inscrever na seleção. Achou que tinha chances e acertou. Ganhou a vaga no curso de Operador Industrial não só pela coincidência dos processos, mas pela diversidade de aprendizados que acumula. “Ele demonstra capacidade de assimilar novos conhecimentos, maturidade e garra para enfrentar adversidades. Além de ser um líder nato”, frisa a recrutadora Isabel Silva.

Todos os 32 colegas de turma de Jorge têm tido desempenho acima da média nas aulas teóricas e práticas. Os olhos deles brilham diante da expectativa de trabalharem na Unidade Santa Luzia 1, que a ETH está construindo em Mato Grosso do Sul. Nas visitas às obras, Jorge se emociona. “Fico imaginando todos nós aqui na usina, cada um desempenhando uma função, mas podendo operar qualquer processo, desde a preparação da cana, quando sai do plantio, até ela virar etanol.”

Formar operadores versáteis é o grande diferencial do curso da ETH, em um setor acostumado a contratar técnicos setoriais (operador de caldeira, de moenda e de destilação, entre outros). Por isso, Jorge se diz surpreso – e grato – por fazer parte dessa experiência inovadora. “Nunca pensei que receberia um treinamento tão longo, completo e, ainda por cima, remunerado”, comemora.

Com a bolsa-auxílio que recebe, Jorge pôde levar a família para Nova Alvorada do Sul. Alugou uma casa modesta, com amplo quintal de terra batida, onde convivem pés de manga, acerola, abacaxi, goiaba e carambola, uma parreira, um limoeiro, dois cachorros, uma tartaruga e um gato assustado com os abraços apertados da filha Lorena, de 2 anos. Consciente de que está construindo uma nova história para sua vida, Jorge acredita ter escolhido o caminho certo para crescer. “Se a gente quer ser campeão, tem de aprender com quem já é”, diz.

O HOMEM DOS MOTORES

Na outra ponta do processo de desenvolvimento de pessoas está o programa Jovens Parceiros, uma iniciativa da Odebrecht agora replicada na ETH Bioenergia, que selecionou 18 de seus integrantes para o programa. Um dos convocados, o falante e criativo João Soller, engenheiro mecânico de 26 anos, guarda semelhanças com Jorge. Ambos são

Prospecção de talentos: um trabalho que exige sensibilidade e persistência

A integração e a motivação da equipe de Pessoas e Organização da ETH chama a atenção de quem tem contato com seus integrantes. Mauro Magenta, por exemplo, que está na Organização há 24 anos, vive entre idas e vindas para Goiás, Mato Grosso do Sul, Pontal de Paranapanema e outros destinos no interior do estado de São Paulo. Quando fala do curso de Operadores Industriais, que ajudou a formatar em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e a Fundação Paula Souza, não consegue ocultar o orgulho: “É uma iniciativa inédita no setor formar operadores que dominem todos os processos de uma usina de cana de açúcar”, diz.

Nos próximos anos, a ETH investirá mais de R\$ 7 milhões na formação de 720 operadores, que deverão atuar nos pólos de produção desses três estados.

“Programas de desenvolvimento customizados estão sendo criados, buscando sempre alinhar as necessidades do setor e da ETH, à nossa cultura empresarial” destaca Patrícia Maia, Responsável por Pessoas e Organização da ETH. Outro desafio proposto à equipe foi desenvolver o programa de Jovens Parceiros, uma iniciativa de formação da futura geração da ETH. 18 integrantes foram convidados para participar do programa e se juntaram aos 200 jovens da Odebrecht Engenharia e Construção e aos 32 da Braskem.

“O Programa Jovens Parceiros reforça o nosso compromisso com o futuro do negócio. Apoiamos os Líderes no desenvolvimento de suas equipes. Neste programa os participantes tem oportunidade de obter um maior conhecimento do setor, de interagir e trocar experiências com Líderes da ETH e discutir e exercitar as características e competências esperadas para um empresário-parceiro nesta Organização, explica Patrícia Buscamos orientar as pessoas desde a entrada na Organização e ao longo do seu caminho de carreira, sempre reforçando o compromisso de cada um com o seu auto-desenvolvimento”, completa Cristiane Giansante integrante da equi-

pe de Pessoas e Organização.. Os programas de Formação de Operadores e de Jovens Parceiros são investimentos importantes na plataforma humana da ETH, sem a qual será impossível enfrentar o aumento na demanda global de álcool, estimada em 50 bilhões de litros até 2012 – o dobro da produção atual.

**[Mauro Magenta e
Cristiane Giansante:
seleção rigorosa]**



curiosos e têm grande capacidade de se adaptar, com entusiasmo, às situações mais adversas.

João começou a trabalhar aos 12 anos, no escritório da empresa cerealista do pai em Bataguçu, interior do Mato Grosso do Sul. Apaixonado por máquinas, desde cedo se afundou nos meandros da mecânica, ganhando todo tipo de jogo de braço em que o oponente era um motor defeituoso. Aos 14 anos, desmontou o primeiro, da moto recém-saída da revisão que ele se encarregou de bater. “Agora o conserto é por sua conta”, impôs o pai, mais aliviado do que desgostoso ante a possibilidade de ver a moto parada – e o filho em segurança. O adolescente arregaçou as mangas e foi à luta. “Você não vai conseguir”, o pai desafiou, diante do emaranhado de peças em que se transformara o motor. Era a senha para atizar os brios do rapaz. Ele não apenas arrumou a moto, como transformou a frase paterna em emblema da própria personalidade. “Nunca me diga que não vou conseguir”, explica o engenheiro, que em épocas de vacas magras se virou como pôde, vendendo até mandioca plantada no sítio da família.

Em seu trabalho diário na Unidade Alcídia, em São Paulo, como coordenador do setor de manutenção, João lidera uma equipe de 70 pessoas que se revezam em três turnos. Apesar da pouca idade e do pouco tempo de casa – menos de um ano –, o engenheiro conseguiu angariar o respeito de seus comandados, alguns com 28 anos na unidade. “Eles percebem que estou aqui para cooperar. Trato todo o mundo com a maior atenção. Do colhedor de cana ao diretor, cada um tem sua importância na unidade.”

João tem consciência do poder estratégico daquilo que faz. “A usina não pode parar. Parou de pedalar, cai.” Do programa que ele coordena dependem a eficiência e o bom desempenho de plantadoras, colheitadeiras, tratores e outros equipamentos da frota da usina. O engenheiro foi um dos escolhidos para o Jovens Parceiros pelo sangue novo que vem injetando nos procedimentos da Unidade Alcídia, localizada a 50 km do município

paulista de Teodoro Sampaio e adquirida pela ETH em julho de 2007. “Gosto da liberdade que tenho aqui para testar processos e descobrir o que dá certo e o que não dá”, elogia.

A FORÇA DA EQUIPE

João credita a essa flexibilidade e ao trabalho em equipe o fato de terem batido recordes de plantio. “Sem a integração entre o pessoal da Operação e o da Manutenção não teríamos conseguido”, diz, orgulhoso dos 15 hectares por dia que cada equipamento vem rendendo, contra os 10 a 12 hectares plantados anteriormente. “Não só a equipe do plantio, mas membros de diferentes áreas vêm trabalhando de maneira afinada.”

Um comboio-oficina percorre os canaviais, dando pronto atendimento às máquinas desreguladas; os funcionários se empenham, comprometidos. João dá abertura a sugestões; seus líderes, o sinal verde para que ele vá em frente. “Desde a melhor forma de organizar o ferramental na oficina até a substituição do pino por um parafuso que tornou uma máquina mais funcional, todas as idéias são levadas em conta”, salienta.

Nos encontros dos Jovens Parceiros, realizados de abril a outubro, João Soller pôde afinar alguns conceitos que já praticava no dia-a-dia. Um deles esclarece que a função do líder é dar apoio, e não ser servido.

Das várias etapas que compõem o treinamento, João destaca a visita ao Centro de Tecnologia Canaveira (CTC), em Piracicaba (SP), um centro de referência interna-

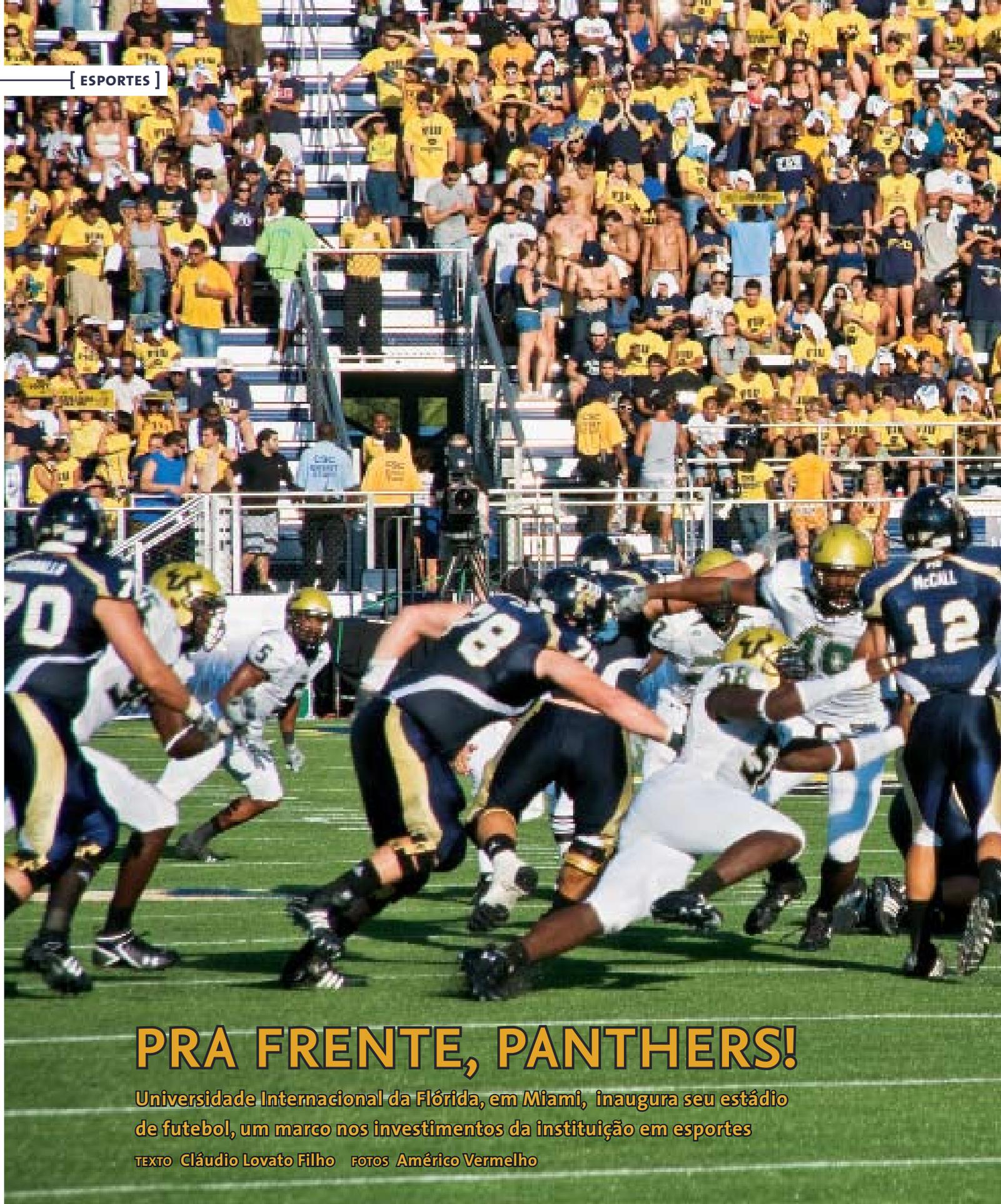
cional em pesquisa e desenvolvimento tecnológico dos setores de cana, açúcar, etanol e bioenergia. “Vimos inúmeras variedades de cana, sua relação com a qualidade da terra e outras características, como acidez e índice pluviométrico da região”, relata.

Outro momento marcante foram as dinâmicas sobre as características e competências do Parceiro Odebrecht. “Quando perguntam: ‘Você é da Unidade Alcídia?’ A resposta é: ‘Estou em Alcídia, mas posso ser transferido para onde precisarem da minha contribuição, porque ninguém é propriedade de lugar nenhum’”, argumenta, com a segurança de quem está bem iniciado na Tecnologia Empresarial Odebrecht (TEO).

Dirigindo pela estrada que o leva da cidade de Teodoro Sampaio à unidade, o engenheiro fala de seus sonhos: “Adoro o que faço, adoro manutenção, mas quero chegar lá na frente, tomar conta da parte logística, dimensionar equipes. Por exemplo, se você quiser montar uma usina, posso dizer quantos mecânicos, eletricitas e equipamentos serão necessários” – e se põe a descrever em detalhes processos e estratégias. Como integrante da ETH Bionergia, João sabe que faz parte de sua missão participar da construção do futuro. Ele está pronto para enfrentar esse desafio. ◉



[João Soller: curiosidade e capacidade de adaptação]



PRA FRENTE, PANTHERS!

Universidade Internacional da Flórida, em Miami, inaugura seu estádio de futebol, um marco nos investimentos da instituição em esportes

TEXTO Cláudio Lovato Filho FOTOS Américo Vermelho



[O quarterback Paul McCall (número 12) prepara um passe: time dos Golden Panthers une, orgulha e entusiasma a comunidade da FIU]

Os 16.200 TORCEDORES EXPLODEM AOS GRITOS NA ARQUIBANCADA nova em folha. São 5 da tarde de sábado, 20 de setembro. Sob um calor sufocante de quase 40°C em Miami, o *kicker* Dustin Rivest, o número 40 do time de futebol americano dos Golden Panthers, da Universidade Internacional da Flórida (Florida International University – FIU), coloca a bola no gramado, toma distância e usa o pé direito com força e técnica. Ele dá o chute inicial da partida contra os Bulls, da Universidade do Sul da Flórida (University of South Florida – USF), de Tampa. Rivest faz a bola viajar para o outro lado do campo, enquanto seus 11 companheiros avançam para conter o ataque adversário. Ele entra para a história nesse momento, assim como seus companheiros de time e cada uma das pessoas que estão vibrando nas arquibancadas: é o primeiro chute da primeira partida no novo estádio da FIU. A maior universidade pública do sul do estado da Flórida está realizando um sonho.

Voltemos algumas horas antes desse chute histórico de Rivest. Fim da manhã. Faltam pouco mais de cinco horas para o início do jogo contra os Bulls. O *campus* da FIU é uma festa só. Estudantes se reúnem sob barracas e em torno de isopores contendo muita bebida gelada para combater o calor enquanto esperam o início do grande jogo. Também não faltam cachorro-quente e hambúrguer. Eles estão curtindo as *tailgate parties*, as festas dos torcedores nos arredores dos estádios antes dos jogos. São universitários vivendo uma das melhores fases de sua vida e celebrando um acontecimento muito especial: a inauguração do estádio no qual os Golden Panthers, o time da casa, um dos motivos de orgulho dessa comunidade acadêmica, sediarão seus jogos.

Nenhum dos jovens estudantes parece estar preocupado com o fato de os Golden Panthers terem perdido as duas partidas anteriores, as primeiras da temporada, ambas disputadas fora de casa: 40 a 10 para o Kansas Jayhawks, time da Universidade do Kansas (Kansas University), e 42 a 0 para o Iowa Hawkeyes, da Universidade de Iowa (University of Iowa). Eles jogam água uns nos outros, para se refrescar e para se divertir. Dançam muito e tiram fotos. Em pequenos grupos ou reunidos com seus companheiros de fraternidade, quase todos usam alguma peça de roupa com as letras “FIU” e o logotipo dos Golden Panthers: o desenho de uma pantera avançando ameaçadoramente. São jovens como Omar Regalado, 21 anos, estudante de Contabilidade da FIU



desde 2005. Ele está eufórico: “É um estádio lindo”, diz. “Vai trazer mais motivação para o estudantes da FIU.” E o time, Omar? “É uma equipe jovem. Espero que tenhamos um bom jogo hoje. Mas não importa se os Panthers ganharem ou perderem, sempre vou apoiar o time.”

Omar estava com um grupo de amigos, ouvindo música no volume mais alto, mas Joseph Medina vem caminhando, sozinho, com seu chapéu de palhaço, olhando embevecido para o novo estádio. Ele tem 19 anos e está no primeiro ano de Biologia. “Este estádio é demais, todos aqui estamos muito empolgados.” Sylvia Pozo, 25 anos, trabalha na associação de ex-alunos da FIU há dois anos. Assim como Joseph e Omar, ela não esconde o entusiasmo: “Este estádio vai ajudar a unir os alunos”.

De volta ao jogo. Ou melhor, a alguns minutos antes de seu início. Modesto Maidique, Presidente da FIU (que sem dúvida teria cumprimentado Sylvia Pozo se tivesse ouvido as palavras dela), diz, na rápida cerimônia de inauguração dentro do campo: “Este é o primeiro dia de uma grande tradição. Quem está aqui hoje, vai sempre poder dizer: ‘Eu estava lá’”. Gilberto Neves, Diretor-Superintendente, e Rudy Armenta, Diretor de Contrato, da Odebrecht nos Estados Unidos, também estão no gramado. Sentem-se recompensados. Aplaudem as palavras de Maidique e sorriem. A Odebrecht foi a empresa que construiu o novo estádio. Maidique tem uma convicção: “Este estádio será o grande ponto de encontro da ‘família FIU’”.

[O novo estádio no *campus*: capacidade para 18 mil torcedores e já preparado para a ampliação que o deixará em condições de receber 45 mil]



Em poucos instantes, os Golden Panthers entram em campo, para uma festa ensurdecidora da torcida azul-amarela. O *quarterback* Paul McCall, o camisa 12, atrai a maioria dos olhares. As esperanças estão depositadas principalmente nele. Todos esperam que ele esteja num bom dia. No futebol americano, o *quarterback* é o jogador encarregado de armar as jogadas ofensivas. É o “cérebro do time”. Entram em campo os Bulls e, da parte da arquibancada a ela dedicada, a pequena mas barulhenta torcida visitante mostra suas credenciais. Até que chega o momento do chute de Dustin Rivest. Ele ajeita a bola no gramado com todo o cuidado do mundo, toma distância, pára, respira fundo e começa a correr.

A NOVA “JAULA”

Freqüentam a FIU 38 mil estudantes de mais de 150 países. Sua comunidade de ex-alunos é composta de mais de 100 mil pessoas. Fundada em 1972, a FIU oferece hoje cerca de 200 programas de graduação, pós-graduação e doutorado, e está entre as 30 maiores universidades do país. Os Golden Panthers, seu time de futebol americano, são uma jovem equipe criada há cinco anos e que está há dois na primeira divisão do futebol universitário. Nos Estados Unidos, o esporte é uma das principais formas de uma universidade se destacar e conquistar reconhecimento. Os esportes em geral recebem grandes investimentos, dentro das possibilidades de cada instituição, mas nada

que se compare, atualmente, ao futebol americano, hoje o esporte mais popular nos Estados Unidos, à frente do basquete e do beisebol. Foi nas universidades que o futebol começou a ganhar popularidade. Salientar-se no esporte – sobretudo num esporte popular como o futebol americano – é fator de exposição. E isso atrai novos alunos.

“Este tem sido um ano bom”, afirma o Diretor Atlético da universidade, Pete Garcia. Ele tem motivos para dizer isso. O novo estádio é um sinal inequívoco de que a FIU está numa caminhada sem volta em direção a ser tornar um pólo esportivo no mundo acadêmico da Flórida e dos Estados Unidos. A casa dos Golden Panthers é o único estádio de primeira divisão do futebol universitário localizado em um *campus* ao sul de Orlando – o que cobre uma vasta região.

As obras começaram em maio de 2007, lideradas por Rudy Armenta. A partir de então, o pequeno estádio existente no *campus* começou a se transformar numa moderna arena (ou “jaula”, como gostam de chamá-lo os estudantes da FIU fazendo referência ao nome do time, panteras douradas). O novo estádio custou US\$ 45 milhões.

A arquibancada tem 17 mil assentos de alumínio. O estádio possui quatro refletores de 1.000 kW (quilowatts) cada, garantindo uma iluminação dentro dos padrões exigidos pela National Collegiate Athletic Association (NCAA), pois as partidas são disputadas, na maioria das vezes, à noite, e transmitidas pela TV. O jogo inaugural, contra os



[Engenhão: uma das 10 melhores instalações esportivas construídas no mundo em 2007]

Estádios e ginásios no Brasil e nos Estados Unidos

O estádio da Florida International University (FIU), em Miami, vem fortalecer o currículo da Odebrecht como construtora de grandes edificações destinadas à prática esportiva.

A nova casa dos Golden Panthers é a segunda instalação esportiva que a Odebrecht executa nos Estados Unidos. A primeira foi a American Airlines Arena, construída no centro de Miami e inaugurada em janeiro de 2000. Lar do Miami Heat, um dos principais times de basquete profissional do país, o ginásio tem capacidade para 20 mil pessoas. A Odebrecht, em consórcio com a empresa norte-americana Morse Diesel, gerenciou a construção, sendo responsável pelo planejamento da obra e pela coordenação dos diversos construtores contratados.

Em 2007, o Rio de Janeiro tornou-se o centro esportivo do continente ao sediar os Jogos Pan-Americanos. Para

que esse gigantesco evento esportivo se realizasse, novas edificações foram erguidas na cidade, e outras, reformadas. A Odebrecht teve participação decisiva para que o sonho do Rio de Janeiro, de receber os Jogos Pan-Americanos, se concretizasse.

A empresa remodelou o legendário Estádio do Maracanã, o Ginásio do Maracanãzinho e o Parque Aquático Júlio Delamare, que formam o Complexo do Maracanã. No estádio, a principal intervenção foi o rebaixamento do campo, para que os torcedores sentados na geral (setor anteriormente desprovido de assentos) pudessem ter perfeita visão dos jogos.

Apesar de sua complexidade e importância, a reforma do Complexo do Maracanã não foi a principal contribuição da Odebrecht para a realização dos Jogos Pan-Americanos. Esse título coube

à construção do Estádio Olímpico João Havelange, ou simplesmente Engenhão (assim apelidado por se localizar no bairro do Engenho de Dentro, na Zona Norte da cidade), um dos mais modernos do mundo e adequado à Copa do Mundo de 2014, que se realizará no Brasil.

O Engenhão é um marco da engenharia. Sua cobertura metálica, com mais de 4 mil t, é sustentada, pela parte de cima, por quatro grandes arcos, a mais de 70 m de altura. A revista britânica SportBusiness o elegeu uma das 10 melhores instalações esportivas construídas no mundo em 2007. O estádio também foi tema de um documentário produzido pelo canal a cabo Discovery para a série Megaconstruções. Com dois anéis de arquibancadas e capacidade para 47 mil pessoas, o Engenhão é hoje a casa do Botafogo, um dos clubes de futebol mais tradicionais do Brasil.

Bulls, foi televisionado pela TV a cabo especializada em esportes ESPN.

Um clube com 604 m² funcionará numa das extremidades do estádio. Nele estarão disponíveis academia de musculação e outras instalações. São 19 camarotes e 20 banheiros. A grama foi colocada em agosto. No campo do novo estádio também podem ser disputadas partidas do outro futebol (o *soccer*, para os norte-americanos), porque o estádio passou a ter as medidas exigidas para isso depois de uma alteração no projeto, realizada a pedido da FIU.

Para iniciar seu trabalho, a Odebrecht demoliu todo o antigo estádio, com exceção de um setor com 3 mil assentos. Essa parte foi incorporada ao novo projeto, mas será demolida para as obras da segunda fase da ampliação, já projetadas e que elevarão a capacidade da casa dos Golden Panthers para 45 mil pessoas. Toda a nova estrutura foi instalada de acordo com as normas de proteção contra furacões e já prevendo essa segunda etapa. No local do setor remanescente será construído um prédio para recepção e matrícula dos novos alunos. “É uma forma de eles verem, logo de cara, que a universidade tem um belo estádio”, diz Rudy Armenta.

Rudy, nascido em Nova York, é um completo apaixonado pelo futebol americano. Está feliz por ter liderado a construção do novo estádio dos Golden Panthers. Mas não está satisfeito apenas por ser um fanático pelo esporte. Rudy se graduou engenheiro na FIU, em 1996. “Sinto muito orgulho de estar de volta”, diz ele, que ingressou na Odebrecht como *trainee*, um ano antes de se formar.

Torcedor fiel do San Francisco 49ers, de San Francisco, na Califórnia, Rudy era uma das quase 17 mil vozes a apoiar os Panthers no jogo inaugural do dia 20 de setembro. “Construir um estádio de futebol na universidade na qual me formei é demais!”, comenta Rudy com entusiasmo. “Este estádio foi projetado e construído por pessoas que adoram esporte, pessoas que o ergueram pensando em como elas próprias gostariam de se sentir em um estádio”, enfatiza, referindo-se à equipe da Odebrecht no projeto.

A PRIMEIRA UNIVERSIDADE CLIENTE

A FIU é a primeira universidade que a Odebrecht tem como cliente nos Estados Unidos. “Nosso relacionamento é excelente”, ressalta o Presidente Modesto Maidique. “A empresa tem feito um trabalho magnífico construindo este

estádio, que será o grande ponto de encontro da família FIU”. Com ele, a FIU espera atrair mais atletas locais, de outros pontos da Flórida e de outros estados.

O Diretor-Superintendente Gilberto Neves, morador de Miami desde 1991, é um fã do futebol americano. Ele iniciou um relacionamento com a FIU pouco tempo depois de chegar à cidade. Vários integrantes da Odebrecht nos Estados Unidos estudaram ali. No dia do jogo inaugural, Gilberto organizou uma torcida pelos Golden Panthers: a dos integrantes da Odebrecht em Miami. A empresa preparou sua *tailgate party* sob uma tenda montada perto de um dos portões de acesso ao estádio. Na camiseta confeccionada especialmente para a ocasião, foram impressos os seguintes dizeres: “Odebrecht – Proud Builder of the FIU Stadium” (Odebrecht – Orgulhosa Construtora do Estádio da FIU). Nas costas, o logotipo dos Golden Panthers. “Temos uma longa e produtiva relação com a FIU”, diz Gilberto. “Uma relação que prosseguirá com novos projetos aqui no *campus*.”

Depois da *tailgate party*, todos para o estádio, apoiar o time. O resultado do jogo? Foi 17 a 9 para os Bulls. Sim, os Golden Panthers perderam. Mas foi uma derrota com gosto de... empate. Pelas previsões oficiais, baseadas em estatísticas que levam em conta, entre outros itens, a posição de cada time no *ranking* do futebol americano universitário, os Bulls deveriam ter vencido a partida por 28 a 0. Iriam enfrentar-se, afinal de contas, os Golden Panthers, 120º lugar no *ranking*, e os Bulls, time com a 12ª colocação. Mas a surra esperada por muito não aconteceu. Aliás, no último quarto do jogo, a equipe da FIU deu um sufoco nos touros da USF, para delírio de uma torcida que está descobrindo uma nova paixão e um outro motivo para ter muito orgulho da sua universidade.

Os Golden Panthers por fim venceram uma semana depois, em Toledo, Ohio: 35 a 12 contra os Rockets, para satisfação do sempre vibrante *head coach* (treinador principal) Mario Cristobal. Venceram também o compromisso seguinte, em Denton, Texas, no confronto com o Mean Green: 42 a 10. A primeira vitória no novo estádio veio no dia 11 de outubro, contra os Blue Raiders, da Universidade Estadual do Médio Tennessee (Middle Tennessee State University): 31 a 21. Uma data, um jogo e um resultado que todas as próximas gerações de estudantes da FIU saberão de cor. ●



1



2



6

- 1. Estudantes chegam para o jogo inaugural
- 2. A banda da FIU
- 3. Sylvia Pozo
- 4. O boneco da pantera, mascote do time
- 5. Omar Regalado
- 6. Joseph Medina]



3



5



4



1

[1. Momento do jogo contra os Bulls
 2. As cheerleaders, animadoras de torcida
 3 e 4. A American Airlines Arena, em Miami, e o Maracanã, respectivamente construída e reformado pela Odebrecht
 5. A partir da esquerda, Rudy Armenta, Modesto Maidique e Gilberto Neves
 6. A Equipe Dirigente: a partir da esquerda, Frank Hurtado, Rudy Armenta, Greg Mears, Shane Thompson, Danny Levy, Manny Juiz, Celia Sherwood e Alex Pou]



2



6



5



3



4





Novos dias em Iquitos

Melhoria no abastecimento de água potável traz expectativa de desenvolvimento para a maior cidade da Amazônia peruana

TEXTO **Eliana Simonetti** FOTOS **Roberto Rosa**

CELMITA SORIA PAREDES NASCEU EM IQUITOS, A PRINCIPAL cidade da região de Loreto, norte do Peru. Tem 35 anos, é casada com Alfredo Pacheco Rojas e tem uma filha de seis anos. O casal é proprietário, há mais de uma década, da Bodega Valeria Carolina (nome de sua filha), que fica em um local privilegiado: à margem do Rio Itaya, na bacia amazônica, o que em época de cheia permite aos clientes ter uma vista privilegiada do pôr-do-sol na água.

Na Bodega Valeria Carolina, além de petiscos e bebidas, Celmita serve refeições. Uma tarefa nada simples até agosto de 2008, porque a água só chegava às torneiras durante a noite, apenas um fio, e tinha de ser estocada em baldes e bacias para que frutas, legumes, louças e panelas pudessem ser lavados. “Nossa capacidade de atender os clientes era limitada, tudo era muito trabalhoso”, diz Celmita, ao lembrar dos pesados baldes que transportava. “Hoje o trabalho é mais fácil e não temos preocupação, pois há água corrente o tempo todo, tudo está limpo e até percebemos que nossa filha está mais saudável.”

PARADOXO

O caso é um exemplo de um paradoxo que existia em Iquitos: a cidade, a maior da Amazônia peruana e seu principal porto, é cercada de rios por todos os lados – tanto que só se chega ali por avião (cerca de 1h45 de voo a partir de Lima) ou barco. O isolamento é tal que para chegar à cidade de Requena, que fica a apenas 157 km de distância, é preciso navegar 19 horas. Uma viagem a Yurimaguas, no Alto Amazonas, requer quatro dias de navegação. Na cidade praticamente não há carros: milhares de motos e mototáxis, semelhantes aos riquixás indianos, são o meio de transporte mais utilizado pela população.

Mesmo assim, Iquitos atrai ecoturistas e gente em busca de aventuras de todo o mundo, sobretudo da

[Celmita Soria: trabalho facilitado e filha com mais saúde]



América do Norte e da Europa. Cresce a cada dia. Isso se explica porque Loreto é a maior e menos populosa região do Peru. Seu território abrange 29% do país e tem apenas 2,4 habitantes por km². É coberta de florestas primárias e secundárias e banhada pelos rios Amazonas, Marañon e Ucayali, entre outros. Tem vários parques de preservação natural com mata cerrada, animais e tribos indígenas que preservam tradições e mitos ancestrais.

Às margens do Rio Momon, por exemplo, vive uma das 40 comunidades dos índios boras, com 300 pessoas que praticam agricultura, caça e pesca, e produzem artesanato vendido aos turistas. O cacique Liborio Maynas conta que seu povo ocupa aquela área há 50 anos, e que suas danças e ritos são mantidos, como ocorre entre os outros 5 mil boras que vivem em regiões mais isoladas. “Aqui estamos bem. Podemos conviver com visitantes sem abandonar nossas tradições e nosso idioma”, diz.

OPULÊNCIA E DECLÍNIO

Até meados dos anos 1800, a área de Iquitos era habitada pelos boras e também pelos cocama e pelos huitoto. O desenvolvimento tecnológico e a industriali-

zação na Europa e nos Estados Unidos fizeram crescer a demanda pela borracha – e Iquitos, como Manaus, no Brasil, viveu tempos de prosperidade econômica e crescimento populacional. Grande parte dos indígenas se retirou para áreas mais distantes. Foi nessa época que se ergueram edificações como o Hotel Plaza, de 1912, em estilo Art Nouveau, à margem do Rio Itaya (decorado com mármore e azulejos de Sevilha, na Espanha, e grades de ferro fundido provenientes de Hamburgo, na Alemanha), hoje Patrimônio Nacional. E também a Casa de Ferro, desenhada pelo arquiteto francês Gustave Eiffel e comprada pelo barão da borracha Anselmo del Aguila na Exposição Internacional de Paris, em 1889, que atualmente abriga um restaurante na praça principal de Iquitos, a Plaza de Armas. Os barões da borracha mandavam seus filhos para a Inglaterra, estudar, já que a navegação em direção à Europa era mais freqüente do que em direção a Lima. Estão preservadas e abertas a visita algumas locações do filme *Fitzcarraldo*, escrito e dirigido por Werner Herzog em 1982, que conta a história do barão da borracha Brian Sweeney Fitzgerald.



[O cacique Liborio Maynas e sua comunidade às margens do Rio Momon: convivência com visitantes e preservação da cultura]

Naqueles tempos de fartura, também foram construídas instalações de tratamento de água e esgoto, para atender a uma população de pouco mais de 150 mil habitantes. Entretanto, em 1876 os ingleses levaram sementes de seringueiras para a Malásia, e com o tempo obtiveram plantas mais produtivas do que as sul-americanas. Assim, no início do século 20 a febre da borracha já havia começado a baixar no Peru. Desde então, muitos prédios históricos se deterioraram ou foram destruídos, e embora a cidade tenha bairros com arruamentos pavimentados e bem cuidados, um terço da população de Iquitos – cerca de 120 mil habitantes em 2008, 70% deles sem acesso a água potável e tratamento de lixo e esgoto – vive em casas flutuantes ou em palafitas de madeira com telhado de palha trançada. As instalações do serviço público de saneamento têm mais de 150 anos de idade.

ÁGUA E SAÚDE

Com bombas de captação de água dos rios antigas e pouco potentes e uma rede diminuta de canalização, até muito pouco tempo atrás grande parte da população de Iquitos nunca havia experimentado uma ducha. Ainda há

baldes e canecas em casas, restaurantes, escolas, postos de saúde – que estocavam água para beber, cozinhar, lavar roupas e louças, tomar banho. “A maioria das crianças da cidade sofre de diarreias infecciosas, parasitoses intestinais e problemas dermatológicos”, relata o médico Guillermo Angulo Arevalo, clínico geral que trabalha na região de Loreto há 12 anos e atualmente presta atendimento no Centro de Saúde Morona Cocha, em uma das áreas mais ricas de Iquitos. O Centro conta com quatro médicos e recebia uma média de 240 pacientes por dia até agosto de 2008. “Depois de três meses de fornecimento regular de água tratada, notamos uma redução de 20% a 30% na procura por tratamento”, informa o médico.

Guillermo Angulo se refere a uma novidade recente: toda a cidade conta com água tratada, resultado da implantação do Projeto de Ampliação e Melhoramento do Sistema de Água Potável de Iquitos. A iniciativa é da empresa pública de saneamento Sedaloreto com participação da Municipalidade de Iquitos, do Governo Provincial de Maynas, dos ministérios de Economia e Finanças e de Habitação, Construção e Saneamento (no âmbito do programa nacional Água

Economia peruana em crescimento

O Peru é o país cuja economia mais cresce na América Latina. Entre 2003 e 2007, seu PIB (Produto Interno Bruto) avançou a uma taxa média de 6,4% ao ano. A performance, já bastante positiva, melhorou nos últimos tempos, devido à valorização dos preços internacionais de metais e minerais abundantes nas áreas montanhosas do país, e também a reformas, que incluíram de privatizações à simplificação tributária e a desburocratização e resultaram na elevação dos investimentos internacionais, que têm crescido, em média, 20% ao ano.

Em junho de 2008, o Ministério de Economia e Finanças do Peru registrou 11,5% de crescimento do PIB em 12 meses. Análises realizadas por especialistas da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), da Organização das Nações Unidas (ONU), consideram que a crise financeira internacional deflagrada nos Estados Unidos em 2008 afetará a economia peruana, como a de todo o mundo. Mas assinalam que o Peru permanecerá como o país de maior crescimento na região, com taxa de 7% em 2009 – quando a média latino-americana ficará em 4%. Estes são indicadores econômicos. As riquezas do Peru, entretanto, são mais amplas – assim como seus problemas.

O país tem fartura de água – inúmeros rios, muitos deles alimentados pelo degelo dos Andes. Mas apenas 72% das moradias têm acesso a água encanada. No que diz respeito especificamente ao tratamento e à distribuição de água, os investimentos públicos e privados representam apenas 0,22% do PIB peruano.

Segundo afirmou o Presidente Alan García num discurso em maio deste ano, os índices de pobreza do Peru foram reduzidos em 5% em 2007. O problema, entretanto, ainda é grave e se distribui de forma desigual pelo país. Enquanto na região urbana de Lima a taxa de pobreza é de 24%, nas cidades da Amazônia peruana, onde vivem 3,6 milhões de pessoas, o índice afeta a metade da população. "Só com crescimento econômico e programas sociais sustentáveis poderemos resolver esse problema", afirmou García. "O Peru tem avançado não apenas no governo central, mas, devido à regionalização que está começando a funcionar, também em regiões distantes, como a Amazônia. O investimento dos governos regionais e locais aumentou 52% no primeiro trimestre de 2008 em relação ao mesmo período do ano anterior", completou. O Presidente citou um exemplo em seu discurso: "Tínhamos quatro vôos diários para Iquitos, hoje temos 11, porque há maior oferta de hotéis, de alimentação, possibilidade de turismo em barcos confortáveis e muitas outras facilidades". Entre essas facilidades está o fornecimento regular de água tratada para todos em Iquitos.

para Todos), com financiamento do Japan Bank for International Cooperation (JBIC).

A Odebrecht Perú venceu licitação internacional e entrou em ação em dezembro de 2006. Instalou novas bombas de captação de água na confluência dos rios Itaya e Nanay (com capacidade para captar 1.600 l/s), subestações de energia e linhas de transmissão para que os equipamentos funcionem a contento, uma estação de tratamento com máquinas e sistemas de filtração de última geração, quatro reservatórios com 2 mil m³ de capacidade cada um e mais dois com capacidade de armazenamento de 1.500 m³ de água cada, além da instalação de mais de 77.300 km de tubulações de adução e de redes domiciliares. "Testes realizados em laboratórios especializados demonstraram que a Estação de Tratamento de Água de Iquitos, a mais moderna do Peru, distribui água mais limpa e de melhor qualidade do que a de Lima", relata Marco Túlio Alva Obeso, engenheiro da Odebrecht Perú encarregado da desmobilização da obra, finalizada em setembro de 2008.

"Este é o primeiro passo de um amplo programa. Hoje toda a população de Iquitos tem acesso a água tratada. A seguir cuidaremos de implantar instalações de saneamento, em uma iniciativa mista, pública e privada. Dessa forma, estaremos avançando na solução de um grave problema social, contribuindo para o melhoramento da qualidade de vida da população e para o crescimento econômico, estimulando o investimento empresarial e criando oportunidades de trabalho", afirma Salomón Abenzur Tafur Díaz, *Alcalde* (Prefeito) Provincial de Maynas. "Gostaríamos de seguir contando com a contribuição da Odebrecht, empresa que soube enfrentar os problemas logísticos e de comunicação de nossa terra com profissionalismo, cumprir as metas definidas no contrato com eficiência e qualidade, além de promover bom relacionamento com a população local e implantar programas sociais sustentáveis exemplares em nossa região."

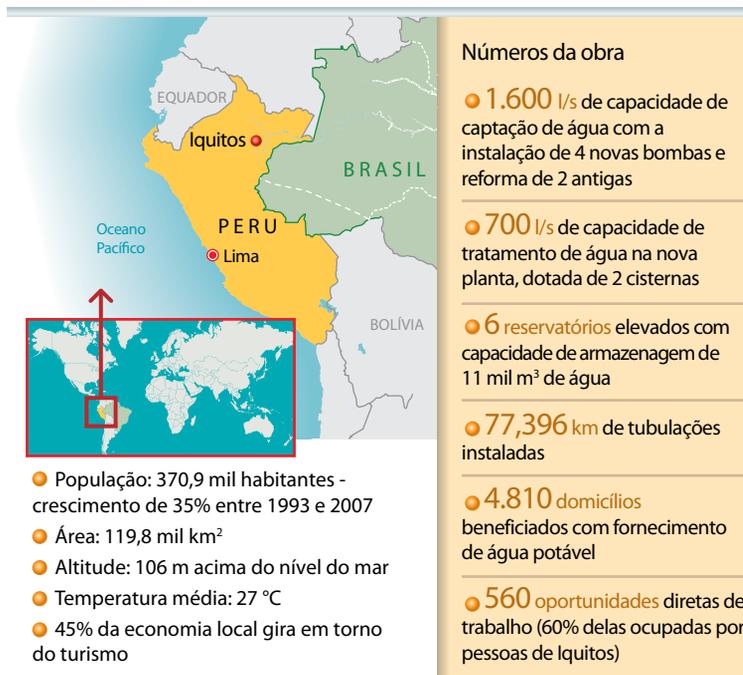
SUSTENTABILIDADE

Neste capítulo, que diz respeito a ações de cunho social, há boas histórias. Além de capacitar trabalhadores para o serviço na obra, e de oferecer treinamento e transferir tecnologia para que o pessoal da Sedaloreto possa operar as novas instalações, a Odebrecht Perú apoiou e impulsionou três projetos com potencial para se tornarem auto-sustentáveis e promoverem melhorias em áreas sensíveis. “Nosso objetivo é garantir que, quando a empresa deixe a região, os programas sejam mantidos e se multipliquem, para que beneficiem um número crescente de pessoas”, explica Alejandro Huaman Hidalgo, Responsável Administrativo-Financeiro do projeto de águas de Iquitos da Odebrecht Perú.

Em Iquitos há muitas crianças que, embora freqüentem a escola, apresentam baixo aproveitamento e, como suas mães trabalham, ficam sem assistência e cuidados quando estão fora das salas de aula. Existe uma instituição que assiste crianças, com idades entre 7 e 16 anos – e tem professores que oferecem reforço escolar e médico que avalia problemas e necessidades na área da saúde. Cozinheiras preparam refeições diárias. É a Casa Estancia Divino Niño Jesús, que vinha sendo financiada pela Municipalidade Provincial de Maynas até que a Odebrecht construiu, num terreno ao lado, uma lavanderia – o primeiro negócio do tipo em Iquitos. O programa LavaRápido equipou o prédio com máquinas de lavar e secadoras doadas pela municipalidade, emprega mães da comunidade que recebem salário, e gera recursos para sustentar a Casa Estancia.

“Nunca havíamos visto máquinas de lavar e secadoras. Agora, além de aprendermos um ofício e ganharmos por nosso trabalho, ainda ajudamos a melhorar a perspectiva de futuro de nossas crianças”, diz Mery Esther Macahuachi Renajifo, de 44 anos, que todos os dias bate ponto no LavaRápido. “Desejamos que este negócio cresça e possa se multiplicar em outras regiões”, acrescenta.

Um outro projeto, idealizado numa parceria entre Sedaloreto e Odebrecht, conscientiza estudantes de pri-



meiro grau acerca da necessidade de preservação do meio ambiente. O Sentinela da Água seleciona crianças para, no horário do recreio, cuidarem do fechamento das torneiras depois de usadas e do depósito do lixo em recipientes apropriados e conversarem com os colegas sobre a importância da água e da manutenção da limpeza. Maykil Aimar del Aguilla Chasnamote, de 7 anos, Alexandra Gabriela Cárdenas y Suisa, também de 7 anos, e Marco Raúl Guerra Padilla, 8 anos, são sentinelas na Instituição Pública Primária de Menores Amánda Péres de Gómez, e levam muito a sério suas tarefas. “Às vezes tenho de ser bravo, falar sério para que meus colegas não desperdicem água”, diz Marco Raúl. Segundo a professora Lucy Manuela Noriega Macedo, desde que o programa foi implantado na escola, em 2007, houve grande mudança no comportamento dos alunos. “Todos estão mais responsáveis”, diz. O mesmo vem se verificando nas 50 escolas em que o projeto está implantado.

Há ainda um programa voltado a jovens em situação de risco com idades entre 15 e 29 anos, denominado Jovens Chamba (*chamba* é uma gíria peruana que significa “trabalhadores”). Oferece cursos de capacitação profissional em panificação, processamento de frutas e hortaliças e carpintaria, apoio para a organização de



[A partir da esquerda, Maykil, Alexandra e Marco: pequenos sentinelas a serviço do meio ambiente]

pequenas empresas e associações, além de consultoria para a definição de mercados de venda dos produtos e para a administração dos negócios. O programa vem sendo desenvolvido nas províncias de Maynas, Yurimaguas, Contamana, Requena e Caballococha. Em Iquitos, apenas no projeto de carpintaria, 80 rapazes e moças aprendem a entalhar madeira num galpão cedido pelo Governo Provincial de Maynas. Ali, o professor Demetrio Díaz Souza dá sua contribuição. Ele aprendeu o ofício em Lima quando ainda era menino, foi jornalista por 40 anos, e hoje, aos 73 anos, diz estar realizando um sonho antigo: ensinar não apenas a arte do entalhe em madeira, mas também como fabricar as ferramentas e as máquinas com que trabalham. “Não desperdiçamos nada. No mundo moderno é preciso saber fazer produtos bons, bonitos e baratos. Aqueles que desejam, aprendem

com facilidade e rapidez, e percebem com satisfação que podem ser não apenas trabalhadores, mas empresários”, afirma o professor.

O projeto foi inaugurado oficialmente em 12 de setembro de 2008 com a presença do Ministro de Habitação, Construção e Saneamento do Peru, Enrique Cornejo, e de autoridades regionais. Guillermo Vega, Diretor de Contrato de Iquitos, afirma: “Este projeto nos deu muita satisfação. Primeiro, por ser uma obra que traz benefício real e básico para a população; segundo, por ter permitido o desenvolvimento de programas sociais auto-sustentáveis, que se mostraram tão necessários e eficazes que prosseguem depois da conclusão da obra; e terceiro, porque conseguimos antecipar em 49 dias a entrada em operação da planta, satisfazendo o cliente e proporcionando maior bem-estar à

É preciso respondê-las

MARIA ISABEL BORJA

Comentadas por grandes nomes da Administração, “As cinco perguntas essenciais” de Peter Drucker são recicladas e potencializadas

O livro *As cinco perguntas essenciais que você sempre deverá fazer sobre a sua empresa* é uma iniciativa do Leader to Leader Institute, organização sem fins lucrativos criada por Peter Drucker, pioneiro da moderna administração, para levar aos líderes de empreendimentos do setor social a sabedoria gerencial das empresas.

A obra atualiza e enriquece o já célebre *Cinco questões essenciais para empresas sem fim lucrativo*, obra que Drucker dedicou às instituições do Terceiro Setor, mas que constitui ferramenta de auto-avaliação estratégica para organizações de qualquer natureza. Drucker explica, com a clareza habitual, em um texto introdutório, que essa ferramenta “é um método para avaliar o que você está fazendo, por que está fazendo e o que precisa fazer para melhorar o desempenho de uma organização”.

Drucker, morto em 2005, contracena no livro com alguns dos atuais papas da administração. Aos ensaios em que desenvolve, uma a uma, suas famosas cinco perguntas – “Qual é a nossa missão?”, “Quem é nosso cliente?”, “O que o cliente valoriza?”, “Quais são nossos resultados?” e “Qual é o nosso plano?” – seguem-se, respectivamente, as reflexões de Jim Collins (autor de *Empresas feitas para vencer*), Philip Kotler (*Marketing de A a Z*), James Kouzes (*O desafio da liderança*), Judith Rodin (Presidente da Rockefeller Foundation) e V. Kasturi Rangan (Professor da Harvard Business School), que as contextualizam no atual ambiente de negócios.

Exatamente por serem simples e abertas, essas perguntas exigem uma auto-análise profunda da parte dos que se propõem a respondê-las, e desdobram-se em outras. A resposta, por exemplo, à indagação sobre qual é a missão da organização conduzirá necessariamente ao questionamento sobre seus desafios e oportunidades e, conseqüentemente, a uma reavaliação da validade da missão estabelecida, uma questão que perpassa todo o processo proposto no livro e que voltará a ser explicitada quando for hora de determinar o plano da organização.

Associadas ao texto básico, as contribuições dos demais autores fornecem subsídios para responder ao questionário de Drucker com maior objetividade e profundidade, potencializando seu valor como verdadeiro mapa para uma viagem introspectiva rumo ao futuro.

Refletindo sobre a questão “Qual é a nossa missão?”, – Jim Collins discorre sobre a tensão fundamental entre continuidade e mudança, alertando para a necessidade de distinguir entre o que é transitório e tático e o que são valores essenciais e propósitos fundamentais.

As duas perguntas focadas no cliente são comentadas por Philip Kotler e James Kouzes. Kotler atualiza o conceito e reforça a necessidade de a empresa moderna transformar o cliente em fã, sustentando que o sucesso de uma instituição está diretamente relacionado à sua contribuição para o sucesso do cliente. Kouzes, por sua vez, demonstra, com o *case* do Hospital Sinai-Grace (em Detroit, Michigan, EUA), como uma liderança comprometida em criar valor para o cliente pode mudar a vida de uma organização, ao refletir sobre “O que o cliente valoriza?”, pergunta que, segundo Drucker, talvez seja a mais importante e a menos freqüentemente respondida com eficiência.

Debruçando-se sobre a questão relacionada aos resultados, Judith Rodin define sua medição como “uma ferramenta de aprendizado e autocorreção”, ressaltando a necessidade de que o plano da organização contemple meios para mensurar seus resultados, de forma a permitir correções de rumo.

Por fim, o questionamento sobre o plano da organização, resultado final da auto-avaliação proposta por Drucker, é comentado por V. Kasturi Rangan, que nos apresenta o plano de negócios como um processo que deve ser constantemente retroalimentado para que novas metas e estratégias sejam geradas.

Além de um roteiro pormenorizado das perguntas e, digamos, “subperguntas” envolvidas no processo proposto por Drucker, que se somam a um pequeno capítulo com a definição de termos-chave, o livro (lançado no Brasil pela Campus/Elsevier), conta ainda com um artigo de Frances Hesselbein, Chairman do Leader to Leader Institute, sobre liderança transformacional, e um pequeno texto do próprio Drucker que orienta o leitor quanto à utilização da obra como ferramenta de auto-avaliação das organizações. Nele, o mestre de várias gerações de empreendedores alerta: “As cinco perguntas parecem simples, mas não são. Reserve um tempo para refletir sobre cada uma delas. Se a auto-avaliação for realizada de maneira adequada, desenvolverá habilidades, competência e comprometimento. A participação ativa e atenta é uma oportunidade de ampliar sua visão e moldar o futuro”. ◉

Solução de longo alcance

Emissário submarino de polietileno, parte de um amplo programa de recuperação ambiental, vai evitar a poluição de praias no litoral sul de São Paulo

TEXTO **Leonardo Mourão** FOTOS **Christian Cravo**





EM UMA MANHÃ DE SÁBADO, O DIRETOR DE CONTRATO Josnei Cireli sai de casa, em São Paulo, pega o carro e dirige 80 km até a fábrica da Brastubo construída às margens do Rio Branco, em São Vicente, no litoral sul de São Paulo. Engenheiro Civil e integrante da Construtora Norberto Odebrecht (CNO) há 30 anos, Josnei quer verificar pessoalmente como está a fabricação do primeiro dos tubos de PEAD (Polietileno de Alta Densidade), fornecidos pela Brastubo e produzidos com matéria-prima da Braskem, que irão compor o emissário submarino que a CNO, consorciada com a Construtora Carioca, está instalando na Praia Grande, também no litoral sul paulista. Com 1 m de diâmetro, o tubo sai da máquina extrusora, desliza sobre um pír e, já com 300 m de comprimento, flutua nas águas do rio.

“Foi quando veio o clique”, recorda-se Josnei. “Liguei para o Adriano Meirelles (Diretor da Divisão de Plásticos da Brastubo) e desafiei: ‘Vamos fazer esse tubo com 800 m de comprimento?’” Meirelles pediu um tempo para pensar, o plano inicial era produzir um tramo com 500 m de comprimento... Ligou de volta para Josnei, colocou o gerente da fábrica também na linha e o martelo foi batido: OK, o tubo teria 800 m. A extrusora continuou a trabalhar. Alguns dias depois, Josnei voltou a ligar: por que não chegar aos 1.000 m? Lançado o desafio, após duas semanas, com 1.130 m e sem emendas, o gigantesco tubo serpenteava pelo Rio Branco. O recorde sul-americano em extensão de tubos de PEAD empregados em emissários submarinos acabara de ser batido e as expectativas do cliente – a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) –, largamente superadas, já que em seu contrato era requisitado o fornecimento de tubos em trechos de 500 m com um máximo de três soldas.

Esse episódio é exemplar da maneira com que a CNO e a Braskem (veja *boxe*) equilibraram inovação, criatividade e ousadia em sua participação no Programa Onda Limpa de Recuperação

Ambiental da Região Metropolitana da Baixada Santista. É o maior projeto de saneamento em andamento no país, abrangendo nove municípios e ampliando os atuais 53% de residências atendidas com coleta e tratamento de esgotos para 95% até 2010. Cerca de 1,6 milhão de moradores serão beneficiados, uma população que aumenta para 3 milhões de pessoas na alta temporada de verão. Vencedora do lote 2 na licitação do Onda Limpa, a CNO ficou encarregada da construção de um novo emissário submarino de esgotos na Praia Grande e da recuperação e ampliação do emissário existente em Santos – com o desafio de reduzir o prazo das obras de 36 para 24 meses, tanto para viabilizar financeiramente o projeto como para atender a um cronograma reajustado pela Sabesp.

De modo a acelerar o andamento da obra, foi proposta uma solução inédita na construção de emissários submarinos no Brasil: o uso de um *shield* – escavadora semelhante às utilizadas na construção das linhas subterâneas de metrô – para a abertura de um túnel, executado com tubos especiais de concreto armado, de 705 m de extensão, para vencer a zona de arrebentação sob o trecho inicial da praia e o leito do mar. Ao fim dessa que será a primeira seção do emissário submarino, serão acoplados três tramos de tubos de PEAD (entre eles o recordista sul-americano de 1.130 m), em um total de 3.390 m, que ficarão ancorados sobre o leito do mar. Somando-se as duas seções, o emissário terá 4.095 m, lançando o esgoto coletado muito além da zona de arrebentação das ondas, o que impedirá a poluição das praias e ameaças à saúde dos banhistas, hoje um problema real na orla marítima do litoral sul.

“O *shield* permitirá que o emissário seja construído na metade do tempo exigido pelas soluções tradicionais”, diz Josnei Cireli. O método de construção usual utiliza uma ponte de serviço provisória para vencer a arrebentação das ondas, exige a abertura de uma grande trincheira da praia até 500 m mar adentro, a cravação de estacas e a dragagem de uma quantidade enorme de areia. Além de causar um enorme impacto ambiental e paisagístico, a implantação do emissário levaria de oito a 10 meses para ser finalizada. Já com o *shield*, os impactos são reduzidos de maneira significativa, há menos dragagem e não é necessária a interdição de faixa de areia.



[A Estação de Pré-Condicionamento em Praia Grande: esgoto tratado com mistura de cloro]

AFUNDAMENTO DOS TUBOS

De volta aos tubos de PEAD. Suas grandes dimensões reduzirão o tempo de conclusão do sistema. Das margens do Rio Branco, eles serão rebocados até o mar, por 30 km, para o local em que deverão ser afundados, no litoral de Praia Grande, e acoplados, com o auxílio de mergulhadores, ao túnel de tubos de concreto cravado pelo *shield*. “Toda obra feita no mar é uma obra de risco”, explica Josnei Cireli. “E a operação de afundamento dos tubos é particularmente delicada, exige mar calmo, condições favoráveis de maré, rapidez, eficiência e sorte.” Se os tubos tivessem dimensões menores, seriam necessárias várias viagens para transportá-los até o local e seria necessário acoplá-los debaixo d’água, também uma operação complexa. Com o tamanho que têm, podem ser afundados em uma única operação.

Além da construção do Emissário Submarino em Praia Grande, coube também ao consórcio CNO-Carioca a execução das obras de um emissário terrestre com 1,4 km de extensão, da Estação Elevatória de Esgotos e da Estação de Pré-Condicionamento, na qual o esgoto é tratado com a mistura de cloro. As obras foram iniciadas em setembro deste ano e deverão ser entregues em junho de 2009.

Um grande número de obras civis também está sendo realizado para a reforma e ampliação do Emissário Submarino Santos/São Vicente, já existente, incluindo a implantação de um novo interceptor, a execução de um novo tramo do emis-

sário terrestre e a ampliação da capacidade da estação de pré-condicionamento (dos atuais 3,5 m/s para 5,3 m/s). Como resultado dessas obras em terra, a região em torno do Orquidário Municipal de Santos não mais será incomodada pelo odor emanado da antiga estação, que chegou a desvalorizar os imóveis existentes em seu entorno.

Mas é na ponta oceânica do emissário submarino, que será estendido em 425 m, também em PEAD, que ocorrerá a implantação de duas inovações pela CNO. Uma delas é a configuração hidráulica proposta para o novo difusor que possibilitou ganhos de 10%, em média, na diluição e que será instalado na extremidade do emissário. A outra inovação será a difusão do esgoto que é lançado no mar feita por intermédio de dezenas de difusores, os *risers*, cuja função é aumentar a dispersão do material orgânico, permitindo a sua rápida dissolução no meio líquido. No emissário submarino de Santos, um grande número de *risers* estava destruído pela ação das redes de pesca. “As redes são puxadas por barcos e, ao se embarçar nos *risers*, os arrancam, diminuindo sua eficiência”, explica o Diretor de Contrato. “Conseguimos desenvolver, com a Goodyear, *risers* feitos de mangotes com uma borracha com características que permitem que se dobrem e voltem à posição inicial – como um “joão-bobo” que nunca fica na posição horizontal –, mesmo quando submetidos a uma forte tração, uma inovação que não existe em nenhum outro emissário.”



[Equipe Dirigente: a partir da esquerda, Geraldo Caracini Filho, Giuliano Costa Olivan, Josnei Cireli, Evandro Elizario e Ivan Correa]

Polietileno: características favorecem uso no fundo do mar

O fundo do mar não é um ambiente tranquilo e imutável. Para as estruturas que formam os emissários submarinos, correntes marinhas, âncoras arrastadas por navios, redes de pesca e até a ação de colônias de moluscos e peixes podem danificá-los e mesmo rompê-los. “Esses riscos diminuem consideravelmente quando os tubos dos emissários são feitos de PEAD (Polietileno de Alta Densidade)”, explica a engenheira química Ressoio Pierozan, Gerente de Conta na Braskem. “O polietileno é inerte quimicamente. Nada adere a ele, nem as cracas que danificam cascos de navios. É flexível para se adaptar ao fundo do mar. Pode ser conectado debaixo d’água, é mais leve do que os tubos feitos de aço, resistente a fissuras por tensão e pode ser produzido em grandes dimensões sem precisar ser emendado.”

A Braskem é a única fornecedora nacional de matéria-prima para a

fabricação de tubos de pressão de PEAD. A resina entregue pela Braskem à Brastubo, a PE80 GM 5010 T2, é qualificada internacionalmente e tem a vantagem de ser pigmentada de preto e pronta para o uso, com todos os aditivos necessários já presentes em sua estrutura, simplificando seu processo de transformação.

“Produzimos um lote bem homogêneo de 500 t para garantir um perfeito controle de qualidade do produto final”, explica Fábio Franck, Líder de Especialidades/Polietileno na Braskem. Franck e Ressoio Pierezan conseguiram viabilizar economicamente o negócio com a CNO, que dispunha de outros fornecedores de matéria-prima no exterior, ao definirem a produção e comercialização da resina em períodos em que os preços e condições dos insumos para produzi-la eram mais favoráveis.

“Esperamos que esta seja a primeira de muitas parcerias com a Organização Odebrecht”, diz Adriano Meirelles, Diretor da Divisão Plástico da Brastubo, a única empresa nacional capaz de produzir tubos com mais de 1 m de diâmetro. “Quando estávamos no meio do processo de fabricação, recebemos esse desafio de produzir um tubo com um comprimento duas vezes maior do que havíamos previsto. Concordamos na hora.” Segundo Adriano Meirelles, a garantia da qualidade da matéria-prima fornecida pela Braskem foi o que lhe deu a certeza de que poderia produzir um tubo de PEAD em tamanho recorde. “Abaixo do Rio Branco, que passa diante da fábrica, a 1 km, está a ponte da Rodovia Padre José Manoel da Nóbrega”, relata Meirelles. “Eu achava que o tubo não deveria passar dali, mas acabamos indo mais adiante. Um sucesso.”



[O equipamento pronto para a operação: túnel terá 705 m de extensão]

Shield vai perfurar túnel sob o leito do mar

NA REGIÃO METROPOLITANA DA BAIXADA SANTISTA, NO Estado mais rico do país, a 100 km de São Paulo, a maior cidade da América do Sul, o percentual de domicílios ligados a rede de esgotos pode ser tão baixo quanto os 11% de Itanhaém ou os 17% de Peruíbe. É verdade que em cidades como Santos, a maior da região, a coleta chega a 98% dos domicílios, mas a média das nove cidades da Baixada – Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Praia Grande, Peruíbe, Santos e São Vicente – é de modestos 53% e, se forem excluídos Santos e Guarujá dessa conta, esse índice cai para 35%.

A falta de universalização de um serviço tão vital como esse tem, naturalmente, custo alto para a população. Segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Sedae), a taxa de mortalidade infantil na região, em 2006, foi de 17,58 óbitos para cada 1.000 crianças nascidas, acima da média do Estado de São Paulo, de 13,28 mortes para cada 1.000 nascimentos. “Isso sem falar no impacto sobre a economia da região, sobretudo na indústria do turismo”, diz Marcelo Salles Holanda de Freitas, Diretor de Tecnologia, Empreendimentos e Meio Ambiente da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp).

Para fazer frente a essa situação, o Governo estadual lançou o maior programa de saneamento básico em andamento no país, no valor de R\$ 1,23 bilhão, que tem como objetivo instalar 1.175 km de redes coletoras, coletores-tronco, interceptores e emissários, ligando 120.454 domi-

cílios ao sistema. “Ao fim desse programa, em 2010, 95% de todos os domicílios contarão com rede de esgoto”, afirma Marcelo Freitas. “Um total de 1,6 milhão de moradores e 1,2 milhão de visitantes no período das férias de verão serão beneficiados.”

O extenso programa foi dividido em oito lotes. Coube ao Consórcio CNO-Carioca o lote 2, que prevê a construção de um emissário submarino em Praia Grande e reformas e ampliação do sistema emissário submarino de Santos/São Vicente. Nesse lote estão as maiores novidades tecnológicas, como o *shield* que irá perfurar um túnel de 705 m sob o leito do mar, como parte do emissário submarino de Praia Grande; os tramos de PEAD em tamanho recorde produzidos pela Brastubo com uma resina especial fornecida pela Braskem; a novidade dos *risers* “joão-bobo” desenhados pela Goodyear com exclusividade para a CNO.

“Avaliamos em conjunto com a Odebrecht a oportunidade de usar novidades, como o *shield* na Praia Grande, e aceitamos essa nova tecnologia”, conta Marcelo Freitas. “Foi uma inovação importante, estamos sempre prontos a ajudar o setor com novas soluções operacionais de gestão.” Ele vê a possibilidade de essa parceria se desdobrar em futuros negócios. “A Sabesp tem porte, estrutura, experiência e, agora, autorização legal para concorrer em trabalhos, também no exterior. A parceria com a Odebrecht sem dúvida ajudará a Sabesp a conquistar novos mercados.” ◉

REGISTRO

NOTÍCIAS DA ORGANIZAÇÃO ODEBRECHT

Braskem patrocina GP do Brasil de Fórmula 1

MAURICIO LIMA / AFP PHOTO / AGENCIA O GLOBO



A PARTIR DA ESQUERDA, BERNARDO GRADIN, LÍDER EMPRESARIAL DA BRASKEM, OS PILOTOS FERNANDO ALONSO, FELIPE MASSA E KIMI RAIKKONEN, GILBERTO KASSAB, PREFEITO DE SÃO PAULO, E O DIRETOR ESPORTIVO DA FERRARI, STEFANO DOMENICALI. NO DETALHE, FELIPE MASSA ERGUE O TROFÉU DE CAMPEÃO DA PROVA, FEITO DE PLÁSTICO VERDE



Em uma conversa informal entre diretores da Braskem, clientes e parceiros surgiu a idéia de criar um troféu, produzido com plástico verde (desenvolvido pela empresa a partir do etanol da cana-de-açúcar), para os vencedores do Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, realizado em 2 de novembro, em São Paulo. Em seguida, um novo desafio foi lançado: que esse troféu fosse uma obra de arte desenhada por Oscar Niemeyer. O arquiteto gostou da proposta e levou apenas 15 segundos para traçar o projeto - um volante inspirado nos traços das colunas do Palácio da Alvorada, em Brasília.

A Federação Internacional de Automobilismo aprovou a proposta e, então, deu-se a largada para a produção, na planta piloto da Braskem em Camaçari (BA), da resina de polietileno de ultra-alto peso molecular UTEC, depois utilizada na confecção das peças de polímero verde a serem trabalhadas em máquinas especiais. Na base do troféu, uma placa registra o projeto de Niemeyer e o uso do plástico verde na confecção das peças entregues aos três primeiros colocados e ao construtor vitorioso do GP Brasil de Fórmula 1 disputado no autódromo de Interlagos e que teve a Braskem como um de seus patrocinadores. A prova foi ven-

cida pelo brasileiro Felipe Massa, mas deu ao inglês Lewis Hamilton, quinto colocado no GP, o título de campeão mundial de 2008.

“A arquitetura e a obra de arte devem provocar a emoção, a surpresa. Penso que este troféu tem a marca do inusitado”, disse Oscar Niemeyer à *Odebrecht Informa*. “É motivo de orgulho para uma empresa brasileira apresentar, num evento mundial e de forma pioneira, o resultado de constantes investimentos em tecnologia comprometidos com a sustentabilidade”, afirma o Líder Empresarial da Braskem, Bernardo Gradin, que participou da entrega dos troféus.



MARCELO ODEBRECHT FALA NO EVENTO AGENTES O₂ BRASIL, EM SÃO PAULO: "PRECISAMOS DA MÁXIMA DEDICAÇÃO AO PROJETO"

Evento Agentes O₂ tem seqüência na Bahia e em São Paulo

No fim de setembro, São Paulo e Salvador foram palco da segunda rodada do evento Agentes O₂ Brasil, programa de comunicação do qual participam integrantes da Organização, a maioria gerentes administrativos e financeiros (GAFs), que têm a missão de levar às pessoas que atuam em suas obras e escritórios informações sobre o O₂. Por meio desse projeto está sendo implementado um conjunto de ferramentas para dar mais eficiência às atividades de apoio e que, em 2010, chegará às obras da Odebrecht no exterior.

O fundador Norberto Odebrecht e Marcelo Odebrecht, Vice-Presidente da Odebrecht S.A., estiveram presentes e deram sua contribuição expondo expectativas em relação ao projeto. A participação de Norberto Odebrecht também propiciou uma oportunidade de aprendizado e aprofundamento da Tecnologia Empresarial Odebrecht (TEO).

Em São Paulo, a recomendação de Marcelo Odebrecht referiu-se à necessidade de envolvimento dos integrantes da Organização no Projeto O₂. "É fundamental que todos aqueles que têm de contribuir, contribuam. Sabemos que todos estão atarefados, a dificuldade é grande, mas é fundamental participar. Esta é a hora!", enfatizou. Ele também deixou uma orientação aos Agentes O₂. "Precisamos da máxima dedicação ao projeto. Se perdermos este momento, não teremos outra chance." Para o evento de Salvador, Marcelo fez as mesmas considerações por videoconferência.

Os dois encontros tiveram a participação de 63 pessoas, que foram informadas sobre o andamento do programa e tiveram um retorno do trabalho que realizaram na primeira rodada do Agentes O₂ como "embaixadores" do projeto. Ambos os eventos tiveram início com uma apresentação do Líder do O₂, João

Cumerlato. Depois, os responsáveis pelas Frentes Funcionais de Importação e Exportação, Suprimentos, Finanças e Controladoria do Projeto O₂ demonstraram aos agentes os benefícios e impactos esperados em cada área. A seguir, os agentes expuseram suas principais dúvidas e preocupações, respondidas durante o evento.

Todos os participantes receberam, *kits* com camiseta, caneta, bloco e material de apoio contendo uma apresentação padrão das novidades do O₂ e dois vídeos (Abrangência e Benefícios) para serem exibidos durante as futuras reuniões que farão com os integrantes de suas obras e escritórios. As dúvidas surgidas durante os dois eventos foram consolidadas pela equipe do projeto, enviadas a todos os participantes e disponibilizadas no Portal O₂ <<http://portal02.odebrecht.com>> na aba "Agentes O₂", dentro do item "Perguntas frequentes".



A QUARTA TURMA DO PROGRAMA JOVEM CONSTRUTOR: VISÃO GLOBAL DO NEGÓCIO ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO

Momentos especiais nos programas de formação de jovens

Uma palestra do Diretor da Área de Energia da Construtora Norberto Odebrecht (CNO), Augusto Roque Dias, em 19 de setembro, para 127 estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), marcou o Dia Odebrecht Engenharia e Construção. O tema da palestra foi “Como Transformar um Recurso Hídrico Natural em Geração de Energia Elétrica”. O Dia Odebrecht Engenharia e Construção faz parte do Programa de Relacionamento com as Universidades, cujo objetivo é levar para os estudantes das instituições parceiras os exemplos práticos de engenharia desenvolvidos nos canteiros de obra da CNO.

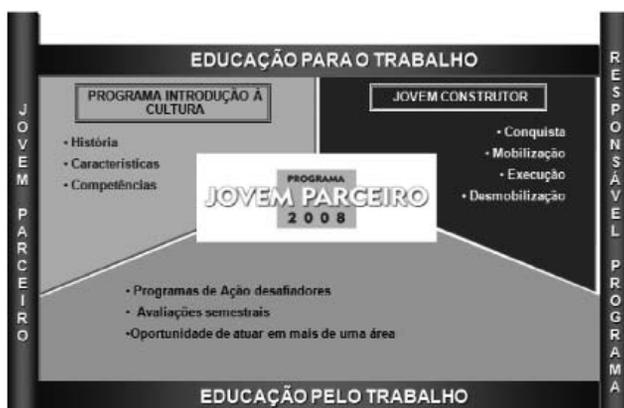
Também em setembro, foram concluídas as atividades da quarta turma do Programa Jovem Construtor, que teve duração de nove meses, com 120 jovens, divididos em duas turmas: uma em Bragança Paulista (SP) e outra em Salvador (BA). Proporcionar uma visão global do negócio engenharia e construção em suas diversas etapas (conquista, mobilização, execução e desmobilização) é o objetivo do Jovem Construtor. A metodologia adotada visa integrar

a educação pelo e para o trabalho com atividades a distância e presenciais. Nas duas cidades, a mensagem de encerramento foi proferida por Paulo Quaresma, Responsável por Organização e Pessoas da área de Infra-estrutura.

A CNO investe na formação de jovens parceiros para que eles sejam os novos líderes do amanhã. Para isso, a empresa realiza o Programa de Relacionamento com as Universidades, o de Introdução à Cultura e o Jovem Construtor.

O Programa de Introdução à Cultura visa integrar o Jovem Parceiro à Organização, proporcionando o conhecimento, o entendimento e a aceitação da Cultura Odebrecht, além de incentivá-lo às primeiras práticas

do Instrumento de Avaliação e do Programa de Ação (PA). Em 2008, 210 Jovens Parceiros concluíram este programa no Brasil. Uma vez integrado à Organização e à sua cultura, no segundo ano os jovens estão prontos para participar do Programa Jovem Construtor.





Ecovela: competições e conscientização

Cem alunos de escolas públicas que integram o Programa de Educação Ambiental Lagoa Viva, desenvolvido desde 2003 com apoio da Braskem, participaram da sexta edição do Ecovela, tradicional evento da comunidade do Pontal da Barra, em Alagoas. O Ecovela combina competições de vela e apresentações folclóricas para conscientizar a população sobre a necessidade de proteger o meio ambiente.

A largada foi dada na manhã de 11 de outubro, após o desfile e a alvorada. Crianças e adolescentes, divididos em 10 equipes, carregavam faixas e 1.500 mudas de rabo-de-bugio, planta da qual é extraída a própolis vermelha, conhecida por suas propriedades anticancerígenas.

As mudas foram plantadas numa região da Restinga do Manguetal, situada no complexo lagunar Mundaú-Manguaba, cuja população vive da pesca, do artesanato e da apicultura. A etapa seguinte ao plantio foi o recolhimento do lixo da Praia da Avenida, localizada nas proximidades. Sem muito tempo para descanso, ao sair da praia os estudantes voltaram para a concentração, onde testaram seus conhecimentos sobre meio ambiente num jogo de perguntas e respostas realizado com a ajuda dos professores do Lagoa Viva.

Ao fim do dia, vitória para os alunos das escolas estaduais Aurelina Palmeira e Anaias de Lima. Eduardo Silva, de 14 anos, disse que o evento proporcionou "diversão e aprendizado". Além das 1.500 mudas plantadas, foram retirados 150 sacos de lixo. "A grande vitoriosa nessa competição foi a Natureza", resumiu a professora Lenice Moraes, coordenadora do Lagoa Viva.



VELAS DURANTE A COMPETIÇÃO E
(ABAIXO) JOVENS PLANTAM MUDAS
DE RABO-DE-BURGIO: DIVERSÃO E
APRENDIZADO

Clientes visitam instalações da Braskem em Alagoas



Executivos das empresas Kep, Vipal e Tubozan, clientes para os quais a Braskem fornece PVC, visitaram em outubro a unidade onde é fabricada essa resina, em Marechal Deodoro (AL). Eles conheceram também o Cinturão Verde da Braskem (área de proteção ambiental no entorno da Unidade de Cloro-Soda), guiados pelo agrônomo Mario Calheiros, consultor da empresa para o projeto.

Calheiros mostrou aos empresários o trabalho de preservação da biosfera realizado no local. “É bonito ver o trabalho da Braskem nessa reserva”, disse o representante da Vipal, Carlos Amodeo.

A visita à planta de PVC foi conduzida por Augusto Del Rey, Gerente de Produção, que mostrou as instalações e

explicou o trabalho realizado na unidade. Paulo Lessa, representante da Kep, disse que a atividade significou uma maior aproximação entre cliente e fornecedor. “Isso dá mais segurança para a manutenção dessa relação”, ressaltou.

Os clientes também puderam acompanhar de perto a sexta edição da competição Ecovela (*veja nota na página ao lado*). A bordo de um barco que seguia o trajeto das velas, o executivo da empresa Tubozan, Donato Zanatta, resumiu a iniciativa como uma ação importante para conscientizar a comunidade local sobre o problema da poluição lagunar. “Nos sentimos muito gratos por conhecer mais a fundo esse trabalho”, disse Donato.

MÁRIO CALHEIROS FALA AOS EMPRESÁRIOS SOBRE O TRABALHO REALIZADO NO CINTURÃO VERDE: PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE COMO FATOR DE ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE A BRASKEM E OS CLIENTES



LADELINO (O SEGUNDO À DIREITA, SENTADO) COM SUA TURMA DO EXECUTIVE MBA IN FINANCIAL SERVICES AND INSURANCE: CAPACITAÇÃO SUPERIOR PARA EXECUTIVOS

Laudelino Soares conclui curso para executivos de finanças e seguros

Laudelino Soares, Responsável na Odebrecht Administradora e Corretora de Seguros (OCS) por apoio ao empresariamento do risco e contratação de seguros e garantias para o Projeto Madeira, graduou-se em 5 de setembro no Executive MBA in Financial Services and Insurance (edição 2006/2008).

O curso, desenvolvido em conjunto pela Vlerick Leuven Gent Management School, da Bélgica, University of St. Gallen,

da Suíça, e Hec Montreal, do Canadá, dá capacitação superior para executivos nas áreas de finanças e seguros e em suas inter-relações operacionais.

A edição 2006/2008 contou com a participação de 23 executivos de importantes instituições de crédito e seguro, entre as quais Zurich Financial Services, Zurich Invest, ING Nationale Nederlanden, Bank Frey & Co. AG, Swiss Re, Rabobank Den Haag, Fortis e Munich Re.



A PARTIR DA ESQUERDA, PROFESSOR JOÃO PAULO A. NUNES, PROFESSORA RAQUEL VILAÇA, CARLOS ETCHEVARNE, RENATO MARTINS, GONÇALVES PEREIRA, PROFESSORA MARIA LURDES CRAVEIRO E PROFESSOR JOÃO SIMÕES; EM PRIMEIRO PLANO O LIVRO "ESCRITO NA PEDRA"

Livro sobre arte rupestre na Bahia é apresentado em Portugal

A cidade de Coimbra, em Portugal, sediou em 10 de outubro o evento de apresentação do livro *Escrito na Pedra: Cor, Forma e Movimento nos Grafismos Rupestres da Bahia*, de autoria de Carlos Etchevarne, vencedor da edição 2006 do Prêmio Clarival do Prado Valladares, realizado pela Organização Odebrecht. Etchevarne é professor de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto.

O evento, realizado no Hotel Quinta das Lágrimas, fez parte do II Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana, promovido pelo Centro de Estudos Arqueológicos. Além de representantes do corpo docente das univer-

sidades de Coimbra e do Porto, estiveram presentes à solenidade, como convidados de honra, Renato Martins, Responsável por Representação e Desenvolvimento de Oportunidades na Odebrecht S.A., e Gonçalves Pereira, Diretor-Superintendente da Odebrecht em Portugal.

Renato Martins ressaltou a importância dada pela Odebrecht aos projetos que valorizam e preservam a cultura das comunidades e destacou o Prêmio Clarival do Prado Valladares, que teve início em 2003. Gonçalves Pereira parabenizou Carlos Etchevarne pela obra que produziu e citou o fundador Norberto Odebrecht: "A confiança no ser humano e no seu desejo de desenvolver-se é um dos fundamentos da Organização Odebrecht".

Carlos Etchevarne, na terceira e última palestra da noite, falou do processo de elaboração do livro, para o qual analisou, em diversas localidades da Bahia, gravuras rupestres deixadas por povos que ali viveram antes da chegada dos portugueses, registrando e transmitindo dessa forma suas concepções de pessoas, animais e plantas. Etchevarne assinalou que existem poucos estudos sobre o assunto, o que torna o livro de grande importância para pesquisadores e curiosos sobre a arte rupestre.

A obra recebeu, em 2008, o Prêmio Aberje São Paulo, concedido pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, na categoria Publicação Especial.

PARCERIA LEVA EDUCAÇÃO SOBRE SAÚDE BUCAL AO BAIXO SUL DA BAHIA

Uma parceria entre o Instituto Direito e Cidadania (IDC) e a OdontoPrev, articulada pela Odebrecht Administradora e Corretora de Seguros (OCS), possibilitou ações de educação sobre saúde bucal na região do Baixo Sul da Bahia, em 7 e 8 de setembro.

“Essa parceria reúne forças para o bem da comunidade. Nosso objetivo é levar informação a respeito da importância da saúde bucal e oferecer atendimento à população”, destaca Vera Zanuto, responsável, na OdontoPrev, pela iniciativa.

Cerca de mil kits com escova e pasta de dente foram distribuídos. Receberam capacitação 60 multiplicadores do município de Ibirapitanga (moradores, alunos e professores do Complexo Educacional Casa Jovem).



MAURÍCIO MEDEIROS, COM O TROFÉU NAS MÃOS, AO LADO DO MINISTRO LUIZ DULCI. AO FUNDO, O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, JOSÉ ALENCAR

Fundação Odebrecht conquista Prêmio ODM Brasil

A Fundação Odebrecht recebeu o 2º Prêmio ODM Brasil, concedido a projetos que colaboram para a conquista dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). A instituição foi a única fundação empresarial a ganhar o prêmio e a contribuir para os oito objetivos em uma mesma iniciativa.

O Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Baixo Sul da Bahia (DIS Baixo Sul), projeto da Fundação Odebrecht, foi o escolhido entre 1.092 inscritos. Em 29 de outubro, foi realizada a cerimônia de premiação no

Palácio do Planalto, em Brasília. Maurício Medeiros, Presidente Executivo da Fundação Odebrecht, recebeu o troféu das mãos do Ministro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Maria Celeste Pereira, Líder do Instituto Direito e Cidadania (IDC), organização ligada ao DIS Baixo Sul, participou do evento. “Foi um momento de reconhecimento, e isso aumenta nossa responsabilidade de fazer do planeta um lugar melhor, e do Baixo Sul, uma referência”, destacou.

Parceiros históricos

Odebrecht e PricewaterhouseCoopers celebram 40 anos de uma caminhada conjunta que se estende hoje a todos os países nos quais a Organização atua

TEXTO **Leonardo Maia** FOTO **Almir Bindilatti**

NO FIM DE 2007, ODEBRECHT E PRICEWATERHOUSECOOPERS completaram 40 anos de parceria. A celebração desse relacionamento ficou para o encontro que aconteceu entre 14 e 17 de outubro de 2008, no hotel Pestana Convento do Carmo, em Salvador.

O evento trouxe à Bahia sócios da Price de 10 países, além do Brasil, e representou uma oportunidade para a realização de um balanço do trabalho de auditoria que a empresa de origem inglesa, fundada em 1849, executa em todos os países onde existem obras da Odebrecht.

No dia 15, na abertura oficial do evento, Álvaro Novis, Vice-Presidente de Finanças da Odebrecht S.A., e Paulo Cesena, Diretor Financeiro da Construtora Norberto Odebrecht (CNO), apresentaram a estrutura empresarial da Organização Odebrecht, enquanto Fernando Alves, Presidente da Price no Brasil, tratou de assuntos relacionados à sua empresa. Em seu pronunciamento, ele lembrou que teve o privilégio de servir às três gerações de empresários da Odebrecht. Atribuiu muito da sua trajetória bem-sucedida na Price ao relacionamento com a Odebrecht, “que sempre me desafiou”. E acrescentou: “Este evento é a expressão da convergência de valores das duas organizações, que reflete o relacionamento profissional de mais de 40 anos”.

Em todos os países em que a Odebrecht atua, a Price surge como parceira, o que facilita a consolidação da auditoria de toda a Organização, no fim de cada ano. Em países como Moçambique e Líbia, o relacionamento é bem novo. “Trouxemos sócios da Price de países onde começamos a atuar mais recentemente ou que foram incorporados há pouco tempo às equipes que nos atendem em países nos quais já estamos estabelecidos. Aqui eles têm a oportunidade de conhecer a cultura da Odebrecht, adquirindo uma visão mais ampla da Organização”, diz Sérgio Barros, Gerente de Controladoria da CNO.

A reunião conjunta realizada no primeiro dia deu lugar às reuniões individuais no dia seguinte, com foco nas prioridades para 2009. “A Price esteve presente em momen-



[Abertura do evento de comemoração, em Salvador: sócios da Price de 10 países vieram ao Brasil]

tos marcantes da nossa trajetória, como, por exemplo, quando saímos para o ambiente internacional e no processo de aquisição e reestruturação societária da Braskem. Um encontro deste tipo é importante para a comunicação, para o alinhamento e para o compartilhamento de exemplos de sucesso deste trabalho conjunto”, pontua Paulo Cesena.

Felipe Ayoub, sócio da Price responsável pelo atendimento à Organização no Brasil, ressalta as semelhanças entre a filosofia das duas empresas. “O trabalho da Price com a Odebrecht mostra como uma relação de sucesso com cliente não interfere no processo de auditoria. Nossa filosofia é também muito parecida com a da Odebrecht, com princípios como a confiança nas pessoas, o espírito de servir e o foco no cliente”, explica. No último dia do evento, dia 17, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a Tecnologia Empresarial Odebrecht, com a palestra de Márcio Polidoro, Responsável por Comunicação Empresarial na Odebrecht S.A., e com a visita ao Núcleo da Cultura Odebrecht, na sede da Organização. ●

[Ademir: livro
estará pronto em
novembro de 2009]

A geografia de Theodoro

Projeto sobre Theodoro Sampaio, um dos engenheiros mais importantes do Império e da primeira República, filho de uma escrava, é o vencedor do Prêmio Clarival do Prado Valladares em 2008

TEXTO Karolina Gutiez FOTOS Luciano Andrade

THEODORO SAMPAIO: UM NEGRO, BAIANO, NASCIDO EM 1855 em um engenho de cana-de-açúcar, filho bastardo de uma escrava com um padre, e que se tornou um dos mais importantes engenheiros do Império e da primeira República. A descrição, que revela sua trajetória de exceção, num período de extremo preconceito racial, já justificaria um estudo sobre a vida desse ilustre personagem da História do Brasil. Entretanto, ao contrário do que merecia, uma vez que muito contribuiu para a modernização do país, a partir do conhecimento científico que gerou, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, pouco se sabe sobre ele.

Para suprir essa lacuna nos estudos sobre o Brasil moderno, o paranaense Ademir Pereira dos Santos, vencedor da quinta edição do Prêmio Clarival do Prado Valladares, está se dedicando à pesquisa sobre a vida e a obra de Theodoro Sampaio.

O arquiteto Ademir deparou com a figura do engenheiro Theodoro quando fazia mestrado em História, na Universidade Estadual Paulista, em Assis (SP), em 1992. Ao investigar as origens da urbanização do Vale do Paranapanema, região do interior paulista, chegou à Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, instituição criada em 1886, responsável pela primeira expedição de levantamento topográfico e geográfico dessas terras, até então devolutas, realizada no mesmo ano, sob o comando de Theodoro Sampaio. As informações sobre o Paranapanema provenientes dessa diligência são as mais antigas de que se tem notícia.

OPORTUNIDADES E DEDICAÇÃO

Theodoro Sampaio foi separado da mãe escrava aos dois anos e levado para a cidade de Santo Amaro da Purificação. Com 10 anos, em 1865, seguiu para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro, onde estudou em um colégio elitista, o São Salvador, em regime de internato. Sua educação foi custeada pelo pai, que representa a primeira incerteza sobre Theodoro. Não se sabe se o padre foi realmente seu progenitor ou se apenas registrou o menino no lugar do Conde de Aramaré, o fazendeiro Antônio da Costa Pinto, seu protetor durante os anos de estudos primários e secundários e na

Escola Politécnica do Rio de Janeiro, concluída em 1877.

A carreira profissional do jovem Theodoro começou no Museu Nacional, onde era professor e auxiliar de pesquisa. Na instituição, o engenheiro conheceu aquele que viria a se tornar seu mentor e um grande amigo: o norte-americano naturalizado brasileiro Orville Derby, considerado o pai da geologia no Brasil. Derby integrava a Comissão Geológica e Geográfica do Império e convidou Theodoro para ser seu assistente, com a função de organizar os resultados das expedições realizadas pelo Brasil.

Dedicado e inteligente, já em 1879, aos 24 anos, Theodoro Sampaio foi indicado para fazer parte da Comissão Hidráulica do Império, constituída para estudar os portos e a navegação fluvial brasileira e liderada pelo norte-americano William Milnor Roberts, que tinha como referência a navegação a vapor praticada, principalmente, no Rio Mississippi. Os americanos partiram e Theodoro foi escolhido para liderar a equipe que realizaria as obras previstas na bacia do Rio São Francisco e no seu entorno, inclusive a ferrovia Bahia ao São Francisco, que ligaria o rio ao litoral. Ele percorreu e mapeou a região por sete anos.

Amigo do também engenheiro Euclides da Cunha, contratado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para ser correspondente na Guerra de Canudos, Theodoro o munuiu de descrição geológica e cartográfica detalhada sobre a região da bacia do São Francisco, material que contribuiu para a produção de *Os Sertões*, obra-prima da literatura brasileira.

CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA

Quando Orville Derby foi convidado a organizar e dirigir a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, em 1886, não teve dúvidas em chamar o amigo e antigo assistente para ser seu braço direito. As expedições que organizavam tinham uma visão integrada de investigação de uma região e eram multidisciplinares. Envolviam profissionais como botânicos, engenheiros, zoólogos, topógrafos, cartógrafos e fotógrafos.

“Com as informações geográficas que produziram, deram suporte às ações administrativas, como o controle

O escolhido entre 338 trabalhos inscritos

Ademir Pereira dos Santos foi o vencedor da 5ª edição do prêmio instituído pela Organização Odebrecht em 2003. Seu projeto “Mapas e Rios: a produção cartográfica de Theodoro Sampaio” foi escolhido entre 338 projetos inscritos, um número recorde. Foram enviados trabalhos de 24 estados

brasileiros. O livro, com o resultado de sua pesquisa, será lançado em novembro de 2009.

A comissão julgadora que analisou os projetos finalistas foi integrada por Gilberto Sá, membro do Conselho de Administração da Odebrecht S.A. e Presidente da Fundação Pierre Verger, de Salvador; pelos professo-

res Francisco Soares Senna, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e Otávio Dulci, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); pelo diplomata, poeta e tradutor Geraldo Holanda Cavalcanti; pelo jornalista e escritor Humberto Werneck, e por Voltaire Schilling, Diretor do Memorial do Rio Grande do Sul.

das terras públicas e o serviço de combate às pragas nas plantações de café de São Paulo, além dos investimentos em infra-estrutura e exploração econômica do estado”, afirma Ademir, que acrescenta: “Um mapa é um instrumento para uso econômico, militar e de domínio físico, sem o qual não é possível tornar uma região próspera economicamente”. As informações produzidas pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo foram divulgadas em outros países, como a Itália, com o objetivo de atrair imigrantes.

No período em que permaneceu em São Paulo, de 1886 a 1904, fez o mapeamento cartográfico do estado e organizou, ainda, os serviços de água e esgoto, inicialmente trabalhando para a Prefeitura da capital e depois para o Governo estadual, atuando na ampliação do Porto de Santos, que não tinha mais capacidade para escoar a abundante produção de café para os mercados internacionais.

“Theodoro Sampaio é responsável pelo início da produção científica sob uma ótica brasileira. Até então, tudo o que havia sido produzido sobre nosso país era fruto do trabalho de cientistas estrangeiros – norte-americanos e europeus – atraídos pela fauna e flora exuberantes. Ele fez a transição, e essa é sua principal contribuição para o Brasil”, ressalta o pesquisador. Não foi pouco. Sobretudo por se tratar de um negro, num período em que o preconceito racial imperava. Sem renegar as origens, assim que pôde comprou a alforria da mãe e de três irmãos, quando ainda morava no Rio de Janeiro.

Theodoro, além de cientista e engenheiro civil, desempenhava papéis complementares. Atuou como arquiteto, urbanista, antropólogo, historiador, cartógrafo, geógrafo, geólogo e desenhista, habilidade que dominava, em especial o desenho artístico e paisagístico. “Arrisco dizer que ele foi o primeiro antropólogo da História, pois em suas expedições analisava os costumes dos caboclos e dos povos indígenas. Não se limitava ao potencial dos recursos naturais do Brasil. Considerava também a sua riqueza cultural e suas particularidades”, revela Ademir.

DE VOLTA À TERRA NATAL

O retorno à Bahia, onde ficou 30 anos, foi em 1905. Em Salvador, o agora empresário Theodoro Sampaio assinou um contrato com a Prefeitura para implantar os serviços de abastecimento de água e tratamento de esgoto na capital. Participaria, além da concepção do projeto, de sua execução. Não foi bem-sucedido, porque as verbas de que o município dispunha não eram suficientes para as obras necessárias, o que o frustrou muito.

Em 1919, Theodoro elaborou o plano para a Cidade da Luz, atual bairro da Pituba, considerado um projeto urbanístico arrojado e de grande porte. Foi deputado federal de 1927 a 1929 e fez parte do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, como orador, editor e presidente, de 1922 a 1936.

Theodoro Sampaio morreu no ano seguinte, no Rio de Janeiro, mas a causa de sua morte, assim como muitos capítulos de sua vida, é desconhecida. Ainda. ○



O Espírito de Servir transformado em Resultados

Jovens Talentos: seu investimento com retorno em dobro



Duplo benefício:
Você contribui com o desenvolvimento de centenas de jovens e ainda pode abater do Imposto de Renda.

Conheça o Programa

O Programa Tributo ao Futuro viabiliza investimentos em projetos que educam Jovens Talentos e formam uma nova geração preparada para construir o futuro.

Seu investimento é depositado diretamente no Fundo da Infância e da Adolescência (FIA) e repassado aos projetos que você escolher.

O investimento será abatido do imposto a pagar, ou acrescido ao imposto a restituir, corrigido pela taxa Selic.

Como investir

O investimento com recursos próprios pode ser realizado até 29 de dezembro.

Se preferir, o Integrante Odebrecht pode pedir adiantamento de recursos até 20 de dezembro. Assim, o valor investido agora só será descontado em 2009, em julho, agosto e setembro.

Se você utiliza o formulário simplificado ou é isento de Imposto de Renda, seu investimento pode ser feito como doação.

Como funciona



Benefício Fiscal

Declarando Imposto de Renda pelo formulário completo, seu investimento retorna como benefício fiscal, no limite de até 6% do imposto apurado no exercício.

Saiba quanto pode destinar utilizando o nosso simulador, com base apenas no último contra-cheques.



www.tributoaofuturo.org.br
faleconosco@tributoaofuturo.org.br
(21) 2559-3037 | (21) 2559-3137

Realização:

FUNDAÇÃO ODEBRECHT

ODEBRECHT

Brasileira

ETH

ODEBRECHT

ODEBRECHT

ODEBRECHT

ODEBRECHT

ODEBRECHT

ODEBRECHT



[Marina de Jesus e
Erivaldo da Silva:
alertando sobre
agressões ao meio
ambiente]



Uma câmera na mão e muitos sonhos a realizar

No Baixo Sul da Bahia, jovens se capacitam para utilizar instrumentos de comunicação e elaborar conteúdos de interesse da comunidade

TEXTO Mariana Menezes FOTOS Eduardo Moody

UMA CÂMERA FOTOGRÁFICA E UMA FILMADORA. ISSO ERA TUDO QUE OS JOVENS ERIVALDO DA SILVA E Marina de Jesus precisavam para realizar seu trabalho. Bastaram alguns minutos de caminhada em meio ao que restou da Mata Atlântica no município de Nilo Peçanha para entender sua motivação. “Resolvemos gravar um vídeo-documentário para mostrar às pessoas o que elas estão fazendo. Essa região era de mata virgem e foi destruída por causa da extração de madeira”, lamenta Marina.

O vídeo-documentário é um dos sete trabalhos de conclusão do curso de formação da Rede de Comunicadores Voluntários. Uma iniciativa do Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul da Bahia (Ides), o curso capacitou 19 jovens beneficiados pelo Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Baixo Sul da Bahia, apoiado pela Fundação Odebrecht.

Ao longo de um ano, os jovens foram habilitados para a utilização de instrumentos de comunicação e elaboração de conteúdos de interesse da comunidade. Oficinas ministradas por profissionais voluntários propiciaram a formação técnica em língua portuguesa, expressão oral, corporal e escrita, além de noções básicas de comunicação.

A Rede tem como objetivo aprimorar a visão crítica dos participantes sobre sua realidade, ao mesmo tempo em que estimula o protagonismo juvenil no processo de transformação social. O principal meio de disseminação e multiplicação das boas práticas idealizadas pela comunidade é o jornal *Diga! Baixo Sul*. O periódico, publicado a cada dois meses, é alimentado pelos próprios comunicadores voluntários. Identificadas as vocações de cada um, assumem responsabilidades como definição de pautas, redação de matérias e produção de fotografias.

“O *Diga! Baixo Sul* é um exemplo de como a comunicação pode ser utilizada como instrumento de desenvolvimento comunitário”, diz Liliana Leite, Líder Executiva do Ides. Segundo ela, o jornal é um canal de comunicação direta com a população local por meio do qual o jovem se comunica com a alma. “Questões como resgate às origens, valores éticos, a prática da democracia participativa e o protagonismo comunitário são trabalhadas em rede, de forma integrada”, complementa.

Rogério Arns, especialista em Desenvolvimento Comunitário e idealizador da Rede de Comunicadores, explica que o objetivo não é formar jornalistas, nem escritores, mas sim agentes de desenvolvimento local com facilidade para se comunicar e articular parcerias. “Um bom produtor rural, que tenha habilidade para comunicação, conseguirá mobilizar mais pessoas do que aquele que é bom com a terra, mas, por exemplo, não consegue participar de uma reunião, não tem aptidão para escrita e acaba se fechando em si mesmo”, afirma Arns.

PILARES DO FUTURO

Dia de lua minguante e maré seca. Onde deveria haver lama, vê-se uma mistura de terra e areia. Manguezal a perder de vista. Entre galhos retorcidos e raízes expostas, buracos no solo indicam a existência de mariscos e crustáceos. Mas Seu Cosme avisa: “Em abundância aqui, só aratu”. Morador do município de Igrapiúna, no Baixo Sul da Bahia, Cosme da Silva, 67 anos, que já morou em outras



localidades da região, tem na memória o passado próspero da Mata Atlântica, uma época em que “animais de caça” e “muita madeira boa” não faltavam. Seu Cosme é pai e entrevistado de Erivaldo, um dos jovens que está produzindo o vídeo-documentário, mas, acima de tudo, é sua razão de viver.

“Quando pensava que meu pai já teve cinco hectares de terra e que hoje a gente luta por um canto para viver, tinha vontade de desistir dos estudos e procurar um emprego. Hoje, sei que para devolver ao meu pai o sorriso que tinha no rosto, que já não vejo há muito tempo, tenho de estudar”, diz Erivaldo. O jovem que sonha em ser agrônomo não espera na janela o tempo passar. A água salgada que parece faltar no mangue agora nasce de seus olhos e faz germinar a esperança de que dias melhores virão.

Erivaldo sabe que seu futuro é fruto das escolhas que faz no presente, e que, por isso, deve aproveitar todas as oportunidades que surgirem para melhorar sua vida e de sua família. “Com a Rede de Comunicadores Voluntários, estou aprendendo coisas novas. Ser comunicador, para mim, é conhecer pessoas e interagir com elas, e essa troca é o que amplia nosso conhecimento”, conclui.

MEU LUGAR É AQUI

Rogério Arns argumenta que a comunidade deve ser o sujeito de seu próprio desenvolvimento, e não o

objeto. Nesse cenário, os jovens, futuros líderes locais, surgem como atores estratégicos do processo em função da sua capacidade de aprender e de realizar. É o caso de André Carlos Conceição, 21 anos. “Quando começaram as primeiras oficinas da Rede de Comunicadores, encarei o desafio como mais uma forma de levar conhecimento à minha comunidade”, lembra.

Desde os 10 anos, quando teve os primeiros contatos com o rádio, André sonhava em trabalhar com comunicação. Enquanto a

oportunidade de fazer o tão desejado curso de locução não aparece, ele encontra outra forma de contribuir para que a informação circule no município onde mora. Em seu projeto de conclusão do curso, o jovem morador da comunidade de Lagoa Santa, em Ituberá, está resgatando tradições da região para elaborar um calendário anual com destaques para as datas comemorativas e as manifestações culturais locais.

Liliana Leite salienta que a Rede de Comunicadores é um exemplo de que boas práticas fortalecem a comunidade e suas raízes. “Os projetos desses jovens são ações simples, realizadas de maneira voluntária e que não necessitam de muitos recursos, mas sim de articulação.”

André Carlos tem um longo trabalho pela frente, mas apoio não lhe falta. Além de contar com a colaboração de Josenildo Normandia, Secretário de Cultura do Município de Ituberá, os moradores de Lagoa Santa o ajudam contando histórias e narrando fatos de suas próprias vidas que ficaram no passado, mas ainda estão presentes em suas lembranças. “É gratificante ver que a população e o governo local estão dispostos a ajudar. Isso é o reconhecimento do nosso trabalho”, comemora André.

Para se sentir plenamente realizado, além de fazer o curso de locução, André pretende permanecer em sua comunidade e multiplicar o que aprendeu. “Quero trabalhar com comunicação e passar os conhecimentos adquiridos. Com organização e determinação, conseguimos concluir as etapas, uma de cada vez”. ◉

ODEBRECHT S.A.

SALVADOR - BA (SEDE)
 Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
 Edifício Odebrecht
 41730-900 Salvador, BA - Brasil
 Tel. (71) 2105.1111 / 3206.1111
 Fax. (71) 2105.1112 / 3206.1112

SÃO PAULO - SP

Av. das Nações Unidas, 8501
 32º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3096.8000
 Fax. (11) 3096.8500

BRASÍLIA - DF

SAS Qd. 5, Bl. N. 9º andar
 Edifício OAB
 70438-900 Brasília, DF - Brasil
 Tel. (61) 3316.2525
 Fax. (61) 3316.2555

RIO DE JANEIRO - RJ

Praia de Botafogo, 300
 11º andar, Ala A - Botafogo
 22250-040
 Rio de Janeiro, RJ - Brasil
 Tel. (21) 2559.3000
 Fax. (21) 2552.4448

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.

RIO DE JANEIRO - RJ (SEDE)
 Praia de Botafogo, 300
 11º andar - Botafogo
 22250-040
 Rio de Janeiro, RJ - Brasil
 Tel. (21) 2559.3000
 Fax. (21) 2552.4448

SÃO PAULO - SP

Av. das Nações Unidas, 8501
 28º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3096.8000
 Fax. (11) 3096.8500

BELO HORIZONTE - MG

Av. Álvares Cabral, 1777
 19º andar - Santo Agostinho
 30170-001
 Belo Horizonte, MG - Brasil
 Tel. (31) 3299-6700
 Fax. (31) 3299.6775

BRASÍLIA - DF

SAS Qd. 5, Bl. N. 9º andar
 Edifício OAB
 70438-900 Brasília, DF - Brasil
 Tel. (61) 3316.2525
 Fax. (61) 3316.2555

RECIFE - PE

Rua Antônio Lumack do Monte
 128 - 16º andar, sala 1603
 Edifício Empresarial
 Center III - Boa Viagem
 51020-350 Recife, PE - Brasil
 Tel. (81) 3464.1200
 Fax. (61) 3464.1250

SALVADOR - BA

Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
 Edifício Odebrecht
 41730-900 Salvador, BA - Brasil
 Tel. (71) 2105.1111 / 3206.1111
 Fax. (71) 2105.1112 / 3206.1112

ANGOLA

• **ODEBRECHT ANGOLA PROJECTOS E SERVIÇOS LTDA.**
 • **OSEL - ODEBRECHT SERVIÇOS NO EXTERIOR LTD.**
 • **ODEBRECHT MINING SERVICES, INC.**
 Parque Empresarial Odebrecht
 Av. Eng. Pedro de Castro
 Van-Dúnem "Loy", s/nº
 Luanda Sul
 Luanda - Angola

ARGENTINA

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
 Reconquista 1166, Piso 10
 Capital Federal
 C.P. C1003ABX
 Buenos Aires - Argentina

BOLÍVIA

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
 Av. Arce y Rosendo Gutiérrez
 Edifício Multicentro, Torre B,
 Piso 6 - Of. 602
 La Paz - Bolívia

CHILE

CONSTRUTORA ODEBRECHT CHILE S.A.
 Av. Lib. B. O'Higgins 292, Of. 21
 Metro U. Católica
 CP 6501242
 Santiago de Chile - Chile

COLÔMBIA

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT DE COLOMBIA LTDA.
 Avenida 15, nº 100-69, Of. 603
 Edifício Vanguardia
 Bogotá - Colombia

EMIRADOS ÁRABES UNIDOS

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
 Zayed the 1st Street, Mermaid
 Tower, Mezzanine 1 & 2
 Khalidiya - P.O. Box 37600
 Abu Dhabi
 United Arab Emirates
 Zomorrodah Building, Block A,
 1st floor, Office 15 A
 Al Zabeel Road, Al Karama
 P.O.Box 114155
 Dubai - United Arab Emirates

ECUADOR

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT DEL ECUADOR S.A.
 Av. 12 de Octubre 1942
 y Cordero - Ed. World Trade
 Center, Piso 8, Of. 808, Torre A
 Quito - Ecuador

ESTADOS UNIDOS

ODEBRECHT CONSTRUCTION, INC.
 201 Alhambra Circle, Suite 1400
 Coral Gables
 Florida 33134 - USA
 1515 Poydras Street, Suite 1020
 New Orleans
 Louisiana 70112 - USA

LÍBIA

ODEBRECHT ENGINEERING & CONSTRUCTION LTD.
 Trípoli International
 Airport - New Terminal Building
 Airport Road - P.O.BOX 287
 Trípoli - Libia

MÉXICO

• **CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.**
 • **ODEBRECHT INGENIERÍA Y CONSTRUCCIÓN DE MÉXICO S. DE R.L. DE C.V.**
 Jaime Balmes 8, Piso 6
 Colonia Los Morales Polanco
 CP 11510
 México - D.F.

MOÇAMBIQUE

OSEL - ODEBRECHT SERVIÇOS NO EXTERIOR
 Av. 24 de julho 8 - 4º andar sala A
 CP 4213
 Maputo - Moçambique

PANAMÁ

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
 Punta Pacífica, Torres de las
 Américas, Torre B, Piso 6,
 Of. 605B - Ciudad de Panamá
 República de Panamá

PERU

ODEBRECHT PERÚ INGENIERÍA Y CONSTRUCCIÓN S.A.C.
 Av. Víctor Andrés Belaúnde,
 280, Of. 502 - San Isidro
 Lima - Perú

PORTUGAL

BENTO PEDROSO CONSTRUÇÕES S.A.
 Quinta da Fonte - Rua Quinta
 da Quintã
 Edifício D. João I, nº 4,
 Piso 1B - 2770-203
 Paço de Arcos - Portugal

REPÚBLICA DOMINICANA

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
 Calle Pedro Henríquez Ureña,
 nº 152
 Edifício Profesional Torre
 Diandy, XIX, local 8B, Piso 8
 La Esperilla - Distrito Nacional
 República Dominicana

VENEZUELA

CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT S.A.
 Centro Empresarial Torre
 Humboldt
 Piso 10, Of. 10-13
 Av. Rio Caura, Prados del Este
 Caracas - Venezuela

BRASKEM S.A.

Av. das Nações Unidas, 8501
 24º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3576-9000
 Fax. (11) 3576.9532

ODEBRECHT ÓLEO & GÁS

Praia de Botafogo, 300
 10º andar - Botafogo
 22250-040
 Rio de Janeiro, RJ - Brasil
 Tel. (21) 2559.3000
 Fax. (21) 2552.4448

ODEBRECHT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS

Av. das Nações Unidas, 8501
 27º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3096.8000
 Fax. (11) 3096.8602

ODEBRECHT ENGENHARIA AMBIENTAL

Av. das Nações Unidas, 8501
 31º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3096.8000
 Fax. (11) 3096.8001

ODEBRECHT INVESTIMENTOS EM INFRA-ESTRUTURA LTDA.

Av. das Nações Unidas, 8501
 28º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3096.8000
 Fax. (11) 3096.8500

ETH BIOENERGIA S.A.

Av. das Nações Unidas, 8501
 26º andar
 Ed. Eldorado Business Tower
 05425-070 São Paulo, SP - Brasil
 Tel. (11) 3096.8000
 Fax. (11) 3096.8636

OCS - ODEBRECHT

ADMINISTRADORA E CORRETORA DE SEGUROS LTDA.
 Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
 Edifício Odebrecht
 41730-900 Salvador, BA - Brasil
 Tel. (71) 2105.1111 / 3206.1111
 Fax. (71) 2105.1112 / 3206.1869

ODEPREV

ODEBRECHT PREVIDÊNCIA
 Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
 Edifício Odebrecht
 41730-900 Salvador, BA - Brasil
 Tel. (71) 3206.1656
 Fax. (71) 3206.1467

FUNDAÇÃO ODEBRECHT

Av. Luís Viana, 2841 - Paralela
 Edifício Odebrecht
 41730-900
 Salvador, BA - Brasil
 Tel. (71) 3206.1752
 Fax. (71) 3206.1668



ODEBRECHT

Fundada em 1944, a Organização Odebrecht atua nas áreas de Engenharia e Construção, de Química e Petroquímica e de Açúcar e Álcool.

Seus 78 mil Integrantes estão presentes em países da América do Sul, América Central, América do Norte, África, Europa e Oriente Médio. Desenvolvem ações sociais e culturais nas comunidades em que estão presentes. A atuação de cada um deles tem como referência uma filosofia empresarial própria, nascida e aprimorada na prática. Entre os princípios fundamentais dessa filosofia estão a confiança nas pessoas, a satisfação dos Clientes, a descentralização, a parceria entre os Integrantes, o retorno aos Acionistas e o reinvestimento dos resultados.

www.odebrecht.com.br